UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

MICHEL PRATINI BERNARDO DA SILVA

AUTORIA EM SERMÕES RELIGIOSOS À LUZ DA PERSPECTIVA DIALÓGICA DA LINGUAGEM

João Pessoa
2017

MICHEL PRATINI BERNARDO DA SILVA

AUTORIA EM SERMÕES RELIGIOSOS À LUZ DA PERSPECTIVA DIALÓGICA DA LINGUAGEM

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística – PROLING – da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, *Campus* I, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguísticas e Práticas Sociais
Linha de Pesquisa: Discurso e Sociedade
Orientador: Prof. Dr. Pedro Farias Francelino

João Pessoa
2017

S586a Silva, Michel Pratini Bernardo da.
Autoria em sermões religiosos à luz da perspectiva dialógica da linguagem / Michel Pratini Bernardo da Silva. - João Pessoa, 2017.
125 f.

Orientador: Pedro Farias Francelino.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/ CCHL

1. Linguística. 2. Discursos e Sociedade. 3. Autoria. 4. Sermões Religiosos. 5. Pregador Reformado. I. Título.

UFPB/BC CDU: 801(043)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística – PROLING – da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, *Campus* I, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Aluno: Michel Pratini Bernardo da Silva

Dissertação apresentada em: 19 de abril de 2017.



Orientador (a): Prof. Drº. Pedro Farias Francelino

Examinador (a) Externo (a): Profª. Drª. Laurenia Souto Sales



Examinador (a) Interno (a): Profª. Drª. Maria Ester Vieira de Sousa

DEDICO

ao Deus soberano, porque de um modo assombroso, e tão maravilhoso fui feito; maravilhosas são as tuas obras, e a minha alma o sabe muito bem. (Salmos 139:14). Agradeço por tão grande amor!

a minha família, presente de Deus!

à Mábia (Falsi), por essa recíproca amizade que, dia a dia, tem me fortalecido.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, quero agradecer a Deus por esse único, irrepetível e singular acontecimento da minha existência, sem o qual, provavelmente, não teria motivação para conquistar os aprendizados e as experiências importantíssimos na construção desta dissertação. Autorar cada fase da nossa própria vida é uma graça concebida pelo Autor dos autores, é um presente que jamais teremos como lhe retribuir, afinal, tudo é graça, infinitamente graça. A palavra, neste momento, é ***gratidão***! Faço minha a colocação do salmista: "Que darei ao Senhor por todos os benefícios que me tem feito?".

Registro também os meus agradecimentos aos que constituem minha família, ceio dos afetos, dos carinhos e da educação que recebi. Louvo a Deus pela vida da minha mãe, Mônica, pela existência do meu pai, Carlos, e pela parceria da minha irmã, Patrícia. Vocês merecem toda a minha consideração, porque galgaram, junto comigo, esta conquista. Que Deus retribua, em dobro, aquilo que semearam em minha vida. Agradeço pela possibilidade de criarmos o Théo, o bebê chow mais lindo que existe no mundo. Ele trouxe alegrias e risos incontroláveis para a nossa família. Obrigado!

Agradeço a três amigas especiais que levo em meu coração pelo carinho e pelo apoio que me têm dado durante os bons e maus momentos da vida. Primeiramente, obrigado Mábia, vulgo Falsi, por agir diversas vezes como um anjo em minha vida, especialmente em momentos conturbados do mestrado. Louvo a Deus, porque, durante o aperto, ela me estimulou a buscar ajuda, ou melhor, foi comigo. Agradeço por todas as suas atitudes de solidariedade! Muito obrigado, Aniely, vulgo Meireles! Redescobrimos uma parceria que há anos estava adormecida. Sou muito grato porque sempre olhastes para a minha essência, buscando conhecer o melhor de mim. Jesus a recompense! Por fim, e não menos importante, agradeço a Damaris, vulgo Frustreca, pela irmandade e pelas brigas cotidianas! Louvo a Deus pelo seu apoio e carinho de sempre, mas de sempre mesmo! Deus a abençoe!

Agradeço também as amigas Maria do Carmo, Ana Elizabeth, Cristina, Solange e os demais que representam a maravilhosa turma de Letras 2009.2, com a qual tive a oportunidade de conviver por quatro anos e meio. Todos, dialogicamente, contribuíram para o desenvolvimento e amadurecimento do conhecimento que tenho hoje. Meus eternos agradecimentos também pelas boas conversas, pelas estrondosas gargalhadas, pelas rotineiras comemorações de aniversários etc.

Deixo meus agradecimentos ao professor Pedro, meu orientador, pelo carinho e pela paciência durante o mestrado. Que o Senhor o recompense por cada semente plantada desde

as primeiras orientações no PIBID. Já temos uma história acadêmica juntos, pois são muitos anos de caminhada. Espero que possamos continuar nossa parceria no doutorado, se assim Deus quiser. Aproveito o ensejo para externar meu carinho pelas professoras Fátima Melo, Graça Carvalho e Suzaneide Rego, orientadoras que, durante anos, regeram, com maestria, o PIBID/UFPB. Obrigado por plantar a sementinha da docência no meu coração. O meu carinho por todas vocês, com certeza, transcende os muros da academia. Deus as abençoe!

Agradeço à banca examinadora constituída pela professora Ester Vieira e pela professora Laurenia Sales. Seus excedentes de visão, sem dúvidas, ajudaram a lapidar este trabalho. Sou grato pela leitura atenciosa, pelas observações e pelas sugestões preciosas. De maneira especial, externo minha gratidão à professora Ester por participar, até então, de todas as bancas em que fui alvo de avaliação. Espero que possamos dialogar bastante nessa trajetória acadêmica. Registro aqui meu carinho e admiração por esta profissional!

Não posso deixar de ressaltar a importância do GPLEI, uma vez que esta pesquisa é, inteiramente, dialógica. Neste enunciado, há ecos e ressonâncias de cada integrante desse maravilhoso grupo de pesquisa. Minha gratidão, de modo especial, aos coordenadores, professora Fátima e professor Pedro, bem como aos colegas e amigos mais chegados: Julia, Elias, Fabíola, Manassés, Bernadete, Symone, Wilder, Ramísio, Rony, Janielle, Ana Karla, Raniere e Ilderlândio. Que possamos seguir produzindo muitos diálogos bakhtinianos!

Por fim, agradeço, afetuosamente, a todos que contribuíram para o andamento e o acabamento relativo desta pesquisa. Certo de que todo enunciado é um elo da complexa e organizada cadeia de enunciados, espero, a partir deste trabalho, suscitar muitas réplicas, respostas responsivas ativas, afinal, esta é a essência do conhecimento científico.

Minha gratidão a todos!

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal (Bakhtin [1979]; 1992)

RESUMO

Neste trabalho, buscou-se investigar a autoria em sermões religiosos de pregadores reformados. Para isso, partiu-se das seguintes questões de pesquisa: *como* o sacerdote, integrante das instituições religiosas oriundas da reforma protestante, se constitui autor do seu enunciado imerso em campo discursivo e ideológico permeado por discursos de outrem? *Quais* os indícios linguísticos, enunciativos e discursivos que revelam sua autoria? Com base nisso, objetivou-se analisar a constituição da autoria em sermões religiosos de pregadores protestantes reformados. Especificamente, visou-se descrever, analisar e interpretar os aspectos linguísticos, enunciativos e discursos que revelam a constituição da autoria nos sermões estudados. Utilizou-se como pressupostos teórico-metodológicos a perspectiva dialógica da linguagem proveniente das reflexões de *Bakhtin e o Círculo*, bem como os estudos discursivos que se pautam por ela. A pesquisa foi de cunho qualitativo-interpretativista, bem como se caracterizou como um estudo descritivo, explicativo e interpretativo. O *corpus* foi composto de 4 sermões religiosos de pregadores reformados coletados no *site Youtube.* Entretanto, 2 deles, produzidos em congressos religiosos destinados para públicos diferentes, se constituíram a amostra analisada nesta dissertação. Após essa etapa, seguiram-se com a transcrição, a descrição, a análise e a interpretação dos dados, a fim de se chegar às considerações finais. Os resultados apontaram que o pregador 1 convocou simulações de vozes de fieis e de líderes pentecostais e neopentecostais, com uma tonalidade irônico-cômica, para descontruir o conceito de fé dessas vertentes do cristianismo. Entre as escolhas estilísticas que selecionou no processo construção do sermão, observamos termos como "mistério", "invisível" e "feitiçaria". Já o pregador 2 dialogou, de forma recorrente, com discursos bíblicos, considerado, na perspectiva cristã, como a palavra de Deus que não pode ser contestada. Na produção do sermão, a instância autoral utilizou uma tonalidade de repreensão, de doutrinação e, em alguns momentos, de ameaça. Alguns termos lexicais como "boiolas", "mariquinhas" "bissexuais", "endemoniadas" mostraram-se, no fio do discurso, como escolhas estilísticas ofensivas. Dessa forma, concluímos que os autores-pregadores, imersos em seus campos discursivos permeados por discursos de outrem (OD), ao construírem seus enunciados, enquadram e avaliam o discurso de outrem (OD) mediante seu querer-dizer, realizam escolhas estilístico-valorativas e empregam, aos enunciados, uma tonalidade dialógica.

PALAVRAS-CHAVE: Autoria. Discurso religioso. Sermão. Pregador reformado.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to investigate the authorship in sermons of preachers. Therefore, some questions were stablished in order to guide this research: *how* does a priest, integrant of Religious institutions derived from the Protestant Reform, is author of his statement immersed in a discursive and ideological field full of others' discourse? *Which* are the linguistic, discursive and enunciatively evidences that unveil his authorship? On this basis, this paper aims to analyze the constitution of authorship in religious sermons of protestant preachers. It aimed in particular to describe, analyze and interpret the linguistic, discursive and enunciatively aspects that reveal the constitution of the authorship in the studied sermons. As methodological and theoretic basis, it can be mentioned the dialogic perspective on the language originated by the book *Bakhtin e o Círculo*,as well as its discursivestudies. The research was from a qualitative-interpretative nature and it can be classified as a descriptive, explanatory and interpretative study. The corpus is composed by 4 religious sermons of protestant preachers collected on *Youtube.* However, two of them, produced in religious conferences aimed to different publics, are samples analyzed within this paper. After this stage, they continued to be observed by transcription, description, analysis and interpretation of data in order to reach a conclusion. The results pointed out that the preacher 1 summoned simulations of voices of believers and of Pentecostal and Neo-Pentecostal leaders, with an ironic-comic tone, to deconstruct the concept of faith from Christianity. Amongst stylistic choices that select no construction process of the sermon, we observe terms such as "mystery," "invisible," and "witchcraft." On the other hand, the preacher 2 has conversed repeatedly with biblical discourses, considered in the Christian perspective as a word of God that can not be answered. In the production of the sermon, an authorial instance that uses a tone of rebuke, indoctrination and, at times, threat. Some lexical terms such as "homosexual", "sissies", "bisexuals", "demoniacs" have appeared in the thread of the speech as offensive stylistic choices. In this way, we conclude that the authors/preachers, immersed in a discursive context full of others' discourses (OD), while producing their statements, frame and evaluate others discourses (OD) by their "sayings", while making evaluating stylistic choices and applying (to statements) dialogical criticism nuances, as well as ironic/comic, threatening, reprehensive and other nuances.
KEY WORDS: Authorship. Religious discourse.Sermon. ProtestantPreach.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Características do objetivismo abstrato.....20
Quadro 2: Características do subjetivismo individualista.....20
Quadro 3: O enunciado concreto.....35
Quadro 4: Proposta de análise.....62
Quadro 5: Síntese do sermão 1.....81
Quadro 6: Síntese do sermão 2.....97

SUMÁRIO

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO.....12

1.1. Aspectos da pesquisa: questão norteadora, objetivos, pressupostos teóricos e metodologia da pesquisa.....14

CAPÍTULO II - LÍNGUA E INTERAÇÃO: OS PRINCIPAIS CONCEITOS DO PENSAMENTO DE *BAKHTIN E O CÍRCULO*.....17

2.1. A natureza social da língua: uma quebra de paradigmas.....17
2.2. O enunciado concreto e sua dimensão social.....21
2.3. O enunciado concreto no âmbito das relações dialógicas.....27

CAPÍTULO III - AUTORIA EM FOCO: UM ESTUDO ENUNCIATIVO-DISCURSIVO.....37

3.1. Autoria: uma revisão de literatura.....37
3.2. A constituição da autoria na perspectiva enunciativo-discursiva.....40

CAPÍTULO IV - METODOLOGIA DA PESQUISA.....52

4.1. Caracterização metodológica de pesquisa.....52
4.2. O gênero discursivo sermão religioso.....53
4.3. O *corpus* de análise.....55
4.4. Os sujeitos da pesquisa.....56
4.5. A proposta de análise.....59

CAPÍTULO V - AUTORIA: ANÁLISE DE SERMÕES DE PREGADORES REFORMADOS À DA PERSPECTIVA DIALÓGICA DA LINGUAGEM.....63

5.1. Sermão 1: “Sem fé é impossível agradar a Deus”.....63
5.2. Sermão 2: “O crente e o mundo”.....82

CONSIDERAÇOES FINAIS.....98

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....102

ANEXOS.....107

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

As investigações sobre linguagem, ao longo dos anos, podem ser divididas em duas fases bastante relevantes para a ciência da linguagem. Na primeira, verificamos os estudos de cunho estrutural, que contemplavam pesquisas cujo foco estava, exclusivamente, na descrição do sistema da língua. Interessava, por sua vez, aos estudiosos saber o funcionamento das unidades do sistema linguístico, desconsiderando os seus usos. Entre as tendências teóricas que compuseram essa fase, estão o Estruturalismo saussureano e o Gerativismo chomskyano, vertentes teóricas que investigavam a língua em seu aspecto abstrato.

Na segunda metade do século XX, com o surgimento das abordagens enunciativo-discursivas, a Linguística direcionou o seu olhar para as enunciações e, por conseguinte, para os estudos sobre a subjetividade na linguagem. É a partir desse período, que observamos, de forma mais explícita, pesquisas que contemplam aspectos sócio-históricos-ideológicos nas investigações linguísticas. Nesse contexto, também ganham ênfase as reflexões sobre a autoria, embora essa temática tenha suscitado, e ainda suscite, grandes discussões no campo literário.

A partir desse período, ganham destaque estudos sobre a constituição do sujeito autor no processo de enunciação. Entre os trabalhos, desenvolvidos no Brasil, com esse enfoque, encontramos os estudos de Orlandi (1988, 1997, 2000, 2001a, 2001b), Possenti (2002, 2009, 2013), Gregolin (2001), Magalhães (2003), bem como os de Sobral (2009, 2012), Faraco (2005), Francelino (2007), Silva (2016), Nascimento (2015), dentre outros. No segundo grupo apresentado, os estudiosos tomam como base de pesquisa os pressupostos teórico-metodológicos de *Bakhtin e o Círculo,* os quais que também fundamentarão esta pesquisa.

Dado exposto, nesta dissertação, tomaremos como objeto de pesquisa o fenômeno da autoria, que corresponde a um modo particular que o sujeito tem de se relacionar com a linguagem no processo de enunciação. Segundo Francelino (2007, p.101), nessa interação sujeito e linguagem, o autor deixa indícios linguísticos, enunciativos e discursivos que revelam sua autoria. Os elementos linguísticos correspondem às pistas materiais empíricas deixadas pelo autor do fio no discurso; já os enunciativos são as formas como a instância autoral se revela/representa na linguagem em cada situação sociointerativa; e, por fim, os discursivos caracterizam-se pelos efeitos de sentidos produzidos pelo autor a partir de determinadas condições de produção de um discurso.

Como *corpus* analítico, utilizaremos o gênero discursivo, de cunho oral, sermão, produzido no campo de atividade humana religioso, que é caracterizado por posicionamentos axiológicos diversos. Em vista disso, salientamos que iremos analisar, apenas, os sermões produzidos por pregadores reformados, também denominados tradicionais, que adotam os preceitos teológicos oriundos da reforma protestantes, um movimento religioso iniciado no século XVI, por Martinho Lutero, com o intuito de questionar condutas e crenças da Igreja Católica Romana.

Este trabalho é relevante, sobretudo, pelos poucos estudos que têm como foco o discurso religioso na perspectiva enunciativo-discursiva. Por isso, intencionamos contribuir desenvolvendo uma pesquisa que possa ampliar esse escopo, proporcionando um avanço no conhecimento científico sobre esse tipo de discurso. Além disso, consideramos a pesquisa relevante devido à quantidade reduzida de investigações que privilegiam a autoria em gêneros discursos da modalidade oral da língua. A partir desse trabalho, visamos suscitar discussões e questionamentos sobre o discurso religioso observado a partir do ponto de vista científico. Esperamos despertar interesses e ampliar os diálogos responsivos com esta pesquisa.

Esta proposta surgiu no âmbito do Projeto de Iniciação à Pesquisa Científica – PIBIC/UFPB, cujo título era *Enunciação, Dialogismo e Subjetividade em Gêneros Discursivos Orais Acadêmicos e Religiosos.* Nele, tivemos a oportunidade de trabalhar com os discursos acadêmicos e religiosos na modalidade oral da língua, mobilizando conceitos propostos por *Bakhtin e o Círculo*. Embora a experiência tenha durado apenas um ano, gerou grande interesse, dúvidas e questionamentos, os quais motivaram esta pesquisa.

Este trabalho vincula-se ao Programa de Pós - Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba – PROLING/UFPB e pertence à Área de Concentração em Linguística e Práticas Sociais, bem como à Linha de Discurso e Sociedade. É também resultado dos diálogos estabelecidos no *Grupo de Pesquisa em Linguagem, Enunciação e Interação* – GPLEI/UFPB, cujo objetivo é desenvolver pesquisas sobre a linguagem e seus multifacetados usos e sobre os múltiplos e variados processos de subjetivação dela decorrentes. O grupo de pesquisa investiga fatos discursivos em diferentes materialidades semióticas e em diferentes campos de interação, a partir da concepção de linguagem bakhtiniana que considera os aspectos sociais, históricos, ideológicos e culturais da língua.

1.1. Aspectos da pesquisa: questão norteadora, objetivos, pressupostos teóricos, metodologia e organização da pesquisa

Segundo Bakhtin (2003, p. 261), o emprego da língua ocorre por meio de enunciados concretos realizados nos diversos campos de atividade humana que são, por natureza, repletos de enunciados alheios. Dessa forma, ao produzir nossos enunciados, levamos em consideração os multifacetados posicionamentos daqueles que se inscrevem em dado campo ideológico. Com base nisso, assumimos que o espaço discursivo do sujeito religioso também apresenta uma densidade dialógica e ideológica. Desse modo, os sermões religiosos apresentam fragmentos e ecos de outros enunciados com os quais o pregador interagiu. Partindo dessa premissa, como o sacerdote, integrante das instituições religiosas oriundas da reforma protestante, se constitui autor de seu enunciado imerso em campo ideológico permeado por discursos de outrem? Quais indícios linguísticos, enunciativos e discursivos revelam sua autoria?

Nesta pesquisa, levando em consideração a dimensão dialógica da linguagem proposta pelo pensamento de *Bakhtin e o Círculo*, objetivamos investigar a constituição da autoria em sermões religiosos de pregadores protestantes reformados. Para isso, 1-descreveremos, 2-analisaremos e 3- interpretaremos os mecanismos linguísticos, enunciativos e discursivos que revelam autoria em cada sermão religioso dos pregadores protestantes reformados.

Como pressupostos teórico-metodológicos, utilizaremos os fundamentos da teoria dialógica da linguagem de *Bakhtin e o Círculo*, bem como os estudos enunciativo-discursivos de Sobral (2009, 2012), Bezerra (2012), Fiorin (2010), Faraco (2009), dentre outros. Nesta concepção, a língua é considerada um produto da interação verbal realizada pela enunciação. Ela é uma realidade social, dinâmica, móvel, em constante devir. Portanto, não consiste em um conjunto de regras imutável, que serve, exclusivamente, para classificar as unidades do sistema linguístico.

A língua, para *Bakhtin e o Círculo*, estabelece uma interface com aspectos sociais, históricos e ideológicos. Ela é eminentemente dialógica, ou seja, estabelece relações de sentido entre os enunciados concretos que formam o elo da complexa e organizada cadeia de enunciados. Embasados nessa concepção de língua, refletiremos sobre os conceitos que são relevantes para nossa pesquisa, tais como: enunciado concreto, gêneros discursivos (tipos relativamente estáveis de enunciados), dialogismo, discurso de outrem, polifonia, estilo, entonação expressiva, dentre outros.

Este estudo é uma pesquisa de cunho qualitativo-interpretativista. É um trabalho de paradigma enunciativo, voltado para os estudos de enunciados concretos desenvolvidos em situações enunciativas específicas. Além disso, é uma pesquisa que se localiza no universo de investigações a respeito da autoria no discurso religioso, especialmente, em *corpora* da modalidade oral da língua. Ela apresenta também um caráter descritivo, explicativo e interpretativo, pois partirmos da observação para a descrição e, por fim, discussão dos dados.

O *corpus* é composto por quatro sermões religiosos de pregadores reformados, contudo, nesta pesquisa, analisaremos, como amostra, dois sermões que foram coletados no site *Youtube,* ambos foram desenvolvidos em situações enunciativas especiais, ou seja, foram produzidos em congressos destinados a públicos específicos. No capítulo metodológico, apresentaremos, com mais detalhamento, esses aspectos.

Após essa etapa, transcrevemos os dados de acordo com as regras do Projeto Norma Urbana Culta – NURC. Em seguida, sistematizamos, selecionamos fragmentos, analisamos e interpretamos para chegarmos aos nossos resultados. As informações apresentadas até aqui, assim como outras que não aparecem nesta introdução, estarão mais adiante, de maneira detalhada, em um capítulo dedicado à explicação dos procedimentos metodológicos de pesquisa.

Finalizando nossas palavras introdutórias, apresentamos, adiante, um panorama geral desta dissertação. Inicialmente, no primeiro capítulo, apresentamos os aspectos da nossa pesquisa. Já, no segundo capítulo, expormos a concepção dialógica da linguagem proposta por *Bakhtin e o Círculo*. Nessa discussão, buscamos apresentar a língua como um fenômeno da interação verbal, mostrando as críticas levantadas por Bakhtin ao objetivismo abstrato e ao subjetivismo idealista. Em seguida, discutimos a noção de enunciado concreto como unidade de comunicação discursiva, bem como a concepção de gênero discursivo, tipos relativamente estáveis de enunciados. Além disso, refletimos sobre algumas características do enunciado concreto e ressaltamos a noção de dialogia, discurso de outrem e polifonia.

No terceiro capítulo, apresentamos considerações sobre a autoria em Foucault, Barthes e Chartier, bem como na perspectiva discursiva, representada pelos estudos de Orlandi e Possenti. Em seguida, inserimos algumas discussões sobre o nosso objeto de pesquisa na perspectiva enunciativa. Por fim, iniciamos nossas considerações sobre a autoria, partindo dos apontamentos de *O autor e a personagem,* texto que integra a obra *Estética da Criação Verbal* ([1895-1975] 2003). A partir deste e de outros textos, refletimos sobre processo de acontecimento e acabamento estéticos, sobre a noção de excedente de visão, sobre palavra bivocal etc.

No quarto capítulo, nos ocupamos de todos os procedimentos metodológicos para a realização da pesquisa científica, ou seja, apresentamos os aspectos gerais da pesquisa, caracterizamos o sermão como um gênero discursivo da modalidade oral da língua, falamos da coleta e descrevemos os dados e especificamos os sujeitos de pesquisa. Concluímos o capítulo, mostrando nossa proposta analítica que teve como base a leitura e observação dos sermões selecionados para a análise.

No quinto capítulo, apresentamos a análise dos dados. Inicialmente, descrevemos a natureza enunciativa do sermão 1 e, logo em seguida, selecionamos fragmento para a análise e discussão do enunciado. Em um segundo momento, partimos para a caracterização do sermão 2, bem como para a análise do fragmentos apresentados. Por fim, realizamos nossas considerações acerca do estudo.

CAPÍTULO II

2. LÍNGUA E INTERAÇÃO: OS PRINCIPAIS CONCEITOS DO PENSAMENTO DE *BAKHTIN E O CÍRCULO*

Neste capítulo, apresentaremos alguns conceitos que fazem parte do pensamento de *Bakhtin e o Círculo*. Por questões de organização, ele será dividido em três seções. Na primeira, abordaremos a língua como um fenômeno social, como um produto da interação verbal entre interlocutores. Na segunda, refletiremos acerca da noção de enunciado concreto, bem como discorreremos sobre as suas principais características. Na última seção, discutiremos o princípio constitutivo da língua nesta concepção, o dialogismo.

Sabemos que há uma diversidade de textos que abordam o pensamento de *Bakhtin e o Círculo*, sobretudo, pela grande, densa e relevante contribuição de cunho filosófico que o grupo deixou para os estudos Linguísticos. Compreender a língua como prática social cuja realidade é materializada na língua é um dos principais aspectos defendidos pelos estudiosos. O capítulo inicial dessa dissertação objetiva, assim, refletir sobre alguns conceitos construídos por esses pensadores ao proporem uma concepção dialógica de linguagem.

Bakhtin e o Círculo ou, mais comumente, o *Círculo de Bakhtin* corresponde a um grupo de intelectuais que, de acordo com Faraco (2009, p.13), se reunia regularmente entre os anos de 1919 e 1929, a fim de realizar discussões e produzir conhecimento sobre a linguagem. Embora suas formações, atuações profissionais e interesses intelectuais fossem diversos, os estudiosos encontraram convergência no campo da língua enquanto produção real.

Em seus estudos, *Bakhtin e o Círculo* inovaram, propondo uma concepção de língua diferente daquelas preconizadas pelas escolas da Linguística Clássica, uma vez que, para eles, as análises morfológicas, sintáticas e semânticas não eram suficientes para explicar os fenômenos do enunciado concreto, da unidade real de comunicação da língua, ou seja, da língua em uso. A análise linguística *stricto sensu* abstrai muitos aspectos importantes ao estudo da língua nas situações reais de comunicação. Bakhtin, ao falar sobre o discurso em Dostoiévski, propõe:

> Mas são justamente esses aspectos, abstraídos pela linguística, os que têm importância primordial para os nossos fins. Por esse motivo as nossas análises subsequentes não são linguísticas no sentido rigoroso do termo. Podem ser situadas na metalinguística, subtendendo-a como um estudo - ainda não constituído em disciplinas particulares definidas – daqueles aspectos da vida do discurso que ultrapassam – de modo absolutamente

> legítimo – os limites da linguística. As pesquisas metalinguísticas, evidentemente, não podem ignorar a linguística e devem aplicar os seus resultados. A linguística e a metalinguística estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacético – o discurso –, mas estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão. Devem completar-se mutuamente, e não se fundir. (BAKHTIN, [1895-1975] 2013, p. 207)

O filósofo da linguagem não nega a existência da Línguística nem tampouco de um sistema que rege e organiza seus elementos constituintes, entretanto, sabe que os estudos linguísticos não abrangem aspectos importantes ao funcionamento real da linguagem, que são de interesse de uma disciplina que nomeia como metalinguística. Alguns autores, na atualidade, a fim de evitarem confusões terminológicas, preferem denominar a metalinguística de translinguística. Embora não tenhamos preferências terminológicas, neste trabalho, adotaremos o termo mais utilizado pelos estudiosos da época atual, a translinguística.

Segundo Fiorin (2010, p. 36), "A análise translinguística é a análise do modo de funcionamento real da linguagem, o que significa a análise da historicidade do discurso. Ela debruça-se sobre a singularidade do enunciado e não sobre a repetibilidade". Além disso, consiste em uma disciplina "que teria por objeto o exame das relações dialógicas entre os enunciados, seu modo de constituição real" (FIORIN, 2010, p. 33). Desse modo, enquanto a linguística trata das unidades da língua, palavras, frases e orações, a translinguística se ocupa das relações de sentidos que os enunciados promovem entre si durante o processo de enunciação.

Vale destacar que a linguística e translinguística podem dialogar entre si, uma vez que a análise translinguística pode partir de uma análise linguística, ou seja, valendo-se de seus aspectos para apontar considerações sobre o discurso. Sobre isso, Fiorin (2010, p. 34) afirma:

> (...) qualquer análise linguística pode ser utilizada como base de uma análise translinguística. Se buscar categorias de análise em outras teorias significa valer-se de outras teorias linguísticas como fundamento da análise translinguística, então a afirmação de que é necessário ir à outra teoria para fazer uma análise bakhtiniana é verdadeira. O próprio Bakhtin, na teoria do romance, faz uso de categorias da análise sintática desenvolvidas pela gramática tradicional. (...) No entanto, a análise linguística é apenas a base sobre a qual se assenta a análise translinguística, esta sim é a verdadeira análise proposta por Bakhtin.

Então, o estudo linguístico é de grande relevância para a análise translinguística, uma vez que este é a materialidade sobre a qual o discurso se revela. Assim, linguística e transliguísticas são complementares.

Após este preâmbulo, partimos para a discussão dos principais conceitos encontrados na obra de *Bakhtin e o Círculo*. De início, refletiremos acerca da concepção de linguagem proposta pelos estudiosos, em seguida, abordaremos as noções de enunciado, gênero discursivo, dialogismo, polifonia, discurso de outrem, plurilinguismo, dentre outras.

2.1. A natureza social da língua: uma quebra de paradigmas

Bakhtin e o Círculo, de fato, preconizaram uma nova postura diante do modo de conceber a língua, haja vista seus conceitos e reflexões abrirem um novo caminho para os estudos linguísticos. A língua, em seus estudos, é considerada um fenômeno social, vivo, concreto e dinâmico, em constante evolução ao ser utilizada pelos falantes nativos de um dado idioma. Desse modo, não podemos considerá-la como algo inerte, rígida, imóvel, mas como um evento social, que está em constante transformação, variação e modificação. Ela, portanto, "é um produto da vida social, a qual não é fixa nem petrificada: a linguagem encontra-se em um perpétuo devir e seu desenvolvimento segue a evolução da vida" (VOLOSHÍNOV, [1930] ano, p.1).

Ao conceber a língua como evento social da interação verbal realizada por enunciados concretos, os componentes do Círculo agregam aos estudos linguísticos aspectos socio-históricos e ideológicos que não faziam parte do escopo da linguística tradicional. Assim, o foco passa a ser a língua em suas situações reais de comunicação, com ênfase no processo de enunciação, "(...) um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística" (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2009, p.126).

A concepção de língua bakhtiniana estabelece uma relação conflituosa com duas tendências hegemônicas existentes na época, a saber: o objetivismo abstrato e o subjetivismo individualista. Ao romper com esses paradigmas, Bakhtin não considera a língua como um sistema abstrato de signos nem tampouco uma expressão individual do psiquismo do sujeito.

Para o autor, o objetivismo abstrato, primeira tendência hegemônica, não vê a língua como uma realidade concreta, mas como um sistema de normas fixas e objetivas, incontestáveis e imutáveis. Essa escola originou-se em Genebra, apoiada no pensamento de Ferdinand de Saussure, um importante linguista suíço, e teve como um dos principais representantes o linguista Charles Bally. Entre suas principais características, conforme Bakhtin/Volochínov ([1929] 2009, p.85), estão:

Quadro 1: Características do objetivismo abstrato

OBJETIVISMO ABSTRATO	
1.	A língua corresponde a um sistema estável e imutável de formas linguísticas submetidas e organizadas por normas;
2.	As leis da língua estabelecem ligações entre os signos linguísticos no interior de um sistema fechado e são objetivas relativamente a toda consciência subjetiva;
3.	As ligações linguísticas não se relacionam aos valores ideológicos, isto é, entre a palavra e o sentido não há vínculo natural nem artístico;
4.	Os atos individuais de fala constituem simples refrações, variações fortuitas ou deformações do que é normativo, das formas "corretas".

Fonte: Elaboração própria a partir de Bakhtin/Volochínov ([1929] 2009).

Por outro lado, o subjetivismo idealista é uma tendência cujo interesse está no ato de fala individual. "O psiquismo individual constitui a fonte da língua" (BAKHTIN, [1929] 2009. p. 74). Desse modo, o foco de estudo da língua seriam as leis da psicologia individual. Entre os principais representantes do subjetivismo idealista está Wilhelm Humboldt. Segundo Bakhtin/Volochínov ([1929] 2009, 74), podemos resumir suas proposições nos seguintes aspectos:

Quadro 2: Características do subjetivismo individualista

SUBJETIVISMO INDIVIDUALISTA	
1.	A língua é uma atividade criativa ininterrupta de construção materializada por meio de atos de fala;
2.	As leis da criação são as da psicologia individual;
3.	A criação linguística é significativa semelhante à criação artística;
4.	A língua, enquanto sistema estável e produto acabado, é um depositário inerte.

Fonte: Elaboração própria a partir de Bakhtin/Volochínov ([1929] 2009).

Ao rejeitarem essas tendências de estudo da língua, Bakhtin/Volochínov afirmam que a verdadeira essência da língua é a interação verbal, sendo, portanto, a língua um aspecto desse fenômeno social. Vejamos:

> A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo

> ato psico-fisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV,[1929] 2009, p. 127)

Como percebemos, a interação social é a realidade concreta da língua; dessa forma, em seus estudos, não caberiam análises exclusivamente imanentistas centradas apenas em aspectos microestruturais ou que se referissem à expressão do psiquismo dos indivíduos. Na interação, o essencial é o sentido, que é de cunho dialógico, portanto, social, histórico e ideológico. Contudo, vale salientar que não falamos de diálogo face-a-face, mas de algo mais profundo, caracterizado por relações de sentidos, aspecto comum dos enunciados concretos. Segundo Sobral (2009, p.40), "a interação é apresentada como constitutiva do processo de criação do sentido, pois, sem ela, há uma separação, ou afastamento, do diálogo e, portanto, não há sentido".

Bakhtin e o Círculo visam analisar a natureza social do enunciado, que não se dissocia da enunciação, evento que está na fronteira entre a vida e o aspecto verbal do enunciado, bombeando, por sua vez, energia de uma situação real da vida humana para o discurso, dando-lhe um caráter vivo, social, histórico e ideológico. Assim, o enunciado reflete o evento da interação social. (VOLOCHÍNOV/BAKHTIN, [1926] 2013). Sigamos nosso estudo, apresentando essa unidade real de comunicação da língua.

2.2. O enunciado concreto e sua dimensão social

Conforme Bakhtin ([1895-1975] 2003, p 261), o emprego da língua ocorre por meio de enunciados concretos nos diversos campos de atividade humana. Essas unidades reais de comunicação da língua refletem as condições imediatas desses campos, bem como os posicionamentos socio-valorativos dos indivíduos que neles se inscrevem. Desse modo, o enunciado é uma instância avaliativa, uma vez que, ao enunciar, o sujeito emite um ponto de vista (julgamento de valor) sobre um dado objeto do discurso no mundo.

O enunciado, por assim dizer, é um espaço de ideologias, pois veicula valorações, constituindo-se, portanto, como uma arena de conflito e confrontação de diversos discursos, já que, ao emitir um ponto de vista, o sujeito se coloca frente a outras dimensões avaliativas de uma dada atmosfera social saturada de enunciados. Essas dimensões verbo-ideológicas tocam-se, estabelecendo diálogos constantes, os quais podem ser concordantes, discordantes, conflituosos etc.

Em *Discurso na vida e discurso na arte* ([1926] 2013), o enunciado, unidade real de comunicação da língua, é considerado um evento, um acontecimento sócio-histórico que surge, vive e morre no processo de enunciação. Bakhtin/Volochínov ([1926] 2013,) apontam, portanto, que

> O enunciado concreto (e não a abstração linguística) nasce, vive e morre no processo de interação social entre os participantes da enunciação. Sua forma e significado são determinados basicamente pela forma e caráter desta interação. Quando cortamos o enunciado do solo real que o nutre, perdemos a chave tanto de sua forma quanto de seu conteúdo – tudo que nos resta é uma casca linguística abstrata ou um esquema semântico igualmente abstrato (...).

Conforme citado, essa unidade de comunicação verbal é um elemento de caráter social, uma vez que só tem existência no processo de enunciação que é único, irrepetível e singular. Desagregado de tal realidade, ele é, apenas, uma casca linguística, ou seja, um elemento hipotético do sistema da língua. Somente na interação social, o enunciado ganha forma, conteúdo e sentido. Sem os aspectos sociais, essa unidade de comunicação verbal constitui-se, apenas, uma unidade da língua, isto é, um som, uma palavra ou uma oração.

Conforme Brait e Melo (2012, p.67), além dos aspectos linguísticos, os enunciados apresentam aspectos extraverbais que lhes proporcionam um contato direto com a vida. Segundo Bakhtin/ Volochínov ([1926] 2013), "A vida, portanto, não afeta um enunciado de fora; ela penetra e exerce influência num enunciado de dentro (...)". Desse modo, a vida é parte constitutiva do enunciado, pois lhe atribui "forma" e sentido sociais. A relação entre verbal e extraverbal constitui, portanto, o todo dessa unidade de comunicação da língua.

Somente a interação entre verbal e extraverbal viabiliza a construção de sentido da unidade de comunicação real da língua. Segundo Volochínov/Bakhtin ([1926] 2013), uma das peculiaridades da enunciação "consiste em que elas, mediante milhares de fios, entrelaçam-se com o contexto extraverbal da vida e, ao serem separadas deste, perdem quase por completo o seu sentido; quem desconhece seu contexto vital mais próximo não as entenderá". No mesmo texto, os autores afirmam que a dimensão extraverbal do enunciado é constituída por três aspectos, a saber: o horizonte espacial comum dos interlocutores; o conhecimento e a compreensão comum da situação por parte dos interlocutores; e a avaliação comum da situação.

Esses aspectos consistem no que é visível entre os interlocutores, isto é, todo o conhecimento concernente ao lugar, ao espaço, ao tempo, à situação e à avaliação que os

sujeitos fazem do momento enunciativo. De maneira mais clara, conforme os autores, seria o que é "conjuntamente visto", "conjuntamente sabido" e "unanimente avaliado". Bakhtin nomeia esses aspectos de presumido, que corresponde ao horizonte espacial e ideacional compartilhado pelos falantes, bem como ao conhecimento coletivo, compartilhado entre os interlocutores de situação. Como exemplo, pensemos que, em uma dada situação, duas pessoas conversam sobre determinado assunto; quanto maior o horizonte real presumido, maior o campo de alcance de interpretação dessas pessoas. Consequentemente, mais relações de sentido elas poderão estabelecer a fim de construir um sentido possível para o enunciado.

É importante ressaltar que em *Os gêneros do discurso* ([1895-1975] 2003), Bakhtin apresenta três características que diferenciam os enunciados das unidades da língua: a alternância dos sujeitos do discurso, a conclusibilidade ou acabamento relativo e a sua relação com o interlocutor e os demais parceiros do processo de comunicação verbal.

A *alternância dos sujeitos do discurso* corresponde ao fato de todo enunciado, em um dado momento histórico e cronológico, apresentar um fim relativo que promove o surgimento de respostas responsivas ativas, ou seja, réplicas sobre o que foi dito. Ao enunciar, o sujeito finaliza seu dizer, conforme Bakhtin ([1895-1975] 2003, p. 275), com o compartilhamento da palavra para o outro por meio de uma "dixi". Ao perceber, seu interlocutor inicia uma atitude avaliativa frente ao que foi enunciado, promovendo, portanto, as alternâncias.

O enunciado, para que se constitua um enunciado, deve apresentar um autor, ou seja, alguém que se responsabilize por ele. Esse autor terá que, em um momento específico, dar *conclusibilidade ou acabamento relativo* ao seu enunciado. Ao dizer tudo o que quis, ele fecha sua avaliação sobre o objeto do discurso, deixando margens para que outros se posicionem diante do seu julgamento de valor. De acordo com Bakhtin ([1895-1975] 2003, p. 281), a conclusibilidade ou acabamento relativo apresenta três elementos, a saber: a exaurabilidade do objeto e do sentido, o projeto discursivo do falante ou intenção discursiva e as formas típicas composicionais.

Na primeira peculiaridade da conclusibilidade ou acabamento relativo, o objeto do discurso sempre será inexaurível, ou seja, mesmo que diversos autores tenham enunciado acerca de um objeto, jamais o esgotarão. Cada enunciação é singular, por isso cada objeto ganha um contorno expressivo diferente, um sentido singular, único e irrepetível.

A intenção discursiva do falante corresponde ao querer dizer, ao plano, ao projeto discursivo do sujeito que determina o enunciado, seu volume e suas fronteiras. Essa ideia, por sua vez, realiza-se por meio de formas típicas composicionais as quais Bakhtin ([1895-1975] 2003, p.262) denomina de gêneros do discurso. Antes de concluirmos as principais

características dos enunciados, teceremos algumas considerações sobre esse conceito, formulação de grande relevância para Bakhtin e o Círculo.

O querer-dizer do falante realiza-se por meio de enunciados que estão ligados a um determinado campo de uso da língua. Esses enunciados, por conseguinte, refletem as condições e finalidades, no que se refere à construção composicional, ao estilo e ao conteúdo temático, dos campos de atividades humanas em que se realizam. Bakhtin os denomina de tipos relativamente estáveis de enunciados ou gêneros do discurso, como mencionamos anteriormente.

Conforme o filósofo russo, mesmo sem percebermos, falamos por meio de tipos relativamente estáveis de enunciados, pois dispomos de um rico arsenal de gêneros discursivos do qual fazemos uso de forma segura e habilidosa. Desde as formas mais comuns, que denominamos de gênero primário, às mais complexas, que chamadas de gênero secundário, moldamos nossos enunciados em formas típicas que se adequam à situação de enunciação em que estamos inseridos. Por serem diversas as situações enunciativas a que somos expostos em nosso dia a dia, multifacetado e variado é o repertório de gêneros que utilizamos.

Aprendemos a moldar nossos enunciados em forma de gênero a partir do momento em que entramos em contato com o discurso do outro, no instante em que nos relacionamos, de forma real, com a língua materna. Vale destacar que, para Bakhtin ([1895-1075] 2003, p. 283), entramos em contato com a língua materna por meio de enunciações concretas e não através das palavras do dicionário ou da gramática da língua. Desse modo, construímos nossos enunciados a partir de palavras alheias, uma vez que, no momento em que as ouvimos, tomamo-las e tornamo-las palavra nossa, agindo sobre elas em uma dada situação enunciativa.

Passaremos, adiante, para a última peculiaridade do enunciado concreto: a relação com o interlocutor e os demais parceiros da comunicação verbal. Esse aspecto da unidade de comunicação discursiva apresenta três elementos, a saber: a composição, o estilo e expressividade, sobre os quais discorreremos a seguir.

Os dois primeiros elementos, composição e estilo, correspondem à escolha do gênero do discurso e a seleção dos aspectos linguísticos do enunciado, os quais são determinados pelo conteúdo semântico-objetal. O estilo é caracterizado pelos elementos lexicais e gramaticais que são, simultaneamente, de caráter social e individual, uma vez que, ao mesmo tempo, em que é determinado pelo gênero discursivo, também é determinado pela relação valorativa que o sujeito mantém com o objeto do discurso. Bakhtin ([1926] 2013, p.97) afirma que o estilo é dialógico, pois se constitui pela relação entre duas ou mais pessoas:

> "O estilo é o homem", dizem; mas poderíamos dizer: o estilo é pelo menos duas pessoas ou, mais precisamente, uma pessoa mais seu grupo social na forma de seu representante autorizado, o ouvinte – o participante constante na fala interior e exterior de uma pessoa.

Assim, o estilo não é monológico, mas dialógico, pois parte da relação entre duas pessoas ou uma pessoa e o representante do seu grupo social. Dessa maneira, uma estilística monológica, estritamente linguística, não é de interesse para o Círculo, haja vista a construção do estilo de um enunciado, na concepção dialógica, ser da natureza, especificamente, interativa.

Para Bakhtin ([1930] 2013, p.168), o enunciado é constantemente orientado em direção ao seu interlocutor. Essa orientação leva em consideração a situação enunciativa, a natureza da interação verbal, o gênero do enunciado, as escolhas linguísticas etc. Vários aspectos, dentre os quais estão a posição social do interlocutor, seus conhecimentos, suas ideologias etc, vão determinar as palavras e sua disposição, bem como o ritmo, o discurso etc.

Todo enunciado, então, é direcionado para alguém, ou seja, apresenta um destinatário, um interlocutor ou um representante de uma dada conjuntura social (religiosa, política, jurídica etc.) com quem estabelece um diálogo. Conforme Bakhtin:

> Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele. Essa consideração irá determinar também a escolha do gênero do enunciado e a escolha dos procedimentos composicionais e, por último, dos meios linguísticos, isto é, o estilo do enunciado. (BAKHTIN, [1895-1975] 2003, p. 302)

Com base no fragmento exposto, compreendemos que, ao enunciar, levamos em consideração o nosso destinatário e o seu fundo aperceptível, isto é, os seus conhecimentos, as suas crenças ideológicas, as suas simpatias, as suas antipatias acerca do objeto do discurso em questão. Essa ação nos possibilitará pensar acerca da maneira como o nosso enunciado será compreendido pelo nosso interlocutor. O resultado dessa avaliação, por conseguinte, nos levará a utilizar determinadas formas composicionais e estilísticas que acreditamos serem apropriadas para o enunciado naquele momento.

Finalmente, o último elemento da terceira característica do enunciado é a expressividade que, conforme Bakhtin ([1895-1975] 2003, p. 289), corresponde "a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu

enunciado.”. As unidades da língua, enquanto formas abstratas, apresentam um rico arsenal de recursos linguísticos (morfológicos, sintáticos e lexicais) para exprimir a posição valorativa do sujeito, contudo são neutras em relação a qualquer avaliação real da língua (BAKHTIN, [1895-1975] 2003, p.289), pois a emoção, o juízo de valor são estranhos à palavra dicionarizada. Assim, o significado de uma palavra dicionarizada é, por sua vez, extra-emocional, pois não apresenta o colorido expressivo que só o enunciado concreto tem.

Outra característica do enunciado concreto é a entonação expressiva, aspecto de grande relevância para a construção do sentido do enunciado. Uma palavra, no que lhe diz respeito, pode apresentar diferentes entonações que, por consequência, expressarão diferentes sentidos, já que a relação volitivo-emocional do sujeito com o objeto do discurso e a situação enunciativa é diferente. A entonação é, então, um aspecto de natureza inteiramente social, pois

> [...] sempre está na fronteira do verbal com o não-verbal, do dito com o não dito. Na entoação[1], o discurso entra diretamente em contato com a vida. E é na entoação sobretudo que o falante entra em contato com o interlocutor ou interlocutores – a entoação é social por excelência. Ela é especialmente sensível a todas as vibrações da atmosfera social que envolve o falante. (VOLOCHÍNOV, BAKHTIN, [1926] 2013, p. 77).

Como exposto, embora tenha um caráter singular, a entonação apresenta um cunho social. Assim, podemos afirmar que todo enunciado é pleno de tonalidades dialógicas, de tons valorativos que são orientados em direção a um determinado interlocutor e a um determinado objeto do discurso. É importante destacarmos que o elemento expressivo também determina as escolhas lexicais e gramaticais, bem como as formas composicionais do enunciado.

Todas as características que, até aqui, apresentamos são inerentes, apenas, ao enunciado concreto, à unidade de comunicação discursiva. As palavras, frases e orações são desprovidas dessas particularidades, uma vez que apresentam natureza especificamente gramatical. As unidades da língua, conforme Bakhtin ([1895-1975] 2003, p. 278), não são delimitadas pela alternância dos sujeitos do discurso, não têm contato com a realidade concreta, não se relacionam com enunciados alheios, não provocam respostas e nem possuem plenitude semântica. Por fim, outra característica do enunciado, na qual nos deteremos na próxima seção, são as relações dialógicas, aspecto inerente em todo enunciado concreto.

---

[1] Os termos “entonação” e “entoação” são sinônimos. Em alguns textos do Círculo, como *Discurso na vida e discurso na Arte* (1926), aparece “entoação”, já em outros, como em *Os gêneros do Discurso* ([1895-1975]2003), “entonação”.

2.3. O enunciado concreto no âmbito das relações dialógicas

O dialogismo, princípio constitutivo da linguagem, é o principal conceito desenvolvido pelos estudiosos de *Bakhtin e o Círculo*. Para eles, os enunciados estabelecem relações de sentidos, as quais denominam de relações dialógicas. Assim, o dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem. Entretanto, é importante destacar que esse princípio não corresponde apenas a uma comunicação em voz alta, nem a troca de turnos entre dois falantes, nem tampouco a meras relações lógicas e linguísticas (sintático-composicionais), mas diz respeito às relações de sentidos que as unidades de comunicação discursiva promovem. Para o Círculo, mesmo que dois enunciados, separados por espaço e tempo cronologicamente distintos, não saibam um da existência do outro, poderão se relacionar, produzindo novos sentidos. Conforme Bakhtin,

> Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos do passado, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas); eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão relembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo. (BAKHTIN, [1895-1975] 2003, p.410)

Com base na citação, todo sentido festejará o seu renascimento, pois sempre irá renovar-se. Desse modo, os sentidos já produzidos podem ser recuperados e, por consequência, atualizados em um novo contexto enunciativo. Logo, todo enunciado estabelece relações de sentido ente si.

Para Bakhtin ([1895-1975] 2003, p. 271), o enunciado é uma réplica, uma resposta responsiva ativa do sujeito em relação a um dado objeto do discurso, haja vista que, a seu ver, todo dizer provoca e espera uma resposta. Por isso, durante a comunicação verbal, ao compreender um enunciado, o ouvinte ocupa, em relação a ele, uma posição responsiva ativa, ou seja, concorda, discorda, acrescenta, rejeita, aplica etc. Consequentemente, a compreensão realizada pelo ouvinte não é passiva, nem abstrata, nem tampouco uma simples transmissão mecânica da mensagem entre um falante e um ouvinte, como propõem os estudos linguísticos *stricto sensu.* A compreensão, pelo contrário, é ativamente responsiva, pois, ao ouvir a

primeira palavra enunciada pelo locutor, o ouvinte começa o processo de compreensão ativa, o que lhe possibilita a construção de um determinado posicionamento frente ao que está sendo enunciado pelo falante. Para Volochínov,

> Com efeito, em condições normais, nós sempre estamos ou de acordo ou em desacordo com o que se diz; e nós trazemos, via de regra, uma resposta a todo enunciado do nosso interlocutor – resposta que não é necessariamente verbal, podendo consistir em um gesto, um movimento das mãos, um sorriso, um franzimento de testa etc. Pode-se, portanto, afirmar que toda comunicação, toda interação verbal, se realiza sob a forma de uma troca de enunciados, isto é, na dimensão de um diálogo. (VOLOCHÍNOV, 1930, p.4)

Todo ouvinte, dessa forma, é um respondente, ou seja, está em acordo ou desacordo com um determinado enunciado. Portanto, somos todos sujeitos responsivos, mesmo que essa compreensão ativa ocorra de forma silenciosa, por meio de uma ação (obedecer à ordem de uma mãe) ou de maneira retardada (em algum momento aquilo que foi dito produzirá uma resposta). Já o falante, ao enunciar, sempre espera do ouvinte uma resposta. Essa espera, por sua vez, é cheia de expectativas a fim de saber se o outro concordará, discordará, acrescentará, rejeitará por completo etc.

O enunciado, para *Bakhtin e o Círculo*, é socialmente orientado, pois parte de um já-dito e suscita, para si, respostas futuras. Ele, portanto, provoca um discurso resposta, pois é direcionado para uma resposta. Conforme Bakhtin,

> O discurso vivo e corrente está imediata e diretamente determinado pelo discurso resposta futuro: ele é que provoca esta resposta, pressente-a e baseia-se nela. Ao se constituir na esfera do já-dito, o discurso é orientado ao mesmo tempo para o discurso-resposta que ainda não foi dito, discurso, porém, que foi solicitado a surgir e que já era esperado. Assim é todo diálogo vivo. (BAKHTIN, 1993, p.89)

Verificamos, portanto, que o enunciado é socialmente orientado e não possui aparência autônoma e acabada, pois apresenta conexões com outros enunciados, provenientes de momentos sócio-históricos distintos. De acordo Volochínov ([1930] 2013), "é, portanto, impossível compreender como se constrói qualquer enunciado que tenha uma aparência autônoma e acabada, se não se o considera como um "momento", uma simples gota no rio da comunicação verbal (...)". E ainda, para Bakhtin ([1895-1975] 2003, p. 272), "Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados". Dessa forma, toda unidade de comunicação discursiva entra em diálogo com seus antecedentes, com os discursos alheios que estão ao redor de um objeto do discurso. Além disso, ele requer, para

si, uma resposta-futura, ou seja, suscita outros enunciados. O enunciado, assim sendo, no que lhe concerne, jamais deixará de ser um promotor ativo do diálogo social. Então,

> O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. Ele também surge desse diálogo como seu prolongamento, como sua réplica, e não sabe de que lado ele se aproxima desse objeto. (BAKHTIN, [1895-1975] 1993, p. 86).

Como observamos, o enunciado é um participante ativo do diálogo social. Ele é uma réplica, uma resposta responsiva ativa que parte de um "Já-dito" e desencadeia uma "resposta-futura". Essa característica forma um dos movimentos do dialogismo.

Outro movimento importante desse conceito é o discurso de outrem. Ao enunciar, levamos em consideração os discursos alheios, por isso, nossos enunciados são povoados de ecos de outros enunciados, provenientes da relação imediata que mantemos com nossos interlocutores, bem como com os discursos sócio-históricos com os quais entramos em contato durante nossa vida. Para Bakhtin ([1895-1975] 1993, p.139), o que mais falamos em nosso cotidiano é sobre o que os outros falam; desse modo, transmitimos, evocamos, ponderamos e julgamos as palavras dos outros, analisamos, concordamos e discordamos de suas opiniões e declarações.

No dialogismo, um dado objeto do discurso está circuncidado por posições axiológicas diversas, ou seja, está envolto por refrações, por julgamentos de valores e por pontos de vistas diferentes provenientes dos sujeitos que constituem os variados campos de atividade humana. O objeto, portanto, está impregnado de opiniões alheias. Contudo, por maior que seja a multiplicidade desses discursos, sempre haverá o que enunciar sobre aquele objeto, uma vez que cada enunciação ocorre em um momento singular, assim como é realizada por um sujeito único, com intenções e acentos específicos.

O enunciado, então, toca os diversos fios dialógicos que estão ao redor de um objeto do discurso, estabelecendo relações de sentidos múltiplas. Ele, de acordo com Bakhtin ([1895-1975] 1993, p.86), interpõe-se em um meio flexível, difícil de ser penetrado, de discursos de outrem sobre um mesmo objeto. Segundo Bakhtin,

> (...) todo discurso concreto (enunciação) encontra aquele objeto para o qual está voltado sempre, por assim, dizer, já desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por uma névoa escura ou, pelo contrário iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele. O objeto está amarrado e

> penetrado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações. Orientado para o seu objeto, o discurso penetra nesse meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos de outrem, de julgamentos e entonações. Ele se entrelaça com eles em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros; tudo isso pode formar substancialmente o discurso, penetrar em todos os seus estratos semânticos, tornar complexa a sua expressão, influenciar todo o seu aspecto estilístico. (BAKHTIN, [1895-1975] 1993, p. 86).

Como observamos no fragmento, as interações entre os discursos não são pacíficas, mas ocorrem de forma complexa, pois, ao estabelecer relações de sentido, o enunciado penetra em um meio dialógico perturbado, ou seja, em um espaço onde as relações nem sempre são de concordância, mas também de outras naturezas. A palavra "diálogo", conforme Fiorin (2008, p.24), não significa apenas acordo pacífico, mas também relações conflituosas, divergentes, de desavença, de polêmica etc. Desse modo, essa unidade de comunicação discursiva caracteriza-se como um ponto de tensão, um espaço de constantes lutas e de contradições entre as diversas vozes sociais.

Os enunciados, então, conforme Bakhtin ([1895-1975] 2003, p.297), não são indiferentes entre si nem tampouco bastam a si mesmos, uma vez que são reflexos mútuos de outros enunciados. Eles são plenos de ressonância e ecos de outros enunciados que determinam o seu caráter. Para Bakhtin,

> Eis por que a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros. Em certo sentido, essa experiência pode ser caracterizada como processo de assimilação - mais ou menos criador – das palavras do outro (e não das palavras da língua). Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos. (BAKHTIN, [1895-1975] 2003, p.294-295).

A partir do exposto, observamos que os nossos enunciados apresentam certo grau de alteridade e assimilabilidade, uma vez que são constituídos a partir de nossa experiência discursiva que se desenvolve em meio à alteridade, ou seja, em um espaço permeado por vozes de outrem. Assim, mergulhado nessa realidade amplamente discursiva, assimilando discursos variados, o indivíduo se constitui enquanto sujeito. Desse modo, por consequência, seus enunciados são atravessados por discursos de outrem.

Outro aspecto importante na citação exposta é o *enquadramento do discurso de outrem*. Para Bakhtin, esse processo não ocorre de forma mecânica nem diz respeito a um ato

passivo, nem tampouco corresponde a uma mera transmissão formal do discurso alheio. Antes, ao convocar um discurso de outrem, o autor de um dado enunciado o assimila, o reelabora e o reacentua, mediante seu querer dizer, suas intenções discursivas. Desse modo, os enunciados não são convocados para uma simples alusão, mas, em uma dada situação enunciativa, recebem uma expressão dada pelo autor, a partir de um querer-dizer, de um acento específico e de uma entonação expressiva singular. É necessário entendermos que, mesmo que um determinado discurso seja convocado com maior precisão possível, naquele contexto sofrerá alterações, uma vez que estará impregnado pelas intenções do autor. Sobre isso, Bakhtin afirma:

> A palavra alheia introduzida no contexto do discurso estabelece com o discurso que o enquadra não um contexto mecânico, mas uma amálgama química (no plano do sentido e da expressão); o grau de influência no discurso pode ser imenso. (...) Assim como a formação, também o enquadramento do discurso de outrem (o contexto pode de maneira muito remota começar a preparação para a introdução deste discurso) exprimem um ato único da relação dialógica com este discurso, o qual determina todo o caráter da transmissão e todas as transformações de acento e de sentido que ocorrem nele no decorrer desta transmissão. (BAKHTIN, [1895-1975] 1993, p.141)

Como constatamos, o discurso alheio estabelece uma *amálgama química* com o novo contexto em que foi introduzido. Esse termo, utilizado pelo autor, é uma metáfora cujo objetivo é demonstrar a interação que ocorre entre o discurso convocado e o novo contexto em que se enquadrará. O discurso citado recebe, por assim dizer, uma nova moldura e está a serviço das intenções do autor naquele novo contexto, por isso, conforme Bakhtin ([1895-1975] 1993, p. 141), é fácil, a partir da manipulação do contexto (ação do autor mais uma dada situação), transformar as mais sérias declarações em enunciados cômicos.

No processo de enquadramento do discurso de outrem, o autor e a situação dão um colorido ao enunciado, proporcionando-lhe um novo efeito de sentido; entretanto, é relevante destacar que, segundo Francelino (2007, p.112), o discurso de outrem não perde seus valores sócio-ideológicos ao interagir com um novo horizonte contextual nem tampouco ao ser enquadrado mediante as intenções discursivas e os acentos expressivos do autor que o convocou.

Em *A Teoria do Romance*, Bakhtin ([1895-1975] 1993, p.74) defende que a língua, enquanto aspecto vivo e concreto, não é única, uma vez que sua essência é o plurilinguísmo, ou seja, a estratificação da língua em camadas de dialetos e linguagens sociais. Essa

diversidade de vozes está à disposição do autor de uma determinada obra, que, por sua vez, apropria-se dela, dando-lhe um aspecto expressivo particular.

Como resultado dessa estratificação em linguagens, as palavras da língua não são *palavras neutras*, mas *semialheias*. Desse modo, a língua apresenta uma concretude socioideológica, pois é atravessada por intenções e acentos diversos. A palavra só se tornará *palavra minha*, quando eu, como sujeito, dominá-la e operar sobre ela. A partir disso, ela refratará minhas intenções, meu horizonte verbo-ideológico.

As palavras de outrem se apresentam, em nossos enunciados, como fruto de posições socioideológicas, isto é, conforme Bakhtin ([1895-1975] 1993, p. 142), elas surgem como palavras autoritárias e palavras interiormente persuasivas. Embora diferentes, ambas também podem atuar em uma única palavra ao mesmo tempo. Vejamos as características de cada uma delas:

> (...) a palavra autoritária (religiosa, política, moral, a palavra do pai, dos adultos, dos professores, etc.) carece de persuasão interior para a consciência, enquanto que a palavra interiormente persuasiva carece de autoridade, não se submete a qualquer autoridade, com frequência é desconhecida socialmente (pela opinião pública, a ciência oficial, a crítica) e até mesmo privada de legalidade. O conflito e as interpelações dialógicas destas duas categorias da palavra determinam frequentemente a história da consciência ideológica individual. (BAKHTIM, [1895-1975] 1993, p.143)

A palavra autoritária tende ao monologismo, uma vez que impõe a sua voz e o seu posicionamento ideológico, negando o diálogo equipolente com outras vozes. Dessa forma, ela sempre assumirá uma posição hierárquica maior, superior às demais que tentam estabelecer uma espécie de diálogo. Esse tipo de palavra, segundo Bakhtin ([1895-1975] 1993, p.144), exige um reconhecimento incondicional, pois entra, em nossa consciência, como uma massa compacta indivisível. Desse modo, ou a confirmamos por inteiro ou a recusamos totalmente. Já a palavra interiormente persuasiva é bastante diferente, uma vez que se relaciona em conformidade com outras vozes, caracterizando-se, portanto como mais flexível. Ela não assume o *status* de palavra dogmática, ditatorial, antes, abre-se para relações no interior de um dado enunciado. Constitui-se, portanto, como uma palavra contemporânea, aberta a diversos tipos de relações, sejam elas conflituosas ou não.

Em *Problemas da Poética de Dostoiévski* ([1895-1975] 2013), ao discutir sobre as vozes na prosa romanesca, Bakhtin afirma que Dostoiévski foi o criador do romance polifônico. Para ele, o autor fez algo inusitado, incomum, totalmente diferente dos romances escritos, até então, na época. Sua obra não cabia em esquemas histórico-literários, haja vista

apresentar um herói que possui voz independente. Os personagens, por sua vez, não são subjugados ao eu-narrativo, pois apresentam posicionamentos ideológicos distintos e independentes. A obra de Dostoiévski é, então, marcada por uma multiplicidade de vozes independentes e equipolentes ao narrador, por isso, Bakhtin a considerou polifônica.

Para Bakhtin, os romances de Dostoiévski não tinham um caráter monológico como os demais. Conforme Bezerra (2012, p.192), a obra monológica não aceita a consciência responsiva do outro, pois é um mero objeto da consciência de um "eu". O monólogo, então, é concluído e surdo à resposta do outro, sendo, portanto, a alteridade descartada. O romance monológico não dialoga com outras vozes, é extremamente autoritário, portador de uma consciência centralizadora, quer ser sempre a última palavra. As personagens são, portanto, objetos da consciência do autor e dependem dele para ter vida.

Contudo, para Bakhtin ([1895-1975] 2013, p.5), em Dostoiévski, "A voz do herói sobre si mesmo e o mundo é tão plena como a palavra comum do autor", ou seja, não é subordinada ao narrador, uma vez que possui independência na estrutura da obra e soa ao lado da voz do autor, interagindo com os outros heróis. Ela é, assim, uma consciência ativa e viva, participante efetiva do processo de construção do romance.

A polifonia, então, conforme Bezerra (2012, p.198), corresponde à multiplicidade de vozes e consciências equipolentes e imiscíveis, que não se constituem como meros objetos do autor, mas como sujeitos responsáveis pelo seu próprio discurso. O autor, nesse pensamento, não é um ser passivo, mas ativamente dialógico, uma vez que age concordando, discordando, interrogando, respondendo, provocando etc. O autor é um orquestrador de vozes, uma consciência criadora que interage ativamente com os heróis.

Para finalizarmos este capítulo, gostaríamos de discutir, brevemente, algumas formas de transmissão do discurso de outrem, tendo em vista que os nossos enunciados são atravessados por vozes sociais. Essa temática é de grande relevância para os estudos de *Bakhtin e o Círculo*, tendo em vista que o que mais falamos em nosso dia a dia é sobre o que os outros dizem. Em *Marxismo e Filosofia da linguagem* ([1929] 2009), obra em que Bakhtin/Volochínov discutem conceitos como signo ideológico, tema e significação, interação verbal, discurso de outrem, discurso citado etc., temos acesso a essa discussão.

O discurso citado, para Bakhtin/Volochínov ([1929] 2009, p.150), corresponde ao discurso no discurso, à enunciação na enunciação de forma simultânea. Ele é, portanto, a enunciação de outra pessoa situada fora do contexto narrativo. Para os autores, no momento em que a enunciação de outrem integra outra enunciação desenvolve regras sintáticas,

estilísticas e composicionais que correspondem aos mecanismos de recepção ativa do discurso de outrem.

Segundo Bakhtin/Volochínov ([1929] 2009, p.156), existem duas orientações da interorientação entre o discurso narrativo e o discurso citado, a saber: o estilo linear e o estilo pictórico. O estilo linear cria contornos nítidos para o discurso citado, pois a língua desenvolve mecanismos aparentes a fim de delimitá-lo, mostrando com transparência as fronteiras entre o discurso do falante e o discurso citado. No estilo pictórico, segunda orientação, a língua elabora elementos sutis, quase que imperceptíveis para a inserção do discurso de outrem. Nesse caso, o contexto narrativo procurar dissolver as marcas, ou seja, as fronteiras entre o discurso do falante e o discurso citado. Desse modo, ele procurar atenuar os contornos nítidos utilizados pela primeira orientação.

Adiante, exporemos as duas principais formas de inserção do discurso de outrem, sem atentar, de forma densa, para suas variantes, uma vez que não é o foco de nossa pesquisa. Para Bakhtin/Volochínov ([1929] 2009), com base nos estudos da língua literária russa, existem dois mecanismos de enquadramento do discurso de outrem: o Discurso Indireto (DI) e o Discurso Direto (DD) e suas variantes.

A primeira forma de transmissão do discurso de outrem é o discurso indireto (DI) que, conforme Bakhtin/Volochínov ([1929] 2009, p. 165), não realiza a transmissão literal de palavra por palavra no enunciado. Nessa forma, o sujeito realiza uma espécie de paráfrase para transmitir o discurso de outrem. O discurso indireto apresenta algumas variantes, a saber: *o discurso indireto analisador do conteúdo* que assimila o discurso de outrem no plano temático e conserva-se indiferente a tudo que não tem significado temático; *o discurso indireto analisador da expressão* que abre possibilidades para réplicas, respostas responsivas no contexto narrativo, conservando uma distância nítida entre as palavras do narrador e as palavras atadas; e a *variante impressionista* que é utilizada quando há a necessidade de transmitir o discurso interior das personagens.

A segunda forma de transmissão do discurso de outrem é o discurso direto (DD), mecanismo responsável pela transmissão do discurso na íntegra, ou seja, palavra por palavra. Entre suas variantes estão: *o discurso preparado,* que emerge do discurso indireto e, em alguns casos pouco recorrentes, do discurso indireto livre; o *discurso preparado esvaziado,* que corresponde às apreciações produzidas pelo autor em relação ao discurso que foi citado; e, finalizando, o *discurso citado antecipado e disseminado,* que permanece oculto no contexto narrativo, mostrando-se no discurso do herói.

Para finalizar nossas considerações, apresentaremos um breve quadro sobre o enunciado concreto e as relações dialógicas. Vejamos:

Quadro 3: O enunciado concreto

<table>
<tr><th colspan="4">O ENUNCIADO CONCRETO</th></tr>
<tr><td colspan="2">Enunciado concreto</td><td colspan="2">Unidade de comunicação discursiva</td></tr>
<tr><td rowspan="3">Formas do enunciado</td><td>Aspecto verbal</td><td colspan="2">• Forma linguística.</td></tr>
<tr><td>Aspecto extraverbal</td><td colspan="2">• Horizonte Espacial comum dos interlocutores;
• Conhecimento e compreensão comum da situação;
• Avaliação comum da situação.</td></tr>
<tr><td>Tipos relativamente estáveis de enunciado</td><td colspan="2">• Estrutura composicional;
• Estilo;
• Conteúdo temático.</td></tr>
<tr><td rowspan="3">Peculiaridades do enunciado</td><td>Alternância dos sujeitos do discurso</td><td colspan="2"></td></tr>
<tr><td>Acabamento relativo</td><td colspan="2">• Exaurabilidade do objeto;
• Querer dizer;
• Formas típicas composicionais.</td></tr>
<tr><td>Relação com o interlocutor e os demais parceiros da comunicação verbal</td><td colspan="2">• Composição;
• Estilo;
• Expressividade (Entonação expressiva).</td></tr>
<tr><td rowspan="2">Característica do enunciado concreto</td><td rowspan="2">Dialogia</td><td>Enunciado réplica</td><td>Elo da cadeia discursiva</td></tr>
<tr><td>Discurso de outrem (O.D.)</td><td>Formas de inserção do O.D.</td></tr>
</table>

Fonte: Elaboração própria a partir das discussões feitas no capítulo.

Com base na discussão que realizamos neste capítulo, compreendemos que, para *Bakhtin e o Círculo*, a língua é um fenômeno social, realizada pela enunciação, produto da interação verbal. Os enunciados, unidades de comunicação discursiva, correspondem à língua em uso, em seu estado concreto. Eles são eminentemente dialógicos, pois estabelecem relações de sentido entre si, respondendo a um já-dito e provocando uma resposta. Desse modo, a unidade de comunicação discursiva caracteriza-se como uma réplica, um elo da complexa e organizada cadeia de enunciados. Essas relações são improváveis entre as unidades da língua que estabelecem apenas relações lógicas entre si.

Cabe também ressaltar que, ao enunciar, levamos em consideração os discursos de outrem, as vozes com as quais nos relacionamos durante nossa vivência, uma vez que nossa consciência individual é formada no processo de alteridade, em contato constante com as vozes autoritárias e persuasivas que constituem nosso meio social. Todo enunciado, por sua

vez, apresenta um autor, responsável pela sua produção. Esse sujeito, conforme mencionamos, se constitui discursivamente em meio à alteridade. No capítulo que segue, refletiremos sobre a noção de autoria na perspectiva histórica, discursiva e enunciativa. Em seguida, partindo do texto "O autor e o herói na atividade estética" ([1985-1975] 2003), faremos algumas reflexões acerca dessa temática no âmbito do pensamento de *Bakhtin e o Círculo*.

CAPÍTULO III

3. AUTORIA EM FOCO: UM ESTUDO ENUNCIATIVO-DISCURSIVO

Neste capítulo, discutiremos, inicialmente, a autoria a partir de perspectivas teóricas distintas. Salientamos, desde então, que não temos como objetivo esgotar os estudos que existem sobre essa temática. Visamos também refletir, com base em *O autor e a personagem na atividade estética* ([1895-1975] 2003), sobre os principais apontamentos apresentados por Bakhtin, neste texto, que nos levam a pensar acerca da autoria na perspectiva enunciativo-discursiva.

3.1. A autoria: uma revisão de literatura

Para início, nesta seção, abordaremos alguns fundamentos históricos acerca da autoria, tomando como base os pensamentos de Barthes (1968), Chartier (2001) e Foucault (2006), bem como faremos algumas reflexões sobre a temática nos estudos discursos, abarcando, por sua vez, as pesquisas de Orlandi (2000; 2001) e Possenti (2001; 2009; 2013).

Em seu texto "A morte do autor", escrito em 1968, Barthes afirma que o processo de escrita decreta a morte do autor, uma vez que esse corpo que escreve necessita se ausentar, para que o leitor preencha os vazios presentes na escrita. De acordo com Barthes ([1968] 1987, p.49), ocorre um desfasamento, ou seja, a voz perde sua origem, o autor experimenta sua própria morte e a escrita começa.

Com o afastamento do autor, quem estabelece a unidade do texto é o leitor. Portanto, o sentido no processo de leitura já não é mais concebido como único, imutável e teológico. Para Barthes ([1968] 1987, p.53), o texto é feito de escritas múltiplas, provenientes de várias culturas que estabelecem diálogo entre si. O leitor é o local onde essas citações se inscrevem, tomando forma, ganhando sentido. A escrita, então, decreta o afastamento do autor, para que o leitor instaure sentido ao texto. Assim, quando acredita-se em autor, devemos compreendê-lo como passado do livro, como anterior a própria obra, porque depois ele deve se ausentar.

Em seu texto *Figuras do autor*, Chartier (2001) apresenta o processo de esquecimento do autor entre os séculos XIV e XVIII. Ele introduz a discussão abordando dois pontos de vista que são relevantes para a reflexão do autor e do leitor na história do livro, a saber: a new criticism (nova crítica) e analitycal bibliography (análise bibliográfica). Para essas abordagens, a história do livro não apresenta leitores nem autores, uma vez que o sentido é

atribuído a um funcionamento automático e impessoal do sistema linguístico. Desse modo, ambas desconsideram a maneira como a obra é lida, recebida e propõem a morte do autor no processo de produção de sentido. O essencial, portanto, estaria no processo de fabricação do livro e na forma estrutural da obra.

Na história do livro na França, o autor permanece esquecido e o leitor recebe um lugar no processo de produção de sentido. Entretanto, conforme Chartier (2001), a volta do autor ganhou destaque no meio do século passado. Dentre as abordagens que defendem essa ideia, está a Estética da Recepção, que concebe o significado como historicamente construído pelas intenções do autor e pelas respostas do leitor. Contudo, embora tais abordagens tentem rearticular a figura do autor ao texto, em seu ressurgimento, ele aparece como dependente e reprimido, não se constituindo, portanto, mestre do sentido, nem suas intenções impõem um sentido exclusivo de leitura.

Em seu trabalho, Chartier retoma o ensaio *O que é um autor*?, de Michel Foucault, para resgatar e discutir o conceito de função-autor. Vejamos um pouco sobre esse ensaio.

Foucault, em 1969, propõe discutir a temática da autoria, haja vista constituir-se um aspecto importante na história das ideias, do conhecimento, da literatura etc. Desse modo, seu objetivo é refletir como o texto aponta para o autor, figura anterior e exterior a essa unidade linguística. Para tanto, ele inicia sua argumentação indagando: "O que é o nome de um autor?". Conforme Foucault (2006, p.13), o nome do autor não é um nome próprio como os outros nem corresponde, simplesmente, a um elemento de um discurso, antes "exerce relativamente aos discursos um certo papel: assegura uma função classificadora, um tal nome permite reagrupar um certo número de textos, delimitá-los, selecioná-los, opô-los a outros". Por fim, o nome de autor indica o modo de leitura do discurso e, por consequência, a maneira como deve ser recebido.

O estudioso francês afirma, ainda, que, em uma sociedade, os discursos podem ou não apresentar uma função autor. Segundo ele, "(...) a função autor é, assim, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade" (FOUCAULT, 2006, p.21). Desse modo, ela não é universal. Ainda conforme Foucault, em determinado momento da história, os textos literários eram recebidos sem que sua autoria fosse questionada, diferentemente do texto científico que possuía valor de verdade, apenas, se fossem assinados. Nos séculos XVII e XVIII, esse quadro se inverteu.

De acordo com Foucault (2006), os textos ganharam autoria a partir do momento em que a figura do autor passou a ser passível de punição. Desse modo, certas obras passaram a ser consideradas, por uma ordem vigente, discursos transgressores. Houve, portanto, a

instauração de um regime de propriedade que deveria ser obedecido. A violação dessas regras, indispensáveis para a circulação da obra, tornaria o livro transgressor.

Por fim, outro aspecto muito importante defendido por Foucault é o autor como fundador de discursividade. Nesse princípio, determinados textos proporcionam a formação de outros, gerando uma possibilidade indefinida de discursos. Isso só é possível, porque determinados autores instauram discursividade. Seus textos, portanto, ficam inscritos na história e são, constantemente, retomados por outros autores. Como exemplo, Foucault cita Ferdinand Saussure, considerado o grande percussor da linguística contemporânea, bem como Freud, apontado como o pai da psicanálise.

Esses autores são mencionados, uma vez que, continuamente, seus escritos são revisitados e embasam a construção de novos saberes, novos conhecimentos. Essa retomada é bastante comum no campo das ciências. Na linguística e na psicanálise, cujos principais representantes foram mencionados por Foucault, as pesquisas, geralmente, retornam às origens, buscando estabelecer diálogos que concordem ou discordem, afirmem ou neguem, complementem etc. os estudos atuais. Dessa forma, para o filósofo, a autoria encontra-se inscrita na discursividade, na perpetuação de um saber, no diálogo com aqueles que originam conhecimentos relevantes para uma dada área do conhecimento científico.

A autoria também apresenta uma grande relevância para os estudos da perspectiva discursiva, especificamente para aqueles oriundos da Análise do Discurso Francesa – AD, disciplina que surgiu na década de 1960 a partir dos estudos de Michel Pêcheux com o intuito de construir um aparato teórico-metodológico que fosse eficaz para análise do discurso político. Entre as principais pesquisas, observamos as investigações de Orlandi (2000) e Possenti (2001; 2002; 2013), os quais, brevemente, buscaremos apresentar aqui. Ambos os autores constroem suas reflexões partindo do artigo *O que é um autor?*, de Michel Foucault, anteriormente discutido neste capítulo.

De início, Orlandi (2000, p.75), grande responsável pela inserção dos estudos da Análise do Discurso Francesa no Brasil, compreende o autor como um produtor de linguagem, de textos. Diferentemente do que pensou Foucault, para ela, todo discurso apresenta um autor, que organiza a linguagem, imprimindo-lhe subjetividade de acordo suas estratégias. O autor é uma construção discursiva, assim sendo, é possível estender a função-autor aos sujeitos nos mais variados domínios de uso da linguagem. Para Orlandi,

> O sujeito só se faz autor se o que ele produz for interpretável. Ele inscreve sua formulação no interdiscurso, ele historiciza seu dizer. Porque assume sua posição de autor (se representa nesse lugar), ele

> produz assim um evento interpretativo. O que só repete (exercício mnemônico) não o faz. (ORLANDI, 1996, p. 70).

Desse modo, o sujeito se caracteriza como autor ao produzir sentidos, mesmo em meio a um universo permeado por já-ditos. Ele é uma função organizadora que dá unidade ao texto. Assim, para que se estabeleça como tal, é necessário que sua produção seja interpretável, tenha, portanto, coerência.

Possenti (2002), ao discutir sobre a subjetividade, rompe com a concepção extremista de sujeito assujeitado à ideologia social e ao inconsciente proposta pela AD. Para o autor, no sujeito, há espaço tanto para o "eu" como para o "outro", aspecto que provoca um impacto importante na concepção de autoria que propõe. Entre os seus trabalhos que abarcam a temática da autoria, encontramos os seguintes textos: *Enunciação, estilo e autoria* (2001), *Indícios de autoria* (2002), e *Notas sobre a questão da autoria* (2013). A fim de nos situarmos melhor nesta discussão, apresentaremos, de forma reduzida, as principais ideias do artigo *Indícios de autoria* (2002).

Neste trabalho, Possenti entende a autoria como um processo linguístico-discursivo, em que o sujeito deixa marcas ou, mais propriamente, indícios de sua autoria. Segundo o pesquisador, o sujeito se revela no texto a partir de 3 indícios, a saber: o autor *dar voz a outros enunciadores, o autor manter distância em relação ao próprio texto e o autor evitar a mesmice*. No primeiro indício, a instância autoral age mobilizando outros discursos, introduzindo, ao seu dizer, outros pontos de vista, estabelecendo, portanto, um diálogo de vozes. No segundo indício, o autor marca seu lugar, sua posição enunciativa no discurso, mantendo certa distância do seu interlocutor. Finalizando, terceiro indício corresponde ao modo como o sujeito introduz, avalia o discurso de outrem, isto é, *como* dá voz ao discurso alheio. Esses três indícios revelam, então, como a noção de sujeito proposta por Possenti segue um caminho diferente da que Michel Foucault propôs.

3.2. A constituição da autoria na perspectiva enunciativo-discursiva

Nas últimas décadas, diversas pesquisas, ligadas a autoria na perspectiva dialógica de *Bakhtin e o Círculo*, proporcionaram grandes contribuições para os estudos enunciativo-discursivos no Brasil. Dentre essas investigações, encontramos Brait (1998), Sobral (2009; 2012) e Faraco (2012). É possível também observarmos os estudos de Francelino (2007), Nascimento (2015) e Silva (2016), trabalhos desenvolvidos no âmbito do Grupo de Pesquisa

em Linguagem, Enunciação e Interação da Universidade Federal da Paraíba - GPLEI/UFPB, os quais, brevemente, discorremos a seguir.

Francelino (2007), ao pesquisar a representação do sujeito autor no gênero discursivo oral aula, concebe a autoria em três domínios: o discursivo - a partir de certas condições de produção o sujeito assume-se como autor produzindo efeitos de sentidos; o enunciativo - as formas como o sujeito se revela nas situações sócio-interativas com seus interlocutores; e o linguístico - o sujeito deixa indícios autorais em seus enunciados.

Para o pesquisador, a noção de autoria se baseia em dois princípios básicos os quais apresentaremos a seguir:

1º *O autor é uma instância individual que se constitui no processo de alteridade* – o sujeito se connstitui em um espaço amplamente habitado por discursos de outrem. Sua consciência individual, que se constrói no social e na história, é resultado da sua relação com essa heterogeneidade discursiva. Então, é nesse que ele reclama sua autoria.

2º O *autor instaura um leitor/interlocutor no processo enunciativo* – nesse princípio, o sujeito constitui-se como autor do seu discurso porque estabelece com seu interlocutor uma relação durante a interação verbal. Dessa forma, ao enunciar, o autor tem em mente um destinatário, parceiro da comunicação verbal.

Para finalizar, o estudioso elege três características linguístico-enunciativo-discursivas por meio das quais se apreendem os indícios de autoria na enunciação:

1º *O autor atribui um "fim" provisório ao enunciado* – todo enunciado apresenta uma conclusibilidade ou acabamento. Isso quer dizer que o falante, ao enunciar tudo o que quis, em dado momento histórico e tempo cronológico, dará um acabamento ao seu enunciado, proporcionando uma possibilidade de resposta responsiva ativa.

2º *O autor se manifesta nas variações que o gênero sofre no decorrer do processo enunciativo* – ao enunciar, o sujeito escolhe o tipo de enunciado adequado à situação de enunciação, ou seja, o gênero do discurso. A autoria, então, se desenvolve nesse processo, uma vez que cada indivíduo tem sua forma peculiar de desenvolver o gênero.

3º *O autor realiza um trabalho de seleção/combinação lexical no plano linguístico da enunciação* – no exercício da autoria, o sujeito seleciona e combina as palavras da língua durante a produção do seu enunciado. Desse modo, ele interage com a linguagem visando à produção de efeitos de sentidos durante os usos.

Adiante, Nascimento (2015), em seu estudo, investiga a constituição da autoria em monografias de conclusão do curso de Letras. A partir desse gênero acadêmico, o pesquisador visa identificar e descrever os esquemas linguísticos-discursivos-enunciativos de transmissão

do discurso de outrem, bem como discutir os aspectos provenientes dos esquemas de discurso citado que configuram a autoria na construção desse gênero.

Em suas investigações, o estudioso comprovou que o autor administra as vozes consonantes e dissonantes que atravessam sua enunciação; o autor cria fronteiras, estabelecendo alternância entre o discurso citante e o discurso citado; o autor infiltra sua entonação expressivo-valorativa no discurso do outro; o autor posiciona o discurso do outro como parâmetro/base para avaliar determinado evento.

Por fim, Silva (2016), a partir do texto *O autor e a personagem na atividade estética*, de Bakhtin, investiga o processo de constituição do sujeito autor na pregação religiosa neopentescol. Para isso, o pesquisador busca identificar, descrever e explicar o funcionamento das diferentes vozes presentes no enunciado do autor-pregador.

Em seu estudo, Silva concebe o autor-pregador como uma posição axiológica que reflete e refrata as situações sócio-históricas de maneira singular. O pesquisador elege, ainda, a partir das observações do *corpus*, algumas categorias analíticas que denominou de "arquitetônica autoral", a saber: distância, excedente de visão, acabamento, diretriz volitivo-emocional concreta e centro axiológico. Segundo o estudioso, a análise dos dados possibilitou o agrupamento das vozes da pregação em três conjuntos específicos: a voz divina, a voz do fiel e a voz do diabo. Os resultados da pesquisa mostraram que autorar é assumir uma posição axiológica, selecionando, organizando e distribuindo a voz alheia.

As três pesquisas que apresentamos possuem como ponto de partida textos de Bakhtin. Francelino (2007) toma como base principal da sua formulação o texto "Os gêneros do discurso", situado em "Estética da Criação Verbal" ([1985-1975] 2003). Já Nascimento (2015) e Silva (2016) apoiam-se em "O autor e a personagem na atividade estética". Salientamos que, nesta dissertação, também conduziremos nossas reflexões a partir de "O autor e a personagem na atividade estética".

Além do texto citado acima, nossas considerações também terão como base o capítulo "A forma espacial da personagem", também presente em "Estética da Criação Verbal", bem como o livro "Questões de literatura e de Estética: a teoria do romance" ([1985-1975] 2014), de autoria da Bakhtin. Por fim, complementarão o nosso estudo as reflexões de Faraco (2012) e de Sobral (2009; 2012), pesquisadores contemporâneos dos escritos de *Bakhtin e o Círculo.*

"O autor e a personagem na atividade estética", texto que norteará nossas discussões a partir deste momento, foi, provavelmente, escrito em 1924. Nele, Bakhtin objetiva analisar a relação estável, viva e dinâmica do autor com a personagem nas obras de Dostoiévski, Púchkin e outros. É importante destacarmos que, no pensamento do filósofo da linguagem,

não encontramos, de forma pronta, um conceito acerca da noção autoria, por isso, é necessário que, a partir das nossas leituras e do acompanhamento do *corpus* de análise desta pesquisa, possamos propor categorias de análise que norteiam a leitura dos sermões religiosos.

Sabemos que a temática da autoria é muito relevante para o pensamento de *Bakhtin e o Círculo*. Embora suas reflexões, nesse âmbito, estendam-se sobre o discurso estético, elas também compreendem o discurso ético, o discurso do cotidiano da vida. Para Sobral (2012, p.130), esse é um ponto importante na obra do autor: a possibilidade dos apontamentos formulados para o texto literário abrangerem outros discursos da esfera cotidiana. Assim, compreendemos que o seu pensamento sobre a autoria é de grande valor para os estudos dos discursos não literários, portanto, de grande relevância para o estudo do discurso religioso que será analisado nessa dissertação.

Para Bakhtin ([1895-1975] 2003, p.10), o autor corresponde a um agente da unidade tensamente ativa do todo acabado, do todo da personagem e do todo da obra, uma vez que é transgrediente a cada elemento particular da obra estética. Ele, por sua vez,

> (...) acentua cada particularidade da sua personagem, cada traço seu, cada acontecimento e cada ato da sua vida, os seus pensamentos e sentimentos, da mesma forma como na vida nós respondemos axiologicamente por cada manifestação daqueles que nos rodeiam; (BAKHTIN, 2003, p.3)

Conforme a citação, o autor, elemento indispensável à obra estética, age ativamente sob a personagem, dando-lhe acabamento, ou seja, delineando-lhe os aspectos físicos e psicológicos, os julgamentos de valores e os atos nas diversas situações da vida. Seu olhar agrupa avaliações axiológicas que dão acabamento a esse ser. Desse modo, essa unidade tensamente ativa define os traços da personagem, produzindo-lhe em sua totalidade. Segundo Faraco (2012, p.37), o autor não registra os acontecimentos da obra de forma mecanizada, antes, ativamente, a partir de uma posição axiológica, dá forma ao conteúdo estético, sendo participante efetivo do ato criativo, portanto, uma voz criadora. Ele configura-se como um ser ativo e não passivo, uma vez que exerce ação direta no processo de construção, formação e criação da personagem.

É importante destacar, ainda, que, para Bakhtin, o autor responde axiologicamente à personagem da mesma forma como respondemos aos que, na vida, nos rodeiam, tendo em vista sermos seres, eminentemente, responsivos. Contudo, é relevante destacar que, na vida (no discurso ético), as respostas são dadas em relação às manifestações particulares dos homens, sendo, portanto, impressões fortuitas de um todo, de uma generalização. Assim, não nos interessa o todo do homem, mas, somente, alguns dos seus atos. Já na arte (no discurso

estético), o autor dá resposta ao todo da personagem e as manifestações particulares servem, apenas, para caracterizar esse todo. Essa resposta, segundo Bakhtin ([1895-1975] 2003, p.4), tem um caráter criador, produtor e de princípio, sendo, portanto, de natureza produtiva e criadora.

Durante o processo de criação, o autor não apreende uma visão imediata da personagem, uma vez que esta produz máscaras, gestos e aspectos falsos que podem despistá-lo. Bakhtin ([1895-1975] 2003, p.4) afirma: "Quantos véus necessitamos tirar da face do ser mais próximo – que nelas foram postas por nossas reações casuais e por nossas posições fortuitas na vida, - que nos parecia familiar, para que possamos ver-lhe a feição verdadeira e integral". Compreendemos, portanto, que o processo de acabamento, dado à personagem, não é instantâneo, pronto, simples, mas algo caracterizado por observações sucessivas do autor, que, do seu lugar, vai tecendo compreensões responsivas, dando forma à personagem.

É importante pontuarmos que Bakhtin faz uma distinção entre o autor-pessoa e autor-criador. O primeiro corresponde à pessoa que escreve, ao artista, ao ser empírico, já o segundo é uma função estético-formal engendradora da obra. Conforme Faraco (2012, p.37), o autor-criador é um constituinte do objeto estético - elemento imanente do todo artístico -, ou seja, é aquele que dá forma ao objeto estético, o eixo que dá sustentabilidade à obra. Ele, por sua vez, é compreendido como uma posição estético-formal incumbida de materializar uma relação axiológica com a personagem e seu mundo. É importante salientarmos que, em seus estudos, Bakhtin desenvolve reflexões acerca do autor-criador que, junto com a personagem, forma o todo artístico da obra.

Conforme Bakhtin ([1895-1975] 2003, p.19), no processo de acabamento estético, é indispensável à presença de dois participantes, ou seja, duas consciências que não coincidam (não sejam isônomas), uma vez que a consciência absoluta não pode ser estética nem formar um todo acabado, já que não há elementos que lhe sejam transgredientes. Por isso, só existe acontecimento estético na presença de duas consciências que não coincidem (consciências exotópicas). De forma mais clara, Sobral resume que

> Bakhtin, partindo da necessidade de haver dois participantes "para ocasionar um acontecimento estético" (BAKHTIN, 1997, 42), afirma que o evento estético pressupõe, para realizar-se, "duas consciências que não coincidem" , mostrando que a coincidência (a ausência de distanciamento) entre o autor (enquanto figura discursiva e não como autor concreto) e o herói (entendido por Bakhtin tanto como personagem como objeto do enunciado/discurso) ou seu posicionamento um ao lado do outro, o compartilhamento por eles de um valor comum, ou mesmo sua oposição, redunda no próprio término do

> evento discursivo estético e na instauração de eventos discursivos de outra ordem. (SOBRAL, 2012, p.130)

Dessa forma, para que haja um acontecimento estético, é necessário certo grau de distanciamento entre o autor e a personagem. Sem essa distância, teríamos outros acontecimentos, a saber: o acontecimento ético, cognitivo e religioso. Para Bakhtin, quando a personagem e o autor coincidem ou estão lado a lado, ocorre um acontecimento ético, como exemplo temos os panfletos, manifestos etc; quando não há personagem, temos um acontecimento cognitivo, a saber: tratados, manifestos etc; e, por fim, quando temos a consciência englobante de Deus, temos o acontecimento religioso, a exemplo, orações, cultos, etc. Nesta pesquisa, teremos como centro o acontecimento religioso, uma vez que analisaremos o discurso de cunho religioso.

No acontecimento estético, segundo Bakhtin (2003, p.11), a consciência criadora é transgrediente à consciência da personagem, uma vez que o todo que a conclui não pode ser dado de dentro dela mesmo. Para ele,

> A consciência do autor é a consciência da consciência, isto é, a consciência que abrange a consciência e o mundo da personagem, que abrange e conclui essa consciência da personagem com elementos por princípio transgredientes a ela mesma e que, sendo imanentes, a tornariam falsa. (BAKHTIN, 2003, p.11)

Desse modo, o autor enxerga e conhece, em particular, tudo o que enxerga e conhece a personagem, bem como tem a visão de algo inacessível a ela mesmo, pois nele estão todos os elementos para seu acabamento. A consciência concludente do autor tem acesso à consciência da personagem, ou seja, aos seus sentimentos, desejos e diretrizes volitivo-emocionais. De acordo com Bakhtin (2003, p.11), "as afirmações do autor sobre a personagem abrangem e penetram as afirmações da personagem sobre si mesma.". Assim, o autor, a partir do seu campo de visão, age vivenciando a vida da personagem por meio de variadas categorias axiológicas.

É importante destacarmos a necessidade de a consciência autoral manter uma determinada distância em relação à personagem para que a atividade estética possa ocorrer. Nesse processo, ela deve encontrar um ponto de apoio (ponto de visão) fora da outra consciência a fim de lhe dar o acabamento estético. Por isso, conforme Bakhtin (2003, p.15-17), é importante colocar-se de fora da personagem, para que ela não assuma o domínio sobre o autor, nem o autor se aposse dela, nem tampouco ela apreenda sua própria vida. Colocar-se

de fora é uma maneira de o autor e a personagem não coincidirem, uma vez que isso tornaria o acontecimento estético inviável.

Um conceito de grande relevância, também desenvolvido por Bakhtin em "A forma espacial da personagem", é o de *excedente de visão* em face do outro. Ao estudar o processo de constituição do ser, o filósofo afirma que "eu" e o "outro" estão em constante relação, são, portanto, indispensáveis no processo de criação estética. Esse aspecto também ocorre na constituição do "eu" no campo ético. Conforme Bakhtin,

> Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver: as partes do seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar, - a cabeça, o rosto e sua própria expressão -, o mundo atrás dele, toda uma série de objetos e relações que, em função dessa ou daquela relação de reciprocidade entre nós, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele. (BAKHTIN, 2003, p. 21)

Então, observamos que os horizontes de dois sujeitos, que se contemplam, não coincidem. Para Bakhtin [1895-1975] (2003, p.88), o horizonte é o que parte de dento de mim, é o contexto dos valores e sentimentos da minha vida, é o elemento do acontecimento, único e singular da minha existência. "De dentro da minha participação real na existência, o mundo é um horizonte da minha consciência atuante, operante" (BAKHTIN, [1895-1975] 2003, p.89). A partir dele, então, condiciono a imagem de cada objeto para mim, sua tonalidade volitivo-emocional e seu significado.

A não coincidência dos horizontes ocorre devido à singularidade e à insubstitubilidade dos lugares dos sujeitos, isto é, eu sou o único, que, em determinado momento, ocupa este lugar, portanto, estou singularmente situado nele, nenhum outro pode ocupá-lo. Então, deste lugar e neste momento, eu tenho um campo de visão ao qual o outro não tem acesso, assim como o outro, do seu lugar e do seu momento, tem um horizonte que não me é acessível. Desse modo, necessitamos um do excedente de visão do outro para nos constituir como sujeito, haja vista possuirmos, apenas, uma visão parcial de nós mesmos. Nessa relação de alteridade, os horizontes dos sujeitos se complementam. Conforme Faraco (2009, p.22),

> O eu e o outro são, cada um, um universo de valores. O mesmo mundo, quando correlacionado comigo ou com o outro, recebe valores diferentes, é determinado por diferentes quadros axiológicos. E essas diferenças são arquitetonicamente ativas, no sentido de que são constitutivas dos nossos atos (inclusive de nossos enunciados): é na contraposição de valores que os atos

> concretos se realizam; é no plano dessa contraposição axiológica (é no plano da alteridade, portanto) que cada um orienta seus atos.

Nesse sentido, nós, enquanto sujeitos, nos constituímos em meio à alteridade, cercados dos tons volitivo-emocionais daqueles que nos rodeiam, captarmos, por assim dizer, os reflexos da nossa vida por meio da consciência do outro. Para Bakhtin (2003, p. 13), avaliamos a nós mesmos a partir do ponto de vista dos outros, esse aspecto nos proporciona compreender aquilo que nos é transgrediente do nosso ponto de vista. E ainda, levamos em consideração a imagem que os outros (des) constroem de nós mesmos, as possíveis impressões que podemos lhes causar. Conforme Sobral,

> O sujeito depende do outro, de seu reconhecimento, para ser visto como íntegro, para ser reconhecido, constituído. Ele só tem uma ideia mais clara de si mesmo no contato com o outro, cujas reações lhe mostram coisas sobre si mesmo a que ele não tem acesso. Ao mesmo tempo o sujeito ver o outro como um ser completo, ser que veio a existir num dado momento que nunca mais se repete, ser que não tem igual, e, assim, mostra ao outro uma imagem do que esse outro "é" enquanto ser íntegro. (SOBRAL, 2009, p.55)

Nós, portanto, nos constituímos nessa relação de alteridade. Contudo, convém salientar que os elementos fornecidos pela consciência do outro não podem nos concluir, apenas ampliam nossa consciência, já que "a ultima palavra caberia à nossa própria consciência e não à consciência do outro, mas nossa consciência nunca dirá a si mesma a palavra concludente" (BAKHTIN, [1895-1975] 2003, p.14).

Segundo Bakhtin ([1895-1975] 2003, p.369), "o ponto de vista é cronotópico e abrange tanto o elemento espacial quanto o temporal". As categorias de tempo e espaço são indissolúveis e estão, intimamente, relacionadas ao ponto axiológico do sujeito. E convocam as noções de "eu-para-mim", "eu-para-outro" e o "outro-para-mim" criadas por Bakhtin. O "Eu-para-mim" corresponde ao "eu" voltado para si mesmo. Nesse ponto, o "eu" não tem a visão de sua imagem externa, apenas a vivencia interiormente. Já o "eu-para-o-outro" diz respeito ao "eu" voltado para os outros, para a coletividade, ou seja, é quando a imagem externa do "eu" faz parte do ponto de vista do outro. Por fim, o "outro-para-mim" ocorre quando o "eu" observa, do seu excedente de visão, o outro em sua integridade externa.

Para Bakhtin ([1895-1975] 2003, p. 23), o excedente de visão é como um broto que desabrocha até constituir-se flor, uma vez que, para desabrochar, é necessário que o meu excedente de visão complete o horizonte do outro, eis o porquê de sermos constituídos em meio à alteridade. Somos, portanto, sujeitos inacabados, em processo de construção, no qual o

outro é essencial nessa tarefa. No discurso estético, ainda conforme o autor, o sujeito deve entrar em empatia com o outro, vivenciar e colocar-se axiologicamente no mundo do outro e, por fim, retornar ao seu lugar, a fim de dar acabamento, ou seja, tentar completar o horizonte do outro com elementos que lhes são acessíveis apenas do seu lugar. Esse processo, provavelmente, também ocorre com os discursos no campo da vida, já que, constantemente, procuramos nos colocar no lugar do outro a fim de presumir discursos em determinadas situações.

Bakhtin ([1895-1975] 2003, p.23), ao exemplificar essa questão, afirma que, ao visualizarmos um ser em estado de sofrimento, buscamos, por um processo que denominamos de compenetração, entrar em empatia com ele, vivenciando seu estado de sofrimento. Em seguida, adotamos seu horizonte concreto e retornamos ao nosso lugar, de onde lhe forneceremos uma série de aspectos que lhes são inacessíveis do seu horizonte, uma vez que quem sofre, não conhece sua plenitude externa, somente a vivência, parcialmente, na linguagem das auto-sensações interiores, ou seja, apenas sente interiormente sua imagem externa. Quando nos compenetramos dos sentimentos do outro, vivenciamo-lo na categoria do outro, que produzirá, em nós, uma reação, provavelmente, de consolo. Cabe ressaltar que, mesmo que o sujeito pudesse observar todos os elementos da sua situação diante de um espelho (músculos tensos, sofrimento do rosto etc), jamais disporia do tom volitivo-emocional apropriado a esses elementos, uma vez que só a consciência do outro pode lhe fornecer isso.

Ao falar sobre o espelho, Bakhtin afirma que o reflexo, fornecido por ele, não corresponde à nossa imagem externa, mas, apenas, ao material da nossa auto-objetivação. Nele, encontramos, na verdade, um enfoque, de nós mesmos, compenetrado de um outro possível e indefinido, já que nossa imagem externa não integra nosso horizonte concreto, apenas, a vivenciamos na linguagem das auto-sensações interiores. Ao finalizar este exemplo, Bakhtin ([1895-1975] 2003, p. 31) afirma que "eu não estou só quando me contemplo no espelho, estou possuído por uma alma alheia".

A relação "eu" e o "outro", como temos observado, é fundamental na constituição do sujeito em Bakhtin, inclusive na autobiografia, processo em que o autor deve colocar-se à margem de si e vivenciar a si mesmo na categoria do outro, pois, só assim, encontrará elementos que possam lhe fornecer acabamento. Conforme Faraco (2009, p.95),

> Ao escrever uma autobiografia, o escritor precisa se posicionar axiologicamente frente à própria vida, submetendo-a a uma valoração que transcenda os limites do apenas vivido. (...) o escritor precisa dar a ela certo acabamento, o que ele só alcançará se distanciar-se dela, se olhá-la de fora, se

> tornar-se um outro em relação a si. Em outros termos, ele precisa se auto-objetificar, isto é, precisa olhar-se com certo excedente de visão e conhecimento.

Sem vivenciar o outro, o autor não poderá buscar completude, porque em sua consciência não há elementos que lhe seja transgredientes. Dessa forma, o processo de acabamento jamais poderá se desenvolver, exclusivamente, na consciência autoral, já que a presença do outro é indispensável no processo.

Segundo Bakhtin (2003, p.46), essa relação de alteridade é tão forte que a consciência de si mesmo, enquanto ser no mundo, é dada, ao sujeito, a partir da sua relação com o outro. Para o autor,

> De fato, mal a pessoa começa a vivenciar a si mesma de dentro, depara imediatamente com os atos de reconhecimento e amor de pessoas íntimas, da mãe, que partem de fora ao encontro dela: dos lábios da mãe e de pessoas íntimas a criança recebe todas as definições iniciais de si mesma. Dos lábios delas, no tom volitivo-emocional do seu amor, a criança ouve e começa a reconhecer o seu *nome*, a denominação de todos os elementos relacionados ao seu corpo e às vivências e estados interiores; são palavras de pessoas que ama as primeiras sobre ela, as mais autorizadas, que pela primeira vez lhe determinam de fora a personalidade e vão ao encontro de sua própria e obscura auto-sensação interior, dando-lhe forma e nome em que pela primeira vez ela toma consciência de si e se localiza como *algo*. (grifo do autor)

Observamos, por meio do fragmento exposto, que o valor potencial do corpo de um sujeito é construído em meio à alteridade. Dessa forma, uma criança entende-se como ser, pela primeira vez, a partir dos gestos, dos toques e dos olhares de sua mãe e daqueles que lhe rodeiam. As partes do seu corpo tornam-se evidentes a partir do tom volitivo-emocional de certas enunciações como: “meu pezinho”, “minha cabecinha”, “neném quer comer gagau” etc. Assim, é como se a criança fosse se constituindo, axiologicamente, através da mãe, a partir do lugar que seu corpo ocupa, como valor, em relação ao outro que lhe é, afetivamente, próximo. Contudo, o amor da mãe, que forma o ser a partir dos primeiros dias, proporciona, apenas, ao indivíduo, uma imagem exterior intuitiva acerca do valor do seu corpo. Essa imagem, contudo, não corresponde concretamente ao seu corpo, mas à representação volitivo-emocional proveniente daqueles que estão ao seu redor.

Entretanto, salientamos que, embora se constitua na relação com o outro, o “eu” não deixa de ser individual, pois os aspectos sociais e históricos não apagam sua individualidade. Conforme Sobral (2009, p.50), o social e o individual, em Bakhtin, não são opostos entre si, antes se complementam, se integram, uma vez que não há “eu” sem os “outros” nem

tampouco os “outros” sem o “eu”, “eu” existo em função do “outro” e o “outro”, por sua vez, em relação a mim. A consciência individual do sujeito se constitui na interação social, por isso, é, essencialmente, dialógica. É exposto na diversidade de vozes sociais que o sujeito vai se construindo discursivamente. Nesse processo, consolidado socialmente, o sujeito só defende um ponto de vista correlacionando-o com outros, já que o seu pensamento e a sua visão de mundo se formam nas relações dialógicas e ideológicas com os dizeres alheios.

Outra obra do Círculo que nos possibilita pensar a questão do sujeito autor é “Questões de literatura e de estética: a teoria do romance” ([1895-1975] 2014), livro em que Bakhtin critica a estilística tradicional e propõe uma estilística sociológica, bem como aborda intensamente o conceito de plurilinguismo,. Na obra, o autor concebe a linguagem do romance como resultado do plurilinguísmo, como observaremos a seguir:

> O romance é uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente, às vezes de línguas e de vozes individuais. A estratificação interna de uma língua nacional única em dialetos sociais, maneirismos de grupos, jargões profissionais, linguagens de gêneros, fala das gerações, das idades, das tendências, das autoridades, dos círculos e das modas passageiras, das linguagens de certos dias e mesmo de certas horas (cada dia tem sua palavra de ordem, seu vocabulário, seus acentos), enfim, toda estratificação interna de cada língua em cada momento dado de sua existência histórica constitui a premissa indispensável do gênero romanesco. E é graças a este plurilinguismo social e ao crescimento em seu solo de vozes diferentes que o romance orquestra todos os seus temas, todo seu mundo objetal, semântico, figurativo e expressivo. O discurso do autor, os discursos dos narradores, os gêneros intercalados, os discursos das personagens não passam de unidade básicas de composição com a ajuda das quais o plurilinguismo se introduz no romance. Cada um deles admite uma variedade de vozes sociais e de diferentes ligações e correlações (sempre dialogizadas em maior ou menor grau). (BAKHTIN, 2014, p.74-75)

Nesse sentido, a língua não é única nem monológica, mas obscurecida por pontos de vistas, avaliações axiológicas e horizontes verbo-ideológicos sociais. Ela se situa na fronteira entre o que é meu e do outro, portanto, não é neutra, mas atravessada por intenções e acentos valorativos diversos. O autor, nesse meio, usa a linguagem alheia obrigando-a a servir aos seus propósitos, a servir, como diz Bakhtin (2014, p.105), “ao seu segundo senhor”. De possa dessas linguagens, ele se relaciona, em menor ou em maior grau, com elas, fazendo com que sua verdade se refrate nelas.

O autor, por sua vez, não fala, de forma direta, na linguagem, mas através da linguagem, a partir do meio linguístico alheio, refratando suas intenções, seu querer dizer. Para Bakhtin (2014, p.127),

> O plurilinguismo introduzido no romance (quaisquer que sejam as formas de sua introdução) é o discurso de outrem na linguagem de outrem, que serve para refratar a expressão das intenções do autor. A palavra desse discurso é uma palavra bivocal especial. Ela serve simultaneamente a dois locutores e exprime ao mesmo tempo duas intenções diferentes: a intenção direta do personagem e a intenção refratada do autor.

O sujeito, então, se constitui como autor mergulhado em uma atmosfera atravessada por múltiplos horizontes verbo-ideológicos, interagindo, constantemente, com um discurso cuja palavra é bivocal, que serve, simultaneamente, ao herói e ao autor. A palavra bivocal apresenta duas consciências, dois falantes e reproduz duas intenções, duas vozes que se conhecem e que são interiormente dialogadas. No processo de interação, a primeira subjuga-se à segunda, que, por sua vez, cria um novo ambiente para enquadrá-la, instaurando-lhe novo sentido, nova coloração.

Concluindo, em "O autor e a personagem na atividade estética", Bakhtin concebe o sujeito autor como aquele que dá acabamento estético à personagem. Nesse processo, as consciências do autor e da personagem não devem coincidir, mas manter certo grau de afastamento. Ao refletir sobre o "eu" e o "outro", no texto "A forma espacial da personagem", o filósofo da linguagem afirma que a constituição do ser se dá a partir do processo de alteridade constitutiva. Dessa forma, necessitamos uns dos outros para nos constituirmos enquanto ser no mundo. Por fim, em "Questões de literatura e de estética: a teoria do romance", Bakhtin entende o autor como aquele que seleciona e organiza as vozes no romance, subjugando-as as suas intenções.

No capítulo que segue, discutiremos os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento desta pesquisa, a fim de compreendermos a abordagem, a caracterização do *corpus*, a coleta dos dados, os sujeitos da pesquisa e as categorias de análise.

CAPÍTULO IV

4. A METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA

Neste capítulo, apresentaremos a metodologia da pesquisa, direcionando o nosso olhar para os métodos, os instrumentos e as técnicas utilizadas na elaboração desta investigação. A metodologia corresponde ao caminho que utilizamos para chegar ao nosso objetivo, é o conjunto de procedimentos estabelecidos para a realização da pesquisa. Dessa forma, adiante, abordaremos o passo-a-passo do nosso trabalho, expondo o método, a abordagem, a natureza, a coleta dos dados, os sujeitos da pesquisa e os demais procedimentos adotados para chegarmos às conclusões finais.

Cabe ressaltar que dividiremos este capítulo em cinco seções. Na primeira, faremos a caracterização da pesquisa, explicitando os aspectos metodológicos gerais. Em seguida, refletiremos sobre o sermão como um gênero discursivo da modalidade oral da língua. Posteriormente, realizaremos a descrição do *corpus* de análise. Logo depois discutiremos acerca dos sujeitos da pesquisa. E, por fim, apresentaremos, com base nos capítulos anteriormente elaborados e na leitura dos dados, uma proposta analítica que subsidiará a interpretação dos sermões religiosos no capítulo que seguirá.

4.1. Caracterização metodológica de pesquisa

A pesquisa apresenta uma abordagem qualitativo-interpretativista, voltada para o estudo de um dado fenômeno da realidade social. Convém destacar que, embora não seja nosso objetivo quantificar dados, não desprezamos o universo de amostras. Salientamos ainda que os resultados que serão apresentados correspondem a revelações dos enunciados analisados que, para teoria dialógica da linguagem, são únicos, irrepetíveis e singulares. Com vistas nisso, ressaltamos que não é nosso objetivo apresentar princípios e categorias que valham para a análise de qualquer enunciado.

O estudo insere-se no campo das pesquisas enunciativo-discursivas, uma vez que busca compreender um fenômeno inerente ao enunciado concreto, a saber: a autoria. É também uma pesquisa descritiva e explicativa, pois visa descrever e explicar (LAKATOS, MARCONE, 2003) os fatores que motivaram um determinado fenômeno, ou seja, as causas que lhe originaram.

4.2. O gênero discursivo sermão religioso

Conforme Bakhtin (2011), falamos por meio de gêneros do discurso que, em termos práticos, empregamos de modo habilidoso, mas, em termos teóricos, podemos desconhecê-los totalmente. Com vistas nisso, compreendemos o sermão religioso como um tipo relativamente estável de enunciado que apresenta um conteúdo temático, uma estrutura composicional e um estilo. Ele, por sua vez, é oriundo do campo de atividade humana religioso, que apresenta seu próprio modo de orientação em relação à realidade, refratando-a a sua própria maneira.

Para Silva (1992), em seu livro *Homilética*[2]*: o pregador e o sermão*, os sermões religiosos de natureza homiliasta dividem-se em três: sermão temático ou tópico, sermão textual e sermão expositivo. Para o autor, o sermão temático ou tópico tem início com um assunto, um tópico ou um tema retirado da *Bíblia Sagrada*. Sua dissertação não se concentra em um texto, mas em todas as partes da escritura sagrada que fala da temática. O sermão textual, por conseguinte, é aquele em que suas divisões principais vêm de uma breve porção da *Bíblia Sagrada*. Por fim, o sermão expositivo é parecido com o textual, contudo, é mais progressivo e extenso. Ele é aquele em que uma porção, mais ou menos extensa, da *Bíblia* é interpretada em relação a um tema.

Ainda conforme Silva (1992), os elementos gerais que compõem a estrutura composicional de um sermão religioso são o título, o tema, o texto, a introdução, o corpo do sermão, a aplicação e a conclusão do sermão. O título dá nome ao conteúdo e o tema ao assunto da discussão. O texto, por sua vez, é a porção da escritura sagrada utilizada para fundamentar o sermão. A introdução corresponde à parte inicial do sermão que necessita ser atrativa para chamar a atenção dos fieis. O corpo do sermão é o conjunto de fatos, ideias, provas e argumentos que podem ser divididos em pontos específicos. A aplicação é uma ponte entre o texto sagrado e a realidade emergente do fiel, é o apelo, o convite à mudança de mentalidade, de comportamento. Por fim, a conclusão corresponde à síntese das "verdades" afirmadas.

Embora haja um conjunto de aspectos estruturais que compõem o gênero sermão, destacamos que, na realidade concreta, essa estrutura pode sofrer modificações, uma vez que os gêneros não são, conforme Sobral (2009), estruturas rígidas, pois podem sofrer alterações de acordo com o projeto enunciativo do sujeito, autor do enunciado. Convém ressaltar que

[2] Livro que pertence à área de Homilética, disciplina teológica que se ocupa da pregação cristã. A obra oferece os princípios gerais e os elementos funcionais para a prática da dissertação e disciplina de um pregador.

Bakhtin, ao nomear os gêneros do discurso de tipos *relativamente estáveis* de enunciados, não quis reduzir seu conceito a uma noção puramente linguística nem tampouco a protótipos.

Ademais, compreendemos também o sermão como um gênero da modalidade oral da língua. Marcuschi (2008, p.186-187) afirma que "o estudo da classificação das interações verbais orais é bem mais recente e menos sistemático que a classificação dos textos escritos", por isso, não observamos estudos abundantes nessa área. Segundo o autor, oralidade e escrita são aspectos do sistema linguístico, pois correspondem a realizações de uma mesma gramática, mas, no que se refere ao ponto de vista semiológico, cada uma tem suas peculiaridades, de modo que a escrita não representa a fala.

Conforme o Travaglia (2013, p. 4), o PETEDI, Grupo de Pesquisa sediado no Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia e ligado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos dessa mesma instituição, em suas discussões,

> (...) estabeleceu que gênero oral é aquele que tem como suporte a voz humana (vista como a característica particular que tem o som produzido pelo aparelho fonador) e que foi produzido para ser realizado oralmente, utilizando-se a voz humana, independentemente de ter ou não uma versão escrita.

Dessa forma, mesmo que haja uma versão escrita, determinados gêneros foram produzidos para serem realizados oralmente, enquanto outros, embora possam ser oralizados, não foram criados para tal finalidade. Marcuschi (2008, p. 192) afirma que "um poema declamado não se torna uma linguagem falada no ato da declamação e sim um texto escrito oralizado, já que sua concepção foi no formato escrito". Com base nessas considerações, mesmo que tenha uma versão sucinta escrita, como as conferências e as representações teatrais, o sermão é um gênero oral, pois só se concretiza numa situação tipicamente oral.

Em alguns casos, o sermão é elaborado para ser oralizado, ou seja, é escrito previamente para ser lido em uma dada situação de um ritual religioso. Como exemplo, encontramos algumas homílias[3] proferidas pelo Papa Francisco na Jornada Mundial da Juventude no Brasil. Em outros casos, os sermões são tipicamente orais ou de improviso (SILVA, 1992). É importante destacar que "improviso" não significa "de qualquer jeito", pois o pregado é auxiliado por um pequeno esboço. Entretanto, nessa forma de apresentação, há mais liberdade para expressão. Os sermões que analisaremos segue essa segunda linha de apresentação.

[3] Consultar: http://w2.vatican.va/content/vatican/pt.html

4.3. O *corpus* de análise

Sabemos que o espaço discursivo religioso protestante é caracterizado por diversos posicionamentos ideológicos que originam as variadas ramificações do cristianismo protestante. Entre as principais ramificações desse movimento religioso, encontramos as perspectivas tradicional reformada, pentecostal e neopentecostal. A escolha da vertente tradicional reformada, para estudo neste trabalho, se justifica, uma vez que, no *Grupo de Pesquisa em Linguagem, Enunciação e Interação – GPLEI* - já existem trabalhos, como o de Silva (2015), que contemplam a autoria na pregação neopentecostal, ramificação do pentecostalismo, uma das vertentes, que citamos acima, do cristianismo protestante. Dessa forma, interessou-nos estudar enunciados que não tivessem origem no pentecostalismo. Além disso, como critério de seleção e escolha do *corpus* de análise, utilizamos a noção de endereçamento, ou destinatário, desenvolvida em *Estética da Criação Verbal* ([1895-1975], 2011) por Bakhtin, uma vez que pensamos que as variações de auditório social, provavelmente, podem revelar diferentes aspectos na autoria dos sermões.

O *corpus* de análise, coletado em julho de 2015 no site *Youtube*, é composto por quatro sermões religiosos, dois de cada pregador reformado. Nesta dissertação, analisaremos, como amostra, dois sermões, um de cada pregador, ambos desenvolvidos em eventos religiosos específicos e direcionados a públicos distintos. O primeiro, "Sem fé é Impossível agradar a Deus", de Ed. René Kivitz, foi produzido em um congresso do Instituto Haggai, em julho de 2009, e direcionado a líderes pastorais. Já o segundo, denominado "O crente e o Mundo", de Paulo Junior, foi elaborado em fevereiro de 2015 no Congresso de Mocidade Evangélica Pentecostal COMEPE (Congresso de Mocidade Evangélica pentecostal), direcionado aos jovens cristãos. Dessa forma, estudaremos um sermão que é ministrado para líderes religiosos que formam fieis cristãos em todo o país, bem como outro desenvolvido para jovens discípulos em processo de formação.

Salientamos que, embora o segundo sermão tenha sido produzido em um evento pentecostal, é direcionado para juventude cristã de uma forma geral. Destacamos também que Paulo Junior, o autor-pregador, é considerado, segundo Campos (2015, SD), um expositor reformado e calvinista, um dos mais frequentemente aludidos quando o assunto é reforma e calvinismo. Desse modo, temos, na cena enunciativa, um autor-pregador reformado enunciando em um congresso, de vertente teológica pentecostal, para jovens cristãos.

Quanto à coleta dos dados, nossa intenção, a priori, era realizá-la nos templos das instituições religiosas. Contudo, devido ao tempo, bem como às autorizações, por parte dos

sacerdotes, para a coleta dos sermões, não foi possível realizar o projeto inicial. Em vista disso, optamos pela pesquisa no *Youtube*, já que o portal oferece diversas gravações com rituais religiosos cristãos completos.

Após a coleta dos dados apresentados, realizamos a transcrição de acordo com as normas do Projeto Norma Urbana Culta da Universidade Federal de Pernambuco – NURC/UFPE, cujo quadro de símbolos se encontrará anexado a esta dissertação. Em seguida, partimos para sistematização, análise e interpretação dos dados, a fim de chegarmos às nossas conclusões finais.

4.4. Os sujeitos da pesquisa

Os sujeitos, alvos do nosso estudo, são dois pregadores tradicionais reformados. O primeiro, Ed. René Kivitz, é formado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo e é líder da Igreja Batista de Água Branca – IBAB, em São Paulo. O segundo, Paulo Junior, é fundador e líder da Igreja Aliança do Calvário, situada também no estado de São Paulo. Ambos comungam com a teologia tradicional reformada, doutrina cujas bases conheceremos a seguir.

Os cristãos tradicionais compõem as igrejas históricas oriundas da reforma protestante, movimento originado no século XVI e encabeçado por Martinho Lutero com a finalidade "recuperar" a sã doutrina da igreja católica. Na reforma protestante, Lutero não propôs o surgimento de uma nova doutrina, mas a reformulação de determinados princípios da Igreja Católica Apostólica Romana. De acordo com Proença (SD, p.3)[4], o teólogo afixou 95 teses na porta da igreja de Wittenberg, na Alemanha, que apontavam desvios teológicos, doutrinários e institucionais cometidos pela igreja católica.

Ainda conforme Proença (SD, p.4), "Os principais fundamentos da pregação luterana consistiram em afirmar: 'só a fé, só a escritura e só a graça'". Dessa forma, dizia Lutero que a justificação e o perdão pelos pecados eram alcançados mediante a graça, por meio da fé, no sacrifício de Jesus Cristo na cruz. No livro sagrado dos cristãos, encontramos a defesa deste argumento em diversas cartas escritas pelo apóstolo Paulo, importante personagem bíblico.

Outro grande marco da reforma protestante consiste no acesso à escritura sagrada, outrora restrita, exclusivamente, ao clero religioso. A tradução da Bíblia, por Lutero e outros reformadores, viabilizou a aproximação, de muito fiéis, ao texto sagrado, descentralizando o

[4] SD- sem data.

poder detido pela Igreja Católica Romana. Com a tradução da Bíblia, os devotos puderam conhecer mais de perto a "verdade" religiosa, já que a igreja não detinha mais o poder sobre as escrituras que, outrora, eram acessíveis, apenas, ao clero religioso, conjunto de autoridades que controlavam a circulação dos possíveis sentidos.

Entre os desdobramentos da reforma, ou seja, entre aqueles que deram continuidade ao movimento originado por Martinho Lutero para que o conhecimento bíblico chegasse aos outros pontos geográficos, encontramos João Calvino, estudioso que deu origem ao movimento calvinista reformado.

O calvinismo, assim comumente conhecido, surgiu na Suíça e tem como preceitos básicos, segundo Steele e Thomas (SD, p.1-4), os seguintes argumentos doutrinários:

- **Depravação total do homem** – o homem é um pecador incapaz de crer de maneira salvífica no evangelho. Desse modo, é preciso uma regeneração, por meio do Espirito Santo, para que alcance uma nova natureza;
- **Eleição incondicional** – Deus escolheu determinados indivíduos para serem salvos antes mesmo que formasse o mundo. Deus, portanto, os atrai à fé e ao arrependimento;
- **Redenção particular ou expiação limitada** – Cristo se deu no lugar de pecadores específicos. Sua redenção assegura tudo o que é necessário para a salvação dos que são seus;
- **Graça irresistível** – Aos escolhidos, o Espírito Santo realiza uma chamada interior inevitável à salvação. Desse modo, eles não resistirão à graça e correrão para Deus;
- **Perseverança dos santos** - Todos que foram eleitos por Deus perseverarão até o fim, não se perderão no meio da caminhada.

Na atualidade, muitos pregadores brasileiros defendem os princípios gerais propostos por João Calvino, fazendo com que esse movimento continue reverberando.

Após a reforma protestante, outros movimentos também surgiram dentro do cenário religioso, dentre eles: o pentecostalismo e neopentecostalismo. Abordaremos esses movimentos a seguir, uma vez que, no diálogo entre os reformados na análise dos dados, aparece esse presumido.

O primeiro é considerado um dos mais marcantes movimentos da igreja cristã. De acordo com o periódico *Cristianismo Hoje*, publicado em setembro de 2011, com mais de um século na atualidade e meio bilhão de adeptos, o pentecostalismo surgiu no século XIX nos Estados Unidos da América, ambiente religioso bastante dinâmico e volátil. Ainda segundo o periódico:

> Apesar de muitos considerarem o Reavivamento da Rua Azuza (1906) como o nascimento do Pentecostalismo moderno, o falar em línguas teve lugar em

> duas reuniões santas anteriores, uma em Topeka, Kansas, em 1901, e a outra em Cherokee County, Carolina do Norte, em 1896.

Os adeptos do pentecostalismo correspondem a um grupo religioso que prega, na atualidade, o mover do Espírito Santo e a aquisição de dons celestiais, dentre eles, o falar em línguas estranhas, considerado uma espécie de segundo batismo pelo Espírito Santo de Deus. Para Silva e Dias,

> O termo 'pentecostal', *etimologicamente*, refere-se à experiência vivenciada pelos primeiros cristãos cinquenta dias após a morte de Jesus Cristo e dez dias após sua ascensão aos céus, quando, durante a festa judaica do pentecostes, Deus enviou o seu Espírito Santo. Muitos teólogos cristãos consideram esse evento o surgimento da igreja cristã. Os pentecostais arrogam para si participarem da experiência registrada na bíblia em Atos 2. (SILVA; DIAS, 2010, p.2) (Grifo do autor)

Assim, como observamos no recorte acima, para os cristãos pentecostais, a experiência do batismo pelo Espírito Santo, vivenciada durante a festa de pentecostes, continua existindo até os dias atuais. Os dons do Espírito continuam se manifestando nas igrejas, pois é uma das maneiras como Deus se relaciona com seu povo.

No Brasil, conforme Mariano (1996), o pentecostalismo chegou por volta de 1910 e provocou diversas mudanças no cenário religioso do país. Para essa vertente, as pessoas atribuem à fé os milagres alcançados. Dessa forma, a devoção é algo marcante entre os religiosos que buscam dádivas de forma intensa por meio da oração, da obediência a Deus, das campanhas, dos jejuns, das vigílias, das idas aos montes etc. Algumas dessas práticas têm como base o texto sagrado de Tiago 4:10, que diz: "Humilhai-vos perante o Senhor, e Ele vos exaltará".

De acordo com Mariano (2004, p.122-123), o movimento pentecostal brasileiro apresenta três momentos: o primeiro chamado de pentecostalismo clássico, de 1910 – 1950, inaugurado com a fundação da Congregação Cristã no Brasil (em 1910, em São Paulo) e da Assembleia de Deus (1911, no Pará); o segundo denominado pentecostalismo neoclássico, que surgiu em 1950, com a chegada de dois missionários norte-americanos da International Church of The Foursquare Gospel; e, por fim, o terceiro, denominado de neopentecostalismo, teve iníciou na década de 70 e, entre suas principais representações, encontramos a Igreja Universal do Reino de Deus (1977, no Rio de Janeiro) e Igreja Internacional da Graça de Deus (1980, no Rio de Janeiro).

O neopentecostalismo é uma tendência religiosa que ganhou força por volta da década de 1980. Conforme Mariano (2004, p.123), nas igrejas neopentecostais, há uma forte

tendência para a pregação da prosperidade. Dessa forma, o cristão é destinado para ser próspero em todos os aspectos: espirituais, financeiros, emocionais, físicos etc. O movimento defende, de forma mais acentuada, que, por meio da fé, alcançamos as bênçãos de Deus. Sem fé, dificilmente, o sujeito alcançará seus desejos pessoais, já que a falta dela os bloqueia. Conforme Rosas,

> Os neopentecostais, contrariamente aos pentecostais das primeiras ondas, promoveram grande liberdade quanto às representações em torno do corpo, exacerbaram a guerra contra o diabo, aderiram e acentuaram a pregação da Teologia da Prosperidade _ de que se deve usufruir dos bens que Deus reservou aos seus filhos ainda na terra. (ROSAS, SD, p.4)

Então, uma das fortes tendências das igrejas neopentecostais é a teologia da prosperidade, já que os líderes religiosos levam os fieis a pensarem que por meio da fé alcançarão as bênçãos da divindade.

Finalizando, convém destacarmos que, embora cada vertente apresente suas características específicas, em alguns casos, essa classificação não é rígida, pois pregadores podem ter características reformadas, bem como características pentecostais e neopentecostais.

4.5. Proposta de análise

Nesta seção, faremos a apresentação da nossa proposta de análise. Salientamos que os princípios e as categorias, aqui elencados, apresentam como base os capítulos anteriormente discutidos nesta dissertação, bem como a leitura prévia do *corpus* de análise, isto é, dos sermões religiosos tradicionais reformados. Inicialmente, retomaremos, respaldados em nossos estudos, o que concebemos por autor e, em seguida, apresentaremos os dois princípios pelos quais o autor se revela nos enunciados estudados. Cada princípio, por sua vez, possui uma ou mais categorias de análise.

Inicialmente, apoiando-nos em Faraco (2009, p. 94), concebemos o autor como uma posição axiológica, como um modo particular de ver o mundo, como um princípio ativo que guia a construção do enunciado direcionando o olhar do leitor. Autorar, segundo esse estudioso, é assumir uma máscara específica, uma determinada posição socioaxiológica.

O sujeito, portanto, é uma posição axiológica que se constitui discursivamente, de acordo com Faraco (2009, p.86-87), apreendendo a diversidade de vozes sociais. Ele é uma instância que vive uma tensão, simultânea, entre o que é da ordem do social e do individual. O

sujeito, portanto, não é destituído de uma (re) ação, embora não seja totalmente autônomo. Conforme Fiorin (2016, p.64), "O sujeito é integralmente social e integralmente individual. Ele é um evento único, porque responde às condições objetivas do diálogo social de uma maneira específica, interage concretamente com as vozes sociais de um modo único".

Com base no exposto, propomos que a autoria se revela, nos enunciados que analisaremos nesta dissertação, a partir de dois princípios básicos:

1º - O princípio do Discurso de Outrem – D.O.

Na concepção de linguagem de *Bakhtin e o Círculo*, a língua, em sua totalidade concreta, é eminentemente dialógica. Assim, ao enunciarmos, levamos em consideração o discurso de outrem (D.O.), os diversos fios dialógicos que se encontram no entorno de um dado objeto do discurso. Nossos enunciados são atravessados, povoados, ocupados por discursos alheios, ou, como afirma Bakhtin ([1895-1975] 2003, p.294-295), são plenos de palavras de outrem, de um grau variado de alteridade, de aperceptibilidade e relevância. Eles, portanto, apresentam ecos e ressonâncias de outros enunciados.

A partir disso, a autoria se revela nos sermões, a partir da seguinte categoria:

1ª Categoria: As formas de enquadramento e valoração do discurso de outrem – D.O

Para Bakhtin ([1895-1975] 2003, p.272), a compreensão plena real é ativamente responsiva, já que, ao enunciarmos sobre um determinado objeto do discurso, estamos emitindo um certo julgamento de valor, isto é, concordando, discordando, acrescentando, rejeitando etc. Dessa forma, embora a palavra de outrem traga consigo sua expressão, nós a *assimilamos*, *reelaboramos* e *reacentuamos* (BAKHTIN [1895-1975] 2003, p.295) mediante o nosso querer-dizer em certas circunstâncias de enunciação. A voz alheia, portanto, não é enquadrada de forma mecânica, mas recebe uma moldura dialógica dada pelo autor do enunciado que, do seu ponto de vista, convoca, enquadra e avalia o discurso de outrem.

2º - O princípio do endereçamento do enunciado concreto

Um aspecto importante do enunciado concreto é o endereçamento, isto é, o fato de dirigir-se para alguém. Dessa maneira, o enunciado apresenta um destinatário que pode ser

um interlocutor imediato presente durante a enunciação (participante efetivo da situação) ou uma coletividade que represente um determinado grupo social (comunidade religiosa, correligionários, grupo de artistas etc.). O enunciado apresenta, portanto, um autor e um destinatário. O autor, ao construí-lo, leva em consideração, do seu ponto axiológico, o fundo aperceptível do seu destinatário (as concepções, os conceitos, as ideologias, os preconceitos etc.) que determinará, por assim dizer, a ativa compreensão responsiva, por parte do destinatário, em relação ao seu enunciado.

Levando em consideração este aspecto, propomos duas categorias analíticas para esse princípio:

1ª *Categoria - As escolhas estilísticas*

Conforme Bakhtin ([1895-1975] 2003, p. 302), um dos aspectos que constitui o enunciado é o estilo, escolhas léxico-semânticas realizadas pelo autor levando em consideração o destinatário e a sua resposta. É impossível o enunciado apresentar um estilo sem levar em consideração os enunciados de outrem. Para Bakhtin, esse elemento do enunciado, ao mesmo tempo em que é social, devido sua correlação com o gênero do discurso, é individual, por causa da relação do autor com o objeto do discurso. Convém destacarmos que as escolhas estilísticas estão, intimamente, associadas à tonalidade dialógica do enunciado, segunda categoria que apresentaremos a seguir.

2ª Categoria – A tonalidade dialógica

Para Bakhtin, o enunciado apresenta tonalidades dialógicas que correspondem à expressão real e concreta do falante. A tonalidade dialógica dá, ao enunciado concreto, um colorido expressivo. Toda enunciação, por assim dizer, apresenta um tom avaliativo que é proveniente da relação do sujeito com o interlocutor, bem como com o objeto do discurso, tema da enunciação. É importante destacar que as escolhas lexicais, realizadas pelo autor do enunciado, também influenciam na emissão do tom valorativo. Segundo Bakhtin ([1895-1975] 2003, p. 298), "O enunciado é pleno de tonalidades dialógicas, e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado". Portanto, por meio da tonalidade dialógica, é possível um enunciado expressar valorações diversas: alegria, tristeza, sarcasmo, zombaria, ironia, felicidade etc.

Adiante, apresentaremos um quadro ilustrativo que sintetiza nossa proposta analítica:

Quadro 4.: Categorias de análise

Autoria	
1º - O princípio do Discurso de Outrem – D.O.	
Categoria	As formas de enquadramento e valoração do discurso de outrem – D.O.
2º - O princípio do endereçamento do enunciado concreto	
1ª Categoria	As escolhas estilísticas
2ª Categoria	A tonalidade dialógica

Fonte: Elaboração própria a partir das discussões apresentadas nos capítulos anteriores.

A proposta aqui apresentada subsidiará a leitura dos sermões religiosos que veremos, a seguir, no capítulo de análise dos dados.

CAPÍTULO V

5. AUTORIA: ANÁLISE DE SERMÕES DE PREGADORES REFORMADOS À LUZ DA PERSPECTIVA DIALÓGICA DA LINGUAGEM

Neste capítulo, apresentaremos a análise dos dados à luz da perspectiva dialógica da linguagem. Para isso, levaremos em consideração as categorias de análise expostas no fim do capítulo anterior. Teremos como *corpus* de estudo 2 sermões religiosos, de pregadores tradicionais reformados, direcionados a públicos distintos. Por questões de organização, optamos por analisar um sermão por vez e, no fim, estabelecer nossas considerações finais.

5.1. Sermão 1: "Sem fé é impossível agradar a Deus"

O sermão, gênero discursivo produzido no campo de atividade humana religioso, pode apresentar como conteúdo temático uma instrução, uma persuasão, uma orientação, um estímulo ou um consolo, todos com base nas mensagens veiculadas por meio da *Bíblia Sagrada* (SOUSA; SANTANA, SD). Um mesmo sermão pode apresentar mais de uma finalidade específica. No sermão 1, alvo desta análise, por exemplo, ora o pregador promove uma instrução, ora uma orientação, ora um consolo.

O sermão "Sem fé é impossível agradar a Deus" é de autoria de Ed René Kivitz, teólogo, escritor, mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo e pastor presidente da Igreja Batista de Água Branca (IBAB), instituição oriunda da reforma protestante e vinculada à Convenção Batista Brasileira e à Convenção Batista do Estado de São Paulo. A igreja é considerada, pelos mentores, uma comunidade cujo objetivo é reunir e congregar pessoas a fim de tratá-las espiritualmente a partir dos ensinamentos e conselhos da *Bíblia Sagrada*.

O sermão de René, que apresenta 37 minutos e 55 segundos de duração, foi ministrado, entre 26 e 28 de junho de 2009, no Congresso do Instituto Haggai, em Águas de Lindóia, São Paulo. O Haggai é uma entidade cristã, fundada em 1969, por John Edmund Haggai, cujo objetivo é o desenvolvimento de lideranças pastorais cristãs. Essa organização visa aprimorar e mobilizar líderes para serem os melhores agentes do cristianismo nos locais onde atuam, bem como consiste em um movimento missionário que busca falar da palavra de Deus, das "verdades" das escrituras sagradas.

O enunciado é endereçado aos diversos líderes religiosos que conduzem comunidades cristãs protestantes em todo país. Dessa forma, encontramos, na cena enunciativa, um pregador-formador falando para líderes religiosos que participam de um congresso para o aperfeiçoamento da liderança pastoral. Cabe ressaltar ainda que o sermão organiza-se na seguinte estrutura composicional: saudação inicial, leitura bíblica, introdução, desenvolvimento (apresentação dos pontos), aplicação e conclusão.

O enunciado é produzido no púlpito do palco do teatro onde ocorre o evento do Instituto Haggai. No centro do local, observamos, em azul, o *slogan* "Haggai Brasil: 30 anos" que ressalta a importância daquele evento para líderes religiosos. O sermão, produzido por René, tem como base Hebreus 11: 1-4, texto da *Bíblia Sagrada* que aborda a temática da fé, objeto de discurso do autor-pregador. Na introdução, o sacerdote religioso afirma que o texto referenciado não apresenta uma definição precisa, o que gera margens para diversas formulações acerca da noção de fé. Em seguida, apresenta conceitos de fé para o senso comum, os quais descontrói, durante sua enunciação, para construir o seu ponto de vista a partir do texto-base do sermão. Dessa forma, uma das estratégias do seu projeto enunciativo é a desconstrução do ponto de vista alheio para a construção do seu posicionamento axiológico sobre o objeto do discurso fé.

No desenvolvimento do sermão, o autor-pregador expõe três equívocos gerados ao se conceber a fé conforme o senso comum, a saber: conceber a fé como algo que move o braço de Deus é uma prepotência, pois não podemos colocar Deus em movimento; conceber a fé como algo que move o braço de Deus é pressupor a passividade da divindade; conceber a fé como algo que move o braço de Deus é supor que o nosso coração é mais comprometido com a realidade do que o de Deus. Para finalizar, o autor realiza suas aplicações e conclui apresentando a seguinte definição sobre o seu objeto de discurso: fé é, portanto, entregar, conhecer e servir a Deus, conforme fizeram Abel, Enoque e Noé, personagens relatados em Hebreus 11.

Expostos os elementos que compõem a situação, seguiremos para o fragmento do enunciado considerado a introdução a fim de observarmos os mecanismos de autoria mobilizados pelo sujeito autor que, do púlpito no palco do teatro, tece suas considerações iniciais, agradecendo, aos organizadores do evento, o convite para a ministração no congresso do Instituto Haggai. Ao dirigir-se ao seu auditório social, o autor-pregador enuncia:

Fragmento 1 (L5 –L8).
E também é constrangedor estar aqui depois de tudo quanto Deus já nos deu hoje à noite já conosco falou... *mas pela fé vejo o invisível* (risos do preletor e da plateia)... e imagino creio que o Senhor pode e ainda quer falar conosco... *pela fé eu submeto os irmãos a esse sacrifício*... *pela fé tento compreender esse mistério*... (risos do preletor e da plateia)... (Grifo nosso)

No fragmento exposto, o pregador introduz o sermão convocando discursos de outrem, a saber: as visões do movimento pentecostal e neopentecostal acerca do objeto do discurso em questão, o conceito de fé. Convém reiterarmos que, para Bakhtin ([1895-1975] 1993, p. 86), o objeto de um discurso está envolto por discursos de outrem, com os quais estabelecemos diálogos nem sempre pacíficos. Assim, de forma sutil – mas nitidamente clara para a plateia -, o autor-pregador faz alusão, com uma tonalidade irônica, aos pontos de vista adotados pelos fiéis pentecostais e neopentecostais. Durante todo sermão, ele trava um embate com tais vozes, que denomina de "senso comum", para que, em suas conclusões, possa estabelecer um conceito a partir do ponto de vista que enuncia.

O tom irônico do enunciado é confirmado a partir dos risos do auditório social. Conforme Brait (2008), ao estudar a ironia numa perspectiva polifônica, essa estratégia argumentativa denuncia um ponto de vista e conta com a participação do destinatário para concretizar-se como significação. Dessa forma, compreendemos que o efeito irônico-cômico do fragmento que apresentamos é bem-sucedido nesse contexto, uma vez que, ao enunciar, o autor, do seu lugar, leva em consideração o seu destinatário, ou seja, os conceitos, as ideologias e as compreensões que este possui.

Desse modo, ao pressupor que os fiéis presentes compartilham dos mesmos princípios que os seus, o sacerdote religioso sente-se confortável para se utilizar da ironia, como estratégia discursiva, para descontruir e criticar a posição ideológica pentecostal e neopentecostal, escarnecendo, de certa forma, dessas visões religiosas. A ironia é bem sucedida graças aos elementos da situação enunciativa, especialmente ao presumido compartilhado por todos os interlocutores envolvidos no momento da enunciação. É importante ressaltar que se o auditório social também fosse constituído por fieis de outras vertentes teológicas cristãs, certamente, a ironia não se estabeleceria, pois a situação seria outra, os interlocutores seriam outros e, por consequência, o efeito de sentido do enunciado seria outro.

Outro aspecto que convém verificarmos no fragmento apresentado é a repetição, por três vezes, da expressão "pela fé", encontrada em Hebreus 11, texto base do sermão. O autor-

pregador convoca esse discurso e o correlaciona com o discurso pentecostal e neopentecostal, criando, assim, um efeito de sentido que, como observamos anteriormente, é irônico e, simultaneamente, cômico. A instância autoral, então, retira a definição de fé dada pelo texto de Hebreus e coloca o conceito defendido pelas visões que, no momento, critica, realizando um deslocamento.

Destacamos também, no recorte exposto, a presença de elementos estilísticos que marcam a autoria do pregador. Como exemplo, verificamos o uso de palavras que, certamente, são compreendidas pelo pregador e pelo auditório social como inerentes ao pensar dos cristãos pentecostais e neopentecostais, a saber, os termos: "mistério", muitas vezes compreendido como algo oculto e guardado por Deus desde a eternidade, e "invisível", entendido, às vezes, como as ações que se desenvolvem no plano espiritual e que são inacessíveis ao homem. Observamos ainda a presença dos verbos "vejo", "submeto" e "tento", todos no presente do indicativo, que apontam para a concepção que o autor-pregador e o auditório social possuem sobre os sujeitos que aderem ao cristianismo pentecostal e neopentecostal. Conforme Martins (2015, p.2),

> O movimento pentecostal clássico se desenvolveu como um grande agente de mudança social. Pessoas que viviam a margem da sociedade, por meio do culto do pentecostalismo, vieram experimentar a ação pneumatológica, anunciada pelo movimento. Com isto, indivíduos sentiam-se empoderados, tendo em vista a experiência do Batismo no Espírito Santo, onde ocorria o êxtase espiritual. Este poder do Espírito capacitava o marginalizado a vencer as adversidades da vida, dando a ele, a motivação para trabalhar em busca de suas aspirações.

Como observamos na citação, o empoderamento do sujeito, após o batismo pelo Espírito Santo, é algo muito comum entre os fieis pentecostais e neopentecostais. Dessa forma, o fiel que compartilha desse momento ganha certo *status*, por isso, lhe convém, por meio de "armas espirituais", como o jejum, a oração, a consagração e as campanhas de oração, exercer ações de poder, autorizar graças, chamar a existência milagres divinos etc. Essas escolhas verbais, selecionadas pelo autor-pregador no fragmento 1 do *corpus*, contribuem para a construção da crítica, com o tom irônico, à noção de sujeito empoderado, ou seja, do fiel que, por meio da fé, poderá alcançar o que desejar da divindade.

Após a citação que analisamos, o autor-pregador lê o texto base e realiza uma oração. Em seguida, introduz sua exposição indagando o conceito de fé: "O que é fé?". Logo adiante, referindo-se ao texto base, ele afirma que "esta linguagem da palavra de Deus nos coloca diante de um *universo de possibilidade* (...)" (Grifo nosso).

Observamos que, ao utilizar a expressão "universo de possibilidade", o autor reconhece o feixe de sentidos que o texto, em seu contexto de produção, pode oferecer ao leitor; contudo, durante toda a pregação, ele desenvolve estratégias discursivas para que o seu destinatário reconheça, apenas, a definição que dará como verdadeira, desconstruindo os pontos de vista dos fiéis pentecostais e neopentecostais. O autor, por sua vez, trabalha, a partir de seu projeto enunciativo, para fechar uma interpretação única, característica comum ao discurso religioso autoritário, que não reconhece outras verdades ao lado da sua ou até mesmo pontos de vistas divergentes no seu segmento.

Seguidamente, o autor diz que para o senso comum, como chama os fiéis adeptos da teologia pentecostal e neopentecostal, fé corresponde, erroneamente, à profunda convicção do que vai acontecer, a certeza de algo. Para exemplificar seu pensamento, ele faz uso, em seu enunciado, de breves simulações de discursos de outrem. Vejamos:

Fragmento 2 (L35 – L44).
assim é que quando alguém nos pedem para orar por uma entrevista de emprego nós dizemos *"vai na fé irmão...vai na fé que a vaga é tua"* (risos – preletor e plateia)... quando alguém pede que oremos por uma questão de saúde e nos diz *"amanhã vou ao médico buscar o resultado dos exames"*... nós dizemos *"vai em fé... vai em fé o Senhor há de te curar"*... quando alguém está vivendo a sua crise conjugal... marido está fora de casa nos braços de uma amante ou infelizmente o que ocorre nos nossos dias a esposa está fora de casa nos braços de um amante... nós dizemos *"tenha fé seu marido vai voltar sua esposa vai voltar"*... mas quando um de nós vive a trágica experiência de ter um filho comprometido com as drogas nos dizemos *"tenha fé Deus há de resgatar o seu filho"* (grifo nosso)

No fragmento acima, verificamos que o autor-pregador apresenta simulações de vozes alheias, ou seja, enunciados hipotéticos que, geralmente, observamos em algumas situações que envolvem fiéis adeptos dos movimentoss pentecostal e neopentecostal. Elas aparecem a título de exemplificação para embasar uma definição de fé que considera incompatível com a palavra sagrada. O autor convoca as simulações da voz do fiel levando em consideração o seu auditório social que é formado por líderes religiosos. É como se ele tivesse como intenção discursiva mostrar aos demais sacerdotes o que outros pastores estão ensinando acerca do objeto do discurso em questão. Ao trazer essas simulações, o autor-pregador critica, de forma negativa, o conceito de fé para o que chama de "senso comum", atribuindo um tom valorativo irônico para essa definição.

Além das simulações demonstradas, o autor-pregador traz para o seu enunciado o discurso de um pastor que enuncia, sobre o livro sagrado do cristianismo, em um programa de TV em uma emissora aberta. Observemos:

Fragmento 3 (L44 – L58).
outro dia por exemplo eu assisti a um desses programas de televisão em que os nossos pastores estão ..eu não sei direito o que eles estão mas eles estão fazendo alguma coisa na televisão... e um desses pastores disse baseado no texto profético que diz "vede o livramento que o Senhor fará"... ele disse "isso é fé"... "você tem que ver o livramento"... "ver que aquela vaga é sua"... "vc tem que se enxergar sentada aquela mesa do escritório"... "você tem que ver seu marido regressando"... "você tem que ver seu filho voltando"... "você tem que ver seu corpo curado"... "primeiro acontece aqui" disse o pregador (apontando para mente)... não confundam estou CITAN::DO... pelo amor de Deus eu estou CITAN::DO... "primeiro acontece aqui depois Deus faz acontecer"... "primeiro você tem que ver"... eu imaginei que poderia ser um seminário sobre neurolinguística... talvez isso... mentalização... projeção... mas era uma tentativa de explicação de fé... "Isso é fé" fé é acreditar muito que Deus vai fazer alguma coisa... exemplo... "a fé é alavanca que move a mão de Deus" já ouviu isso? a fé é a alavanca que move a mão de Deus... é citação da sabedoria popular não é minha definição... a fé é alavanca que move a mão de Deus... isto é Deus está parado e então alguém usa a fé e o braço de Deus então começa a se mexer para buscar o marido... levar a cura... trazer o jovem... você tá entendendo?

No início do recorte exposto, o autor-pregador insere, no sermão, um discurso de outrem, isto é, um enunciado produzido por um sacerdote religioso que discorre sobre um versículo bíblico em um programa evangélico, rotineiramente encontrado em canais abertos de emissoras de televisão, já que a mídia televisiva gospel tem sido um grande canal de veiculação e difusão da fé evangélica nas últimas décadas, principalmente dos pressupostos disseminados pelas comunidades cristãs pentecostais e o neopentecostais.

É possível perceber que, ao apresentar a voz desse líder religioso, o autor-pregador tenha como intenção discursiva enfatizar, para os demais pastores que compõem o auditório social, o quanto o texto sagrado tem sido interpretado por muitos líderes cristãos de forma incoerente. Na verdade, ele deixa transparecer que muitos sacerdotes, no cristianismo, manipulam versículos bíblicos para embasar suas visões, dentre elas, a de que fé é acreditar muito em algo. Esse enunciado, portanto, é convocado para realizar uma crítica, com tonalidade irônica, aos difusores desse tipo de mensagem.

Adiante, observamos a seguinte afirmação: "ele disse (...) 'primeiro acontece aqui' disse o pregador... não confundam estou CITAN::DO... pelo amor de Deus eu estou CITAN::DO (...)". Nesse trecho, constatamos que o autor deixa incisivamente claro, para o

auditório social, que os enunciados apresentados pertencem a um pastor que ministra o evangelho cristão em um programa de televisão. Provavelmente, este fato ocorreu porque, na oralidade, poucos aspectos distinguem o discurso citado do discurso citante. Então, o autor-pregador, de forma explicita, sentiu a necessidade de enfatizar, por meio da repetição da expressão "estou CITANDO" – uma delas acompanhada pela súplica "pelo amor de deus" – a fronteira entre o seu enunciado e o enunciado alheio. Ele teve uma preocupação com a demarcação dos lugares enunciativos. É como se buscasse dizer: "não me confundam com este pastor que prega tais incoerências" e quisesse evidenciar que o seu ponto de vista não se assemelha, em aspecto nenhum, ao do sacerdote que vem citando.

Ainda no fragmento, o autor se utiliza de uma comparação, de forma irônica, entre o conceito de fé dos fiéis pentecostais e neopentecostais, os estudos científicos da neurolinguística e as técnicas de mentalização e projeção. Essa relação tem como objetivo, mais uma vez, criticar de forma irônica o conceito de que fé é acreditar muito em algo, de que fé é pensar de forma positiva sobre o que se deseja alcançar. Por fim, por meio do termo lexical "tentativa", o autor-pregador ratifica o seu posicionamento de que fé não é aquilo que o "senso comum" vem reproduzindo no cotidiano, fé não é a "alavanca que move a mão de Deus".

Finalizando a introdução do sermão, o autor-pregador afirma:

Fragmento 4 (L69 – L79)
eu já ouvi coisas do tipo na mesma igreja... um morreu e o outro foi curado... "intercessão... faltou intercessão"... eu como batista estou em situação delicadíssima conseguirei arregimentar poucos intercessores os irmãos da assembleia de Deus conseguirão arregimentar sempre mais... então o sujeito está concorrendo a vaga de emprego... é batista e tem um outro concorrente que é da assembleia de Deus (risos plateia) conseguiu mais intercessores... ora tá certo conseguiu mais intercessores... ((agora... você tá rindo porque é presbiteriano... você fica na sua)) (risos – preletor e plateia) então veja bem... essa ideia de fé é mais ou menos... eu fico pensando assim o sujeito ora pra fazer Deus virar o jogo, né? Uma a zero dois a um três a dois quatro a três... e é aquela guerra de oração... isso para nós parece cômico aqui... mas são conceitos de fé e é assim que as pessoas estão orando...

No fragmento citado, o autor-pregador discorre sobre uma prática comum às igrejas cristãs protestantes, a oração. Por meio desse assunto, ele tece uma crítica aos fiéis pentecostais e neopentecostais que acreditam, de forma mais acentuada, que a oração contínua fará com que alcancem o favor de Deus. A partir desse presumido compartilhado pelos sujeitos envolvidos na interação, o autor estimula o riso do auditório social, mostrando, com

uma tonalidade irônica, que sua situação, se os cristãos pentecostais da igreja Assembleia de Deus estiverem corretos, é delicada, já que não prioriza, da mesma forma, a prática da oração.

No fragmento em análise, observamos a noção de "eu-para-mim" e de "o-outro-para-mim" na construção do humor: ao agir, o autor-pregador leva em consideração a visão que tem de si mesmo a partir da perspectiva que defende, do lugar que ocupa dentro do seu segmento religioso, bem como a visão que tem dos fieis que compõem as igrejas Assembleia de Deus também a partir do lugar que ocupa. Para a construção de sentido do enunciado, é importante que os interlocutores envolvidos na situação recuperem o presumido de que as igrejas Assembleias de Deus são um segmento protestante defensor, de forma intensa, da prática da oração. Ao fazer isso, eles compreenderão a tonalidade irônica e o humor, utilizados pela instância autoral, ao afirmar que se encontra numa situação delicada, já que sua denominação teológica não prioriza tanto a oração como os fieis da igreja Assembleia de Deus.

Convém também observarmos que, ao construir sua argumentação, o autor-pregador correlaciona a noção de oração ao conceito de fé, objeto do seu discurso. Dessa forma, para mostrar como essas duas noções se articulam no âmbito das vertentes pentecostais e neopentecostais, ele apresenta a simulação do placar de um jogo de futebol, evidenciando que os adeptos dessas vertentes acreditam que, por meio da oração, podem mover a divindade a seu favor, ou seja, fazer Deus "virar o jogo", conforme as palavras utilizadas pela instância autoral. Dessa forma, quanto mais orações, súplicas e intercessões, mais a divindade se move, concedendo os desejos dos seus fiéis, dos seus devotos.

Após a introdução, o autor-pregador começa a desenvolver o sermão, mostrando, em sua visão, os "equívocos" gerados ao se conceber a fé como "a alavanca que move o braço de Deus". Três pontos, ou argumentos, foram utilizados por ele para continuar desconstruindo a noção de fé para o "senso comum".

No primeiro aspecto, o autor afirma que *conceber a fé como algo que move o braço de Deus é uma prepotência, pois não podemos colocar Deus em movimento*. Vejamos:

Fragmento 5 (L86 –L94).
Primeiro porque é de uma *prepotência arrogância* sem precedentes... *você* imaginar que *VOCÊ* coloca Deus em movimento... e que *VOCÊ* sabe o que Deus tem que fazer...e que *VOCÊ* vai dizer a Deus qual a melhor saída... qual a melhor alternativa para que o nome dele seja glorificado nas suas circunstâncias... *"Deus... minha filha está doente... o Senhor tem que ir lá na minha casa impor as mãos para que ela seja curada"*... eu acho de uma *sabedoria*... para não dizer de uma ironia porque eu não consigo atrelar essa característica ao Senhor Jesus, mas é quase... que ele cura de costas a

> caminho da casa de Jairo... ora *eu não preciso ir na sua casa... eu não preciso impor as mãos* você deu o jeito você deu a receita para Deus você tá pensando que você é quem? (Grifo nosso)

No fragmento, observamos algumas escolhas estilísticas, bastante significativas, realizadas pelo autor-pregador. Inicialmente, verificamos os termos "prepotência" e "arrogância" que correspondem à apreciação valorativa que o autor faz em relação aos que concebem a fé como a alavanca que move as mãos de Deus. Nesse sentido, os que compreendem fé dessa maneira são considerados, pela instância autoral, pessoas soberbas e altivas, uma vez que acreditam que podem conseguir o que desejarem da divindade.

Constatamos também a recorrência, num tom mais enfático, do pronome de tratamento "você", que critica os fiéis que concebem que, por meio da fé, colocam Deus em movimento. A expressão "você" aparece impregnada, no enunciado, por uma tonalidade valorativa de repreensão. O autor-pregador, nesse momento, afasta-se um pouco da ironia para advertir, de forma contundente e sem humor, o pensamento dos fiéis pentecostais e neopentecostais sobre a fé.

Além das marcas estilísticas, verificamos no enunciado duas simulações de vozes. Na primeira, encontramos um fiel que dá instruções à divindade acerca do que pode ser feito para curar sua filha, provavelmente durante um momento de oração. Na segunda, observamos, de forma indireta e quase imperceptível, a voz de Deus respondendo ao fiel, encenando, assim, um diálogo entre a divindade e o fiel. Ainda com um tom exasperado, constatamos, a partir desses recursos discursivos mobilizados, que o autor prossegue criticando o conceito de fé que pressupõe a passividade de Deus e o coloca a serviço do fiel.

Cabe ainda ressaltar que, durante a inserção das simulações, o autor aborda, brevemente, um discurso bíblico: a narrativa da cura da filha de Jairo, passagem encontrada no Evangelho de Lucas, capítulo 8. Conforme a narrativa, Jesus caminhava quando Jairo, príncipe da sinagoga, pede-lhe que vá a sua casa a fim de curar sua única filha que estava quase morrendo. Durante o caminho, o libertador messiânico promove a restauração de uma mulher que sofria com um fluxo de sangue há doze anos, fato que atrasou sua chegada à casa de Jairo. Ao entrar na moradia do mestre da sinagoga, a menina encontrava-se morta. Jesus, então, operou um milagre, ressuscitando a menina.

O discurso da cura da filha de Jairo é evocado para ressaltar o poder e a soberania do Deus do cristianismo em relação aos que nele creem. A instância autoral evidencia a superioridade da divindade, deixando claro que Deus não precisa de coordenadas humanas para realizar ações que sejam para a sua própria glória.

No segundo ponto do sermão, *o autor-pregador afirma que compreender a fé como algo que move o braço de Deus é pressupor a passividade da divindade*. Observemos:

> **Fragmento 6 (L95 –L100)**
> Segundo é um equívoco porque isso julga ou pressupõe a passividade de Deus... Deus está parado... Deus não está fazendo nada ATÉ que seja incomodado pela oração da fé... não me parece ser essa a compreensão do Senhor Jesus quando diz o meu pai trabalha até hoje e eu também... todas as coisas são sustentadas pelas mãos do meu pai... tudo que existe foi criado por ele tudo que existe subsiste foi por ele... sem ele nada aconteceria e se ele tirara a mão tudo desmorona tudo se dissolve... então meu pai trabalha meu pai está trabalhando...

No recorte exposto, o autor-pregador convoca, de forma indireta, dois enunciados bíblicos. O primeiro é uma resposta de Jesus aos judeus que questionavam uma cura que realizou durante o sábado. Vejamos: "E Jesus lhes respondeu: Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também" (João 5: 17) (ALMEIDA, 1969, p.921).

Convém destacar que guardar o sábado é "uma ordenança cumprida pelos judeus, mais propriamente pelos judaizantes, cuja crença está baseada no Antigo Testamento." (COSTA, SD). Entre os textos bíblicos que fundamentam essa crença, encontramos Êxodo 20: 10 que diz: "Lembra-te do dia de sábado, para o santificar" (ALMEIDA, 1969, p.71). Na atualidade, muitos cristãos não seguem mais esse mandamento bíblico, pois acreditam que Jesus aboliu essa ordenança.

O segundo enunciado, convocado pelo autor-pregador, é o texto de Colossenses 1: 16-17: "porque nele foram criadas todas as coisas (...) E ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele." (ALMEIDA, 1969, p.1026). Nele, o apóstolo Paulo, personagem bíblica responsável pela autoria de grande parte das cartas do Novo Testamento, evidencia a soberania do seu Deus, revelando que Ele é o primeiro em tudo.

Ambos os enunciados não foram convocados de forma aleatória, mas para mostrar que Deus não está parado, não é um ser passivo que espera a oração de fé do fiel para se mover, conforme observamos na expressão "incomodado pela oração da fé" utilizada pelo autor-pregador no início do fragmento. Os discursos de outrem evocados funcionam, nesse recorte, como um argumento bíblico que consolida a argumentação do autor-pregador ao desconstruir o ponto de vista alheio.

No terceiro ponto do sermão, o autor-pregador destaca que *entender a fé como algo que move o braço de Deus, é acreditar que o nosso coração é mais comprometido com a realidade do que o coração de Deus*. Durante sua argumentação, ele enfatiza que Deus cuida

do ser humano o tempo todo, bem como que o real sentido da oração é a diminuição da ansiedade, ou seja, da visão de que Deus não cuida do ser humano. Na construção do seu argumento, o autor-pregador mobiliza mais uma vez enunciados bíblicos os quais veremos a seguir:

Fragmento 7 (L103 -L110/ L118-L129).
Deus está trabalhando na sua vida o tempo todo... Deus está cuidando do seu filho o tempo todo... Deus está com mão sobre a sua cabeça o seu corpo o seu coração o seu pensar o seu agir o seu sentir o seu falar... Deus conhece você inteiramente Deus está sobre você sustentando a sua vida o tempo todo... *Deus cuida de passarinhos* Deus cuida de flores quanto mais o quanto mais ele não estaria cuidando de você... então ele está cuidando... porque é que você ora não é para que Deus comece a cuidar é para que você seja livre da ansiedade de que achar que ele não está cuidado... (...) Deus está em movimento... não é que a oração traz o coração de Deus para as nossas causas... o coração de Deus está derramado sobre nós... são os nossos corações que não estão muito... alinhados com o coração de Deus... por isso que *o apostolo Paulo diz assim não andeis ansiosos por coisa alguma antes sejam em tudo conhecidas diante de Deus as vossas orações com petições súplicas e:: ações de graças e a paz que excede todo entendimento...* guardará os vossos corações e as vossas mente em Jesus... *alguém poderia dizer "Paulo você naufragou porque você não orou... faltou intercessores para essa viagem missionária Paulo"... "DE NOVO preso Paulo? Impressionante você precisa de mais mantenedores de oração mais gente... de novo?" você sabe que o Paulo não gastava dinheiro com hotel (risos)... chegava na cidade pregava era apedrejado e dormia na cadeia era viagem missionária barata... faltava interseção... faltava interseção...* Deus não está parado... Deus não está menos interessado no mundo que você para que VOCÊ mostre a preocupação do seu coração para ele faça alguma coisa... (Grifo nosso)

No fragmento acima, observamos que o autor-pregador fala a respeito do cuidado de Deus em relação ao ser humano. Para isso, ele mobiliza um discurso bíblico que encontramos no Evangelho de Mateus, Capítulo 6:26: "Olhai para as aves do céu, que nem semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e o vosso pai as alimenta. Não tendes vós maior valor do que elas?" (ALMEIDA, 1969, p. 830). Sua intenção discursiva ao convocar esse enunciado é mostrar que a divindade está trabalhando o tempo todo em favor do ser vivo. Desse modo, "Deus está em movimento", conforme as palavras que a instância autoral utilizou no fragmento. Convém ainda ressaltar que o enunciado bíblico é convocado para ensinar, doutrinar os fieis.

Ainda no recorte em análise, outro enunciado bíblico é mobilizado, de forma indireta, pelo autor-pregador: "Não andeis ansiosos por coisa alguma; antes em tudo sejam os vossos pedidos conhecidos diante de Deus pela oração e súplica com ações de graças" (Filipenses

4:6) (ALMEIDA, 1969, p.1024). De autoria do apóstolo Paulo, o versículo bíblico retoma uma temática aludida na introdução do sermão, a oração. Ao mobilizar esse enunciado, o autor-pregador afirma, em contraposição à noção de oração dos cristãos pentecostais e neopentecostais, que a "verdadeira" função da oração é trazer paz ao coração daqueles que vivem ansiosos. Como dito anteriormente, nesse momento do sermão, o autor-pregador começa a introduzir mais versículos bíblicos a fim de defender seus posicionamentos.

No fim do fragmento em análise, o autor-pregador, a partir de simulações de vozes, apresenta uma possível interpretação acerca das prisões de Paulo em suas viagens missionárias a partir do ponto de vista do outro, isto é, da visão dos fiéis pentecostais e neopentecostais. Dessa forma, ele sugere que, para os religiosos dessas vertentes, as prisões de Paulo teriam como justificativa a falta de oração, de intercessão, ou seja, de pessoas que estivessem orando pela causa. Em seguida, o autor-pregador se refere às prisões de Paulo de forma cômica, gerando uma leitura engraçada a respeito do acontecimento: "você sabe que o Paulo não gastava dinheiro com hotel (risos)... chegava na cidade pregava era apedrejado e dormia na cadeia... era viagem missionária barata... faltava interseção... faltava interseção...".

O termo "hotel", utilizado pelo autor-pregador, se refere às estadias de Paulo nas prisões. Ao afirmar que o apóstolo não gastava dinheiro com hotel, a instância autoral introduz uma tonalidade cômica ao enunciado. Aqui, destacamos que, durante grande parte do sermão, observamos a ironia e humor-cômico como estratégias discursivas utilizadas pelo autor-pregador na construção do seu enunciado. Contudo, é a primeira vez em que ele aborda um fato especificamente bíblico de forma cômica, provocando o riso do auditório social. O humor, nesse trecho, quebra um pouco da formalidade religiosa, do tom sério que existe em relação ao uso da palavra bíblica, já que esta é considerada uma revelação divina, portanto, algo eminentemente sagrado. Dessa forma, no enunciado, constatamos que o sagrado e o cômico (considerado transgressor e profano) se relacionam na enunciação. O autor, então, deu um colorido ao enunciado, abordando o fato bíblico de maneira divertida e engraçada, a fim de tornar o diálogo com seus interlocutores o mais natural possível.

Ainda no terceiro ponto, algumas escolhas estilísticas utilizadas pelo autor-pregador mostraram-se bastante valorativas. Ao criticar mais uma vez os religiosos pentecostais e neopentecostais, ele enuncia:

Fragmento 8 (L145 – L156).
nós temos que pedir com fé irmãos sem nada desse negócio de tua vontade... tem que ser com fé pra Deus fazer o que a gente quer e ver primeiro... imagina? ... Isso é um equívoco é um equívoco que a bíblia sagrada chama

> de *feitiçaria*... isso é *manipulação de poder espiritual*... isso é coisa de *feiticeiro*... *quem manipula poder espiritual é feiticeiro*... então isso é uma *oração de feitiço*... eu vou orar eu vou fazer uma oração forte para você e você vai ver... estava naquela igreja lá... você ficou desempregado quanto tempo? Oito meses?"... "vem pra minha... aqui minha oração é forte... a gente fala e Deus *obedece*" (risos do pregador e da plateia)... isso é mais ou menos dizer assim... aqui a gente sabe manipular poder espiritual INCLUSIVE o divino... e nessa fala nós acabamos de transformar Deus num ídolo... porque DEUS não é um poder manipulável... DEUS não é um poder instrumentalizável pela nossa vontade... para o nosso prazer e a nossa satisfação por mais legítima que seja... (Grifo nosso)

No recorte acima, observamos que o autor-pregador apresenta simulações de vozes de líderes religiosos para criticar, mais uma vez, o pensamento de que a fé é imaginar convictamente aquilo que se deseja de Deus, é fazer com que ele realize suas vontades. Observamos, - na seguinte simulação: "estava naquela igreja lá... você ficou desempregado quanto tempo? Oito meses?... vem pra minha aqui minha oração é forte... a gente fala e Deus obedece..." –, a presença do termo "obedecer" empregado com uma tonalidade valorativa irônica, promovendo risos no auditório social.

O autor-pregador, em sua leitura, considera esse tipo de prática como um equívoco, o qual denomina de "feitiçaria", de "manipulação de poder espiritual", de "oração de feitiço". Os termos utilizados para caracterizar as ações pentecostais e neopentecostais, embora tenham sido enunciados com uma tonalidade calma, branda, revelam a desaprovação, a não concordância e a rejeição do autor em relação aos que praticam tais ações, utilizando a oração como uma ferramenta de poder para o benefício próprio.

A feitiçaria, no contexto bíblico, é pontuada como um conjunto de práticas que desagradam a Deus. De acordo Champlin (2011), na Enciclopédia de Bíblia e Filosofia,

> No hebraico, *Kashaph* e termos cognatos. Esse vocábulo aparece por seis vezes nas páginas do antigo testamento: Exô. 7:11; Dan. 2:2; Mal. 3:5; Exô. 22:18, Deu. 18:10; Crô. 33:6. No grego temos duas palavras a considerar: 1. *Phamakeía,* <*feitiçaria*>. Palavra usada por três vezes: Gál. 5:20; Apo. 9:21; 18:23. O substantivo *pharmakeús,* <*feiticeiro*>, aparece por duas vezes: Apo. 9:21; 18:23. E o adjetivo *pharmakós,* <*encantador com drogas*>, ocorre por apenas uma vez, em Apo. 22:15. 2. *Magela,* <*mágica*>. Termo que ocorre somente em Atos 8:11. O verbo *Mageúo* ocorre somente em Atos 8:9. E o adjetivo *mágos* por seis vezes: Mat. 2:1; 7, 16; Atos 13:6, 8. A palavra inglesa correspondente, *sorcery*, vem do latim, *sors*, <*sorte*>, porquanto alude às adivinhações por meio do lançamento de sortes. Mas o termo inglês *sosery* é aplicado a todas as formas de ocultismos e adivinhação, com todas as suas ramificações. O termo português *feitiço* deriva-se de *feito* + *iço* (*iço*, um ser). Esse vocábulo também pode significar *falso, encantamento, fascínio*, e também *bruxaria*, de modo geral ou como os malefícios feitos pelos feiticeiros. (CHAMPLIN, 2011)

No fragmento da *Enciclopédia de Bíblia e Filosofia*, observamos exemplos do termo *feitiçaria* em passagens bíblicas, no hebraico e no grego, bem como suas palavras correspondentes e suas possíveis aplicações no Inglês e no Português. Conforme observamos, no contexto das línguas inglesa e portuguesa, esse termo aponta para todos os tipos de *ocultismos, adivinhação* e *malefícios* realizados por feiticeiros. Conforme o *Dicionário Houaiss: sinônimos e antônimos*, o termo *feitiçaria* tem como sinônimos "1. Bruxaria; 2. *fig*. sedução: atração, encantamento, magia" (HOUAISS, 2008). Já o termo *feiticeiro* apresenta os seguintes sinônimos:

> Feiticeiro: adj. (s.m) bruxo: embruxador, macumbeiro, mágico, mago, mandingueiro, mandinguento. 2. Curandeiro: abençoadeiro, benzedeiro, benzedor, benzilhão, carimbamba, curador, pajé, razador, virtuoso, xamã. 3. fig. encantador: arrebatador, atraente, atrativo, cativante, fascinate, sedutor, abominável, repugnante, repulsivo". (HOUAISS, 2008).

Verificamos, a partir das referências aludidas, que a palavra *feitiçaria*, no contexto bíblico, é empregada de uma forma abrangente, sendo considerada, portanto, como todos os tipos de ocultismos e malefícios realizados por feiticeiros. Na perspectiva cristã, essa prática é considerada um pecado, uma rebelião contra Deus. Dessa forma, não é permitido aos israelitas, povo escolhido por Deus para habitar a terra prometida, procurar feiticeiros. Contudo, é possível encontrar histórias bíblicas em que personagens procuravam esse tipo de prática. Vejamos:

> E ajuntaram-se os filisteus, e vieram, e acompanharam-se em Suném: e ajuntou Saul a todo o Israel, e se acamparam em Gilboia. E vendo Saul o arraial dos filisteus, temeu, e estremeceu muito o seu coração. E perguntou Saul ao Senhor, porém o Senhor lhe não respondeu, nem por sonhos nem por Urim, nem por profetas. Então disse Saul aos seus criados: Buscai-me uma mulher que tem o espírito de feiticeiro, para que vá a ela e a consulte. E os seus criados lhe disseram: Eis que em Endor há uma mulher que tem o espírito de advinhar. E sal se disfarçou e vestiu outros vestidos, e foi ele e com ele dois homens, e de noite vieram à mulher: Peço-te que me adivinhes pelo espírito de feiticeira, e me faças subir a quem eu te disser. (...) A mulher então lhe disse: A quem te farei subir? E disse ele: Fazer-me subir a Samuel. Vendo pois a mulher a Samuel, gritou em alta voz; e a mulher falou a Saul, dizendo: Por que me tens enganado? Pois tu mesmo és Saul. (...) Samuel disse a Saul: Porque me desinquietaste, fazendo-me subir? (ALMEIDA, 1969, p. 289-290)

No recorte apresentado, observamos uma narrativa bíblica que está presente no texto de 1ª Samuel 28: 4-8, 11-12, 15. Nela, Saul, primeiro rei do antigo reino de Israel (conforme a tradição judaico-cristã), consulta uma feiticeira, em Endor, quando estava prestes a enfrentar o

exército dos filisteus em uma guerra. Na história, o rei deseja saber a sorte do exército de Israel, já que Deus não havia lhe revelado. Então, solicita à feiticeira de Endor que invoque o espírito de Samuel, profeta cristão, com a finalidade de saber o destino do exército de Israel na luta contra os filisteus.

Na cultura cristã, a feitiçaria é considerada uma prática reprovável, conforme observamos no fragmento localizado em Deuteronômio, 18: 9-12, a seguir:

> Quando entrares na terra que o Senhor teu Deus te der, não aprenderás a fazer conforme as *abominações* daquelas nações. Entre ti não se achará quem faça passar pelo fogo a seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; Nem encantador, nem quem consulte a um espírito adivinhador, nem mágico, nem quem consulte os mortos; *Pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao Senhor*; e por estas abominações o Senhor teu Deus os lança fora de diante de ti. (ALMEIDA, 1969, p.188)

No fragmento citado, observamos um texto de Deuteronômio, livro que compõe o Pentateuco bíblico escrito por Moisés. A passagem possui uma série de orientações para que o povo de Israel cumpra a fim de entrar na terra que Deus lhe prometeu. No texto bíblico, encontramos um conjunto de práticas consideradas, pelo próprio Moisés, como pecado contra Deus. O escritor denomina essas ações de "abominação ao Senhor", já que, a seu ver, a divindade possui repulsa, aversão. Desse modo, como castigo, aqueles que as praticam serão retirados da presença de Deus e receberão uma certa punição. Constatamos isso na resposta do profeta Samuel ao rei de Israel, Saul: "E o Senhor entregará também a Israel contigo na mão dos filisteus, e amanhã tu e teus filhos estareis comigo, e o arraial de Israel o Senhor entregará na mão dos filisteus" (ALMEIDA, 1969, p. 290).

Como temos constatado, para o autor do sermão em análise, as práticas de feitiçaria continuam em vigência dentro de muitas igrejas evangélicas, na atualidade, especialmente no meio das comunidades pentecostais e neopentecostais. Costa (2007, p.167), ao se referir à Igreja Universal do Reino de Deus – uma das precursoras do neopentecostalismo no Brasil-, afirma que o uso dos recursos mágicos dentro da comunidade religiosa visa combater o mal, curando as aflições internas dos indivíduos.

Ainda conforme Costa (2007, p. 167), a crescente visibilidade das igrejas pentecostais neopentecostais, como a Universal do Reino de Deus, tem suscitado grandes debates acerca da legitimidade do discurso e dos procedimentos adotados por essas igrejas. Para o autor,

> A polêmica que a IURD suscita na imprensa, nos meios acadêmicos, no campo religioso e em vários campos da sociedade deriva, em larga medida,

> de sua ênfase no uso de técnicas mágicas como recurso terapêutico. A crítica mais comum, nesse sentido, é a de que esse procedimento ritual visaria à exploração dos fiéis que, manipulados em sua boa fé, estariam, ingenuamente, enriquecendo a igreja (COSTA, 2007, p.167).

Observamos que, para o estudioso, igrejas como a Universal do Reino de Deus se utilizam das práticas de magia para a exploração do fiel. Nessas instituições, são muito comuns, conforme Mariano (2004), rituais de "sessão espiritual do descarrego", de "corrente da mesa branca", de "expulsão de encostos", de "retirar de mau-olhado", de "aspersão com galhos de arruda molhados em água benta e sal grosso", de "troca de fitas do Bonfim por fitas com dizeres bíblicos", de "fogueira santa" etc. (MARIANO, 2004, p. 113, apud COSTA, 2007, p.166-167).

Os líderes religiosos, denominados "feiticeiros" pelo autor-pregador, são os responsáveis por conduzir a igreja durante os rituais religiosos. Eles trabalham diretamente com as emoções e as fraquezas dos fiéis. A fim de compreendemos como esses pastores buscam lidar com as causas subjetivas dos fieis, prometendo "curas" no âmbito físico e emocional, Costa (2007, p. 158) simula a voz de um pastor dirigindo-se ao fieis: "Você que tem depressão; você que só dorme se tomar remédio; você que tá sentindo dor no seu corpo; vem aqui para frente; você que tá com a vida financeira amarrada, vem diante do altar; você que já manifestou entidades malignas (...)". Assim, como observamos, os líderes religiosos buscam agir sobre as causas emocionais dos fieis.

Após explanar os equívocos que acabamos de abordar, o autor-pregador inicia outra etapa que compõe a estrutura composicional do sermão, a aplicação. Nesse momento, ele mostrará ao auditório social o quê, do seu ponto de vista, é fé, recorrendo, para isso, ao texto bíblico lido no início do sermão. Em seguida, fará relações do texto com a vida dos fieis, expondo o seu posicionamento axiológico. No início desta etapa, a instância autoral recorre aos exemplos de Abel, Enoque e Noé para explicar o conceito de fé. Vejamos:

Fragmento 9 (L184 - L188/L204 – L212).
esses três exemplos iniciais de Abel Enoque e Noé... me trouxeram... *um discernimento*... no meu entendimento Abel se relaciona a palavra entrega... oferta... Abel ofereceu algo a Deus... ofereceu um sacrifício aceitável ao Senhor... Enoque... *no meu discernimento* está relacionado a palavra "conhecer"... "intimidade"... Abel entrega Enoque se dedica a conhecer... entregar... conhecer e Noé?... servir... eu não sei... quantos de fato... acreditamos que a vontade do Senhor é boa perfeita e agradável... e que sempre será melhor do que a minha vontade... quantos de nós realmente... discernimos que andar com Jesus é morrer para si mesmo... quantos de nós discernimos que... de joelhos pela fé... nós dizemos "senhor estou aqui para

> te entregar... te ofertar o meu filho... o meu casamento... a minha vida profissional... o meu ministério... a minha voz a minha mente a minha saúde...” (...) “eu venho como Abel te ofertar...” (grifo nosso)

No fragmento em análise, observamos o emprego do elemento lexical “discernimento”, comumente utilizado entre os religiosos cristãos para informar ao público que solicitaram orientação divina antes de qualquer afirmação sobre a palavra sagrada. Essa declaração dá credibilidade ao enunciado do autor-pregador, pois demonstra que ele depende do auxílio de Deus para falar. É como se, durante a pregação do sermão, a voz do próprio Deus ecoasse na voz do pregador, pois, naquele momento, não se trata, apenas, das avaliações axiológicas de um homem, mas do falar do próprio Deus, da revelação, por meio do profeta, da divindade do cristianismo.

Embora não tenham cessado as críticas aos cristãos pentecostais e neopentecostais, na aplicação do sermão, o autor se mostra mais didático, utilizando, por muitas vezes, em suas colocações um tom apelativo, convocando o auditório social a aplicar tais ensinamentos em sua vida prática. Com base em Hebreus 11, ele, do seu entendimento, afirma que, no próprio texto bíblico, há respostas para a definição do conceito de fé. Fé, então, seria “entregar” ou “ofertar” a Deus como fez Abel, “conhecer” a Deus como fez Enoque e “servir” a Deus como Noé.

Após a apresentação das palavras que, a seu ver, compõem o conceito de fé, observamos, na segunda parte do fragmento em estudo, a correlação entre o termo “entregar” e a vida de todos os sujeitos envolvidos na situação enunciativa, incluindo o próprio pregador, conforme observamos nas seguintes indagações retóricas: “quantos de nós realmente discernimos...?”, “quantos de nós de fato acreditamos...?” etc. O objetivo da aplicação do sermão é levar os interlocutores à reflexão, para que compreendam a vontade da divindade. Dessa forma, para a instância autoral, convém fazer com que cada sujeito reflita se conseguiria seguir o exemplo de Abel que ofertou os primogênitos de suas ovelhas a Deus. É como se ele suscitasse a seguinte meditação: “posso ofertar meu filho, meu casamento, minha saúde a Deus? Se posso, tenho fé”.

Ainda na aplicação do sermão, o autor-pregador mobiliza enunciados bíblicos, bem como discursos de sujeitos os quais considera uma referência para o cristianismo. Observemos:

Fragmento 10 (L219 - L235).
assim *o Senhor Jesus nos ensinou a orar... seja feita... a tua vontade na terra como no céu*... não apenas nos ensinou a orar mas assim viveu... *a minha comida e a minha bebida é fazer a vontade daquele que me enviou*... e foi assim que no momento da sua maior agonia... o senhor Jesus orou... *"se possível passa de mim esse cálice... todavia... seja feita não a minha vontade mas a tua vontade"*... porquê? porque cremos que a vontade do Senhor é sempre boa perfeita e agradável... eu fico impressionado com essa história de John Haggai que eu não conhecia esses detalhes... mas não é um homem orando por suas circunstâncias... mas é um homem dizendo... "*eis o meu filho... eis a minha vida... eis a minha casa... eis os meus melhores anos... é teu"...* e quebrado de joelhos tá dizendo *"Senhor me perdoa por não ter discernido a tua vontade... ter pretendido saber mais do que tu... ter planejado na tua frente... me perdoa"*... por isso penso que aquela fala de Hudson Taylor é absolutamente verdadeira... quando... aquele homem trás... além ai a comida... e aquele empresário pede dinheiro emprestado para investi::r numa visão que nasce no coração de Deus... quando eu ouço essas histórias é como se houvesse uma confirmação no meu coração das palavras de Hudson Taylor *"a obra de Deus... feita segundo a vontade de Deus... jamais terá falta dos recursos de Deus... a obra de Deus... feita segundo a vontade de Deus... jamais terá falta... dos recursos de Deus"...* (grifo nosso)

No recorte exposto, observamos que o autor-pregador dá ênfase aos ensinamentos de Jesus Cristo para a vida do seu discípulo, ressaltando as práticas e os procedimentos daquele que considera o libertador do povo. Entre os discursos bíblicos convocados para aludir à conduta exemplar do Cristo, encontramos: "*Jesus nos ensinou a orar seja feita a Tua vontade na terra como no céu...*", fragmento situado no Evangelho de Mateus 6:9-13 (ALMEIDA, 1969, p.829), em que Jesus cristo ensina, aos seus discípulos, a Oração do Pai Nosso; "*a minha comida e a minha bebida é fazer a vontade daquele que me enviou..."* (ALMEIDA, 1969, p.920), versículo encontrado em João 4: 34, em que o Cristo afirma que a sua comida e a sua bebida é salvar almas para seu Pai, Deus; *"se possível passa de mim esse cálice... todavia seja feita não a minha vontade mas a tua vontade..."* trecho situado no Evangelho de Lucas 22: 42 (ALMEIDA, 1969, p.912), em que Jesus, em grande aflição no Monte das Oliveiras, ora ao seu Pai celestial. Os versículos convocados enaltecem, com um tom apreciativo positivo, a figura do libertador da corrente religiosa que, hoje, denominamos de cristianismo.

No fragmento em análise, verificamos, ainda, os discursos de dois líderes religiosos cristãos, John Haggai, pastor e fundador do Instituto Haggai, e Hudson Taylor, missionário cristão inglês e fundador do *Chine Irland Mission*. Diferentemente dos discursos e simulações dos discursos dos fieis e dos líderes religiosos aludidos no início do sermão, a simulação da voz do pastor John Haggai não é ironizada, criticada, censurada e ridicularizada. Ao contrário, ela recebe um tom valorativo positivo, é como se o líder religioso fosse um herói da fé na

atualidade. Assim, observamos que autor-pregador enobrece a história do fundador do Haggai, porque, provavelmente, aos seus olhos, a fundação do instituto é uma iniciativa que investe no aprimoramento de líderes que pregam os ensinamentos de Cristo.

Ainda ao falar sobre John Haggai, o autor-pregador realiza, novamente, mais uma crítica aos cristãos pentecostais e neopentecostais. Para isso, engrandece a atitude de John Haggai que, a seu ver, não orava por causas próprias, mas em prol daquilo que faz parte do reino de Deus. Em seguida, a instância autoral mobiliza o discurso, como adiantamos acima, do líder missionário Hudson Taylor ao afirmar que numa obra, criada segundo o coração de Deus, jamais haverá falta de recursos. Essa voz ressalta, mais uma vez, a atitude de John Haggai ao fundar o Instituto Haggai, já que o autor-pregador compreende essa atitude como uma missão confiada por Deus ao líder religioso.

Por fim, para encerrar o sermão, o autor-pregador declara: "isso é fé... nós chegamos como Abel... nos prostramos como Enoque... e nos levantamos como Noé...". No fragmento, observamos que a instância autoral apresenta uma definição de fé a partir da compreensão responsiva ativa que teve do texto bíblico. Para ele, fé resume-se as ações realizadas por Abel, Enoque e Noé, portanto, as demais interpretações dadas a partir do texto de Hebreus 11 estariam equivocadas. Esse tipo de pensamento, que não dá margem para outras conclusões, é típico do discurso religioso que tende, em seu aspecto ideológico, ao monologismo, à centralização.

Abaixo, apresentaremos um quadro com os principais aspectos encontrados nesta análise:

Quadro 5: Síntese da análise do enunciado 1.

SÍNTEXE DO SERMÃO 1			
	Discurso de outrem	**Escolhas estilísticas**	**Tonalidade dialógica**
Mobilizados para oposição	Simulação dos discursos de fieis e de líderes pentecostais e neopentecostais.	Mistério, invisível, submeto, arrogância, prepotência, feitiçaria etc.	Irônico-cômica, crítica e advertência.
Mobilizados para confirmação	Discurso bíblico e de líderes religiosos como John Haggai e Hudson Taylor.	Discernimento, palavra de Deus etc.	Tonalidade positiva, de enaltecimento.

Fonte: Elaboração própria.

Na próxima seção, faremos a análise do sermão 2, de autoria do pregador Paulo Junior.

5.2. Sermão 2: “O crente e o mundo”

O segundo sermão que analisaremos neste trabalho é de autoria de Paulo Junior, fundador e pastor titular da Igreja Aliança do Calvário, comunidade evangélica localizada na cidade de Franca, no Estado de São Paulo. O sermão foi produzido no COMEPE (Congresso de Mocidade Evangélica Pentecostal), um movimento criado na década de 1960, e direcionado para jovens cristãos. Na ocasião, o congresso, cujo foco é levar a palavra de Deus aos Jovens - orientando-os a viver uma vida de compromisso com a divindade-, completava cinquenta anos de existência.

O sermão, denominado “O crente e o mundo”, foi pregado em fevereiro de 2015 e tem quarenta e nove minutos de duração. Realizado na Igreja Matriz da Assembleia de Deus em Anápolis, Estado de Goiás, o autor-pregador desenvolveu seu enunciado no púlpito que fica localizado no palco central do templo. Ao redor deste altar, outros pastores se sentam em suas respectivas cadeiras para apreciar o sermão que será ministrado.

A partir da sua pregação, o autor do sermão mostra que há diferenças comportamentais entre o que denomina de “crente” e de “mundo”. Inicialmente, ele apresenta a noção de lei para Deus, trazendo discursos que afirmam que o homem sem lei é insaciável. Em seguida, discorre sobre o crente e o mundo, ressaltando a diferença entre os comportamentos das pessoas que pertencem a cada um desses grupos. Depois, fundamenta-se biblicamente para mostrar que os cristãos não devem partilhar dos princípios do que chama de mundo. Por fim, encerra cativando os jovens a serem cheios do Espírito Santo e a cumprirem a missão a qual Deus lhes confiou.

Antes de iniciarmos nossas considerações analíticas, informamos que, diferentemente do sermão 1, ao lemos o sermão 2, não encontramos uma organização estrutural que se assemelha à estrutura composicional que apresentamos do gênero sermão no capítulo de metodologia. É possível verificarmos, de forma não tão precisa, apenas a introdução, o desenvolvimento e a conclusão. Não há, portanto, aspectos como a leitura de um texto sagrado no início nem a divisão do desenvolvimento em pontos de reflexão. Contudo, salientamos que a estrutura de qualquer um gênero é “relativamente estável”, já que se adequa ao propósito comunicativo e as intenções do autor ao enunciar. Este aspecto também pode ser considerado uma marca de autoria em muitos enunciados concretos.

No início do sermão, o autor-pregador agradece pelo convite para ministrar nos cinquenta anos do COMEPE. Para ele, é um prazer atender a essa convocação, pois é um sinal de que aqueles que estão ali presentes gostam de estudar a palavra sagrada. Adiante, ele enuncia:

Fragmento 1(L7 – L14).
eu num vim aqui pra jogar balde de água fria em ninguém... mas eu vim falar o que você precisa ouvir... o que você quer que eu pregue?... você quer que eu pregue o que você *quer* ouvir ou o que você *precisa* ouvir... (Plateia precisa)... agora você não reclama você já falou o que quer... o pastor perguntou se vocês me amavam todo mundo disse que sim eu quero ver se até no final da mensagem vocês continua me amando... lembrando que crente *NÃO PODE* mentir viu... já falou que ama tem que me amar do jeito que eu sou... Amém? (Plateia – "Amém") (Grifo nosso)

No recorte acima, constatamos o preâmbulo do sermão ministrado no evento. Inicialmente, verificamos a relação entre os verbos "querer" e "precisar" empregados para fazer uma indagação ao auditório social. Pressupondo que a plateia responderia que desejaria ouvir o que "precisa" e não o "quer", o autor do sermão imprime, na sua resposta, uma tonalidade irônica, fazendo algumas "ameaças", o que gera, entre a plateia, risos sutis e meio apagados. Ao pronunciar expressões como "(...) eu quero ver se até no final da mensagem vocês continuam me amando...", ele deixa subtendido, aos seus interlocutores, que irá ser contundente e incisivo em sua pregação. É como se ele alertasse ao auditório que o sermão confrontará cada um que está presente naquele lugar.

Além dos verbos apresentados, encontramos no fragmento uma ênfase à expressão "não pode". A junção desses termos remete ao assunto sobre o qual a instância autoral irá discorrer durante a pregação: a lei no contexto bíblico. Dessa forma, o autor já deixa indícios, no enunciado, acerca do que defenderá a partir do seu projeto enunciativo. Após isso, rompendo a estrutura do sermão tradicional, ele convoca um discurso científico, aludindo às conclusões advindas de um congresso de Psicanálise e Psicologia, na Inglaterra. Observemos:

Fragmento 2 (L20 –L25).
na década de noventa... ocorreu uma conferência se eu não me engano na Inglaterra de psicanálise e psicologia... essa conferência durou dias e dias e eles chegaram numa conclusão... preste atenção... que se tirar os *LIMITES* do homem que se tirar do homem a *LEI* que se tirar da humanidades as *REGRAS* o homem se torna um animal o homem se torna um ser INSACIÁVEL... se tirarem as leis as regras se tirar do homem os limites ele se torna insaciável e ele se autodestrói entendeu? (Grifo nosso)

No fragmento, observamos que o discurso científico da Psicanálise e da Psicologia é convocado para subsidiar a discussão que a instância autoral promoverá durante o sermão. A palavra alheia vem subjugada às intenções do enunciador, ou seja, o discurso científico adentra ao discurso religioso submisso ao querer-dizer do autor-pregador, que, nesse contexto, o convoca para fundamentar que o homem sem lei é um ser "insaciável". Ainda no recorte, observamos o termo "lei" e seus respectivos sinônimos, "limites" e "regras", pronunciados de forma enfática, referem-se à noção de lei numa perspectiva humana. Verificamos que, ao fazer isso, o autor-pregador está preparando o caminho para discutir o conceito de lei no contexto religioso cristão.

Depois desse fragmento, o enunciador convoca discursos sobre fatos históricos que estão relacionados à perspectiva que a Bíblia, livro sagrado cristão, tem sobre certos comportamentos e princípios da vida. Vejamos no recorte abaixo:

Fragmento 3 (L8 – L43).
vai ver por exemplo o império romano... o império romano durou cinco séculos... sabe o que foi que destruiu o império romano um dos impérios mais poderosos... a imoralidade... a maioria dos imperadores eram homossexuais e depravados sexualmente... foi um governo libertino sem regra sem lei... a devassidão a cultura greco-romana permeou o império romano o que que aconteceu? Roma caiu pela imoralidade foi destruída... na época da união soviética... os bolcheviques você sabe que o viés da união soviética é o ateísmo é ateu... teve uma época que eles proibiram o casamento dizendo "o casamento é coisa Cristã" ... na nossa constituição não existe casamento sabe o que começou a acontecer? Os homens se relacionavam com as mulheres engravidavam não tinha compromisso do matrimônio... foi tendo mulheres e mais mulheres grávidas mãe sem pai sem família foi destruindo a família QUASE que a nação veio a baixo... tiveram que restituir o casamento novamente porque senão toda União Soviética iria se arruinar... você tá vendo na Holanda liberação das drogas aa prostituição? você tá vendo no Uruguai liberação da maconha?... Olha o que aconteceu esses países estão se perdendo se destruindo... tá havendo tá havendo índice de suicídio estupro depravação homicídio assassinato depressão sabe por quê? Porque estão tirando a lei do homem REGRAS e ele quer mais ELE QUER MAIS(...)

No trecho acima, constatamos que o autor-pregador recupera um discurso histórico que faz referência à prática da homossexualidade na antiguidade. De acordo com Dieter (SD, p.1-2), o relacionamento sexual entre homens, tanto na Grécia Antiga como no Império Romano, era encarado de maneira natural. Na Grécia Antiga, a homossexualidade era vista como uma prática institucionalizada, uma vez que os rapazes das famílias mais nobres, ao se tornarem adolescentes, eram entregues aos cuidados dos guerreiros mais velhos para adquirirem conhecimentos. Nesse contexto, então, ocorriam as relações sexuais.

Já no Império Romano, ainda conforme a autora, a homossexualidade também era encarada com certa naturalidade. Entretanto, a diferença está no fato de que os gregos tinham liberdade para se envolver com rapazes livres e de boa família, já os romanos só podiam se relacionar sexualmente com os seus escravos que desempenhavam o papel passivo, considerado, na época, o ser mais frágil e o menos viril. Conforme Dieter (SD, p.2), no contexto religioso do Império Romano, a homossexualidade era conhecida por sodomia, termo de origem bíblica, utilizado para designar perversões sexuais, especialmente as que envolviam a prática do sexo anal por homens ou por mulheres. Entretanto, no decorrer dos anos, a expressão passou a designar, apenas, as relações sexuais entre homens.

A partir do sermão, verificamos que a relação entre pessoas do mesmo sexo é considerada um pecado, por isso, o autor-pregador atribui a destruição do Império Romano à homossexualidade, prática que considera, como observamos em suas escolhas lexicais, "depravada", "imoral", "libertina" e "devassa". Os posicionamentos dos religiosos cristãos, sobre esse assunto, têm como base alguns textos da Bíblia Sagrada, dentre ele, um localizado na carta do apóstolo Paulo aos Romanos:

> Por isso, Deus entregou tais homens à imundícia, pelas concupiscências de seu próprio coração, para desonrarem o seu corpo entre si; pois eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador, o qual é bendito eternamente. Amém! Por causa disso, os entregou Deus a paixões infames; porque até as mulheres mudaram o modo natural de suas relações íntimas por outro, contrário à natureza; semelhantemente, os homens também, deixando o contato natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza, homens com homens, e recebendo, em si mesmos, a merecida punição do seu erro. Ora, conhecendo eles a sentença de Deus, de que são passíveis de morte os que tais coisas praticam, não somente as fazem, mas também aprovam os que assim procedem. (ALMEIDA, 1969, p.977)

Conforme constatamos, o livro sagrado do cristianismo condena a homossexualidade. Para o apóstolo Paulo, autor da Epístola aos Romanos, os que realizam tal prática receberão sua devida punição, dentre elas, a condenação à morte eterna. Mas, convém ressaltar que, conforme o texto, não somente os que realizam, mas os que aprovam tais práticas também receberão seu castigo. Dessa forma, o posicionamento do autor-pregador tem como base essa e outras referências bíblicas[5]. É importante destacar ainda que, na atualidade, já existem leituras inclusivas desse texto bíblico, considerando a homossexualidade como uma prática aceitável no contexto cristão. Dentre essas possíveis interpretações, encontramos uma que

[5] Gênesis 19; Levítico 18:22; Levítico 20: 13; Mateus 19:4-6; Coríntios 6:9-11; dentre outros.

afirma que a condenação no texto de Romanos se referia às práticas homossexuais dentro de rituais pagãos. Muitos teólogos chamam essas vertentes de "Teologia inclusiva" ou de "Teologia gay".

Outro discurso evocado no fragmento é a eliminação da religião, bem como sua substituição, pelo ateísmo na União Soviética. Segundo o autor-pregador, isso fez com que o casamento fosse considerado um costume, exclusivamente, cristão, já que a Bíblia Sagrada diz: "Deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e unir-se-á a sua mulher. E serão os dois uma só carne; e assim já não serão dois, mas uma só carne". A proibição, conforme o autor-pregador, gerou diversas inconveniências até que decidiram legalizar o casamento novamente.

Considerado um mandamento divino, o casamento é um sacramento religioso realizado entre duas pessoas. No contexto cristão, ele é a base para a constituição de uma família, para a perpetuação da descendência de um homem, por isso, grande parte das igrejas cristãs não aprova o casamento entre pessoas do mesmo sexo, nem tampouco relações sexuais fora do matrimônio. Para os cristãos, a transgressão desses aspectos destrói a família, considerada uma instituição divina.

Outros discursos que reverberam na atualidade, como a legalização do uso da maconha e a liberação da prostituição na Holanda, também foram alvo da argumentação do autor-pregador. De acordo com Jornal internacional El País, de outubro de 2015, desde 2014, a maconha foi legalizada no Uruguai mediante registro para o autocultivo em casas e em empresas. Já a legalização da prostituição na Holanda que ocorreu em 2000 não atingiu seus resultados, segundo reportagem da revista Exame, em 2014. De acordo com o periódico, os números de abusos sexuais continuaram e a profissão ainda é bastante estigmatizada.

Todos os discursos convocados estão a serviço do autor-pregador para subsidiar que o homem sem a lei de Deus está em completo processo de autodestruição. Dessa forma, cada vez em que ele desobedece aos princípios e aos deveres cristãos, como os da sexualidade e os do casamento, o ser humano está susceptível a desmoronar. Os discursos adentram ao sermão com uma tonalidade negativa, pois fundamentam exemplos de desobediência e rebeldia à lei de Deus, ou seja, os maus exemplos a serem evitados.

Adiante, o autor continua sua argumentação deixando claro, em suas palavras, que a lei, seja humana ou divina, é feita para "pro-te-ger". Dessa forma, Deus instaurou limites para não deixar seu povo se autodestruir. Em seguida, ele enuncia:

Fragmento 4 (L62 – L70).
você tá me entendendo olha pra mim principalmente os jovens -- -- "onde o senhor quer chegar... pastor?" na lei de Deus, a lei de Deus tem NÃO a lei de Deus tem NÃO PODE a lei de Deus tem LIMITES a porta que o crente anda é estreita o caminho que o crente anda é estreito... LEIS... MANDAMENTOS ESTATUTOS PRECEITOS que dizem para você... você NÃO PODE se vestir do jeito que você quer... você NÃO PODE frequentar qualquer lugar... você NÃO PODE se relacionar com qualquer pessoa... você NÃO PODE usar a boca para pronunciar qualquer palavra... você NÃO PODE ter qualquer tipo de atitudes a bíblia tem leis para igreja, mandamentos para serem obedecidos e eles não são para tirar sua liberdade...

Observamos que, no início do fragmento, o enunciador solicita ao seu destinatário que, mais atentamente, preste a atenção ao que irá dizer. Adiante, ele simula a voz de um jovem para realizar a seguinte questão: "onde o senhor quer chegar... pastor?". Logo em seguida, introduz o assunto do seu sermão: a lei de Deus.

Antes de avançarmos em nossa análise, convém compreendermos um pouco mais acerca da noção de lei no âmbito da Bíblia Sagrada. Observemos:

> Então falou Deus todas estas palavras, dizendo: Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão; porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão. Lembra-te do dia do sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra. Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá. Não matarás. Não adulterarás. Não furtarás. Não dirás falso testemunho contra o teu próximo. Não cobiçarás a casa do teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo. (ALMEIDA, 1969, p.71)

No recorte acima, verificamos alguns versículos bíblicos encontrados no capítulo vinte de Êxodo, livro do Velho Testamento bíblico. Nele, observamos os dez mandamentos, escritos por Moisés no monte Sinai, que compõem a lei de Deus. Essas ordenanças fazem distinção entre os separados por Deus e os demais povos da terra, considerados gentios. Dessa forma, a lei de Deus corresponde a um estatuto cujo objetivo é manter o povo escolhido no temor da divindade. No Novo Testamento, Jesus, o libertador messiânico, condensou os dez mandamentos em: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo" (Lucas 10: 25) (ALMEIDA, 1969, p.895). Contudo, o livro sagrado é cheio de prescrições

doutrinárias, orientações e ordenanças escritas por outras personagens bíblicas que são consideradas importantes no decorrer da história do cristianismo.

Com base no exposto, observamos que, ao discorrer sobre a lei de Deus, o autor-pregador utiliza a expressão "NÃO PODE" por sete vezes. A repetição desses termos tem como intenção discursiva enfatizar que os jovens não devem andar, agir, vestir, falar etc. de qualquer forma, porque existe uma lei que determina a maneira como precisam viver. Há, portanto, um padrão divino que se caracteriza como uma marca de distinção daqueles que pertencem ao Deus de Israel. Ele, por sua vez, deve ser respeitado, obedecido e cumprido. Ao enunciar estas coisas, a instância autoral utiliza um tom de advertência, mostrando, conforme suas palavras, que há "LEIS... MANDAMENTOS ESTATUTOS PRECEITOS". Dessa forma, o povo do Deus do cristianismo não pode viver de qualquer jeito, precisam viver na ordem da divindade.

Após explanar acerca da lei de Deus, a instância autoral cita um discurso bíblico situado na Epístola de Paulo, endereçada aos fieis da Igreja em Romanos. Verifiquemos:

Fragmento 5 (L84 – L94).
Romanos 12 diz o que? vamos ver se a igreja sabe... rogo-vos pela compaixão de Deus que apresenteis vosso corpo como sacrifício vivo santo e agradável a Deus... que é o vosso culto racional e não vos conformeis com este século mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento... presta atenção no que Paulo está ensinando para mim pra você pros *crentes*... presta atenção... não vos conformeis a esse *mundo*... esse "conformeis" não está falando de conformidade de olhar algo na TV do mundo "ah me conformei"... não vos amoldeis é o que Paulo está dizendo não se conforme... não se amolde EM HIPÓTESE ALGUMA SEJA COMO O MUNDO É... rogo-vos ele tá dizendo ali uma palavra de rogo... CONJURO IMPLORO SUPLICO CHORO me QUEBRANTO me CONSTERNO pedindo a igreja NÃO SE CONFORMEM COM O MUNDO NÃO SEJAM IGUAIS AOS ÍMPIOS NÃO COPIEM O SEU MODO DE VIVER... PALAVRA DO SENHOR...

Na citação, constatamos a referência ao discurso bíblico de Paulo que, no capítulo12 - versículo 1 de Romanos -, incita os cristãos de Roma a viverem conforme os ensinamentos que tinham aprendido. O autor-pregador, ao analisar esse texto bíblico, dá ênfase à expressão "não vos conformeis", trocando-a intencionalmente, em sua explicação, por "não vos amoldeis". Com isso, ele visa mostrar que os cristãos não devem se habituar às práticas culturais vigentes na sociedade. O versículo é convocado como argumento de autoridade infalível para embasar o pensamento que a instância autoral vem construindo e defendendo. Dessa forma, o autor deixa claro que há um modo de vida diferenciado para aqueles que são

considerados, pelos próprios religiosos, filhos de Deus, para aqueles que pertencem à comunidade cristã, bem como demarca, ao mesmo tempo, o lugar do outro, dos que não pertencem a essa comunidade.

Ainda no recorte, observamos que, para o autor-pregador, existem dois povos e dois mundos. Podemos constatar isso através da relação dicotômica que estabelece entre os termos o "crente" e o "mundo". O "crente", em sua ótica, é todo aquele que um dia converteu-se ao cristianismo protestante e cumpre a lei estabelecida por Deus, por isso, é declarado justo, como observamos no seguinte texto do livro sagrado cristão em Romanos 2: 13: "Porque não são os que ouvem a Lei que são justos aos olhos de Deus; mas os que obedecem à Lei, estes serão declarados justos" (ALMEIDA, 1969, p.997). Já o "mundo" é constituído por aqueles que não se converteram ao cristianismo protestante e não cumprem a lei de Deus, sendo, portanto, considerados ímpios, já que estão longe de Deus, conforme verificamos no texto de Provérbios, capítulo 15 e versículo 29: "O Senhor está longe dos ímpios, mas a oração dos justos escutará". (ALMEIDA, 1969, p.583)

Na relação "crente" e "mundo", observamos aspectos da arquitetônica criada por Bakhtin. O crente, nesse contexto, seria o "eu-para-outro", pois a visão que tenho de mim mesmo advém do olhar do outro, ou seja, eu sou aquilo que o livro sagrado do cristianismo (o outro) diz que eu sou. Dessa forma, eu sou escolhido de Deus e devo cumprir a sua lei. Já o mundo seria o outro-para-mim a partir do olhar que o outro, o livro sagrado do cristianismo, fornece para mim. Assim, o mundo, a partir da visão que tenho do livro sagrado, é aquele que não é escolhido por Deus e não cumpre a vontade de Deus.

Convém também atentarmos para outras escolhas estilísticas realizadas pelo autor-pregador, a saber: "CONJURO", "IMPLORO", "SUPLICO", "CHORO", "QUEBRANTO" e "COSTERNO". Ao trocar o "rogo-vos" pelos termos apresentados, a instância autoral seleciona verbos cujas cargas valorativas são bastante apelativas, a fim de chamar a atenção do auditório social para a importância do versículo do apóstolo Paulo. Durante a enunciação desse fragmento, verificamos o uso de uma tonalidade de advertência, repreensão, correção e ensino, uma vez que o autor-pregador quer mostrar, para os jovens, que eles não podem acolher o modo de vida do "mundo". Ele enuncia essas coisas com tom de voz bastante contundente, mostrando firmeza e segurança em sua advertência.

Adiante, em sua argumentação, a instância autoral continua advertindo aos jovens fieis cristãos a fim de que não se moldem aos costumes do "mundo". Vejamos:

Fragmento 6 (L95 – L113).
agora o que que tá acontecendo... vem cá...que *petiqui* é esse que *frenesi* que é esse... que *foguinho* que é esse... que *desejo* que a igreja tem de se parecer com mundo... meu Deus do céu parecemos *viuvinha* parecemos *orfãozinhos* e::: *pobres rejei*/ *"ai não temos identidade temos que seguir a malhação... temos que seguir o ritmo da moda dos estilistas ímpios... não podemos ser feinhos desprezados então temos que usar calças com o cofrinho de fora temos que ter carro importado temos que pintar o cabelo de quinze cores temos que ser igual o mundo"*... quando Deus olha dos altos céus pra terra... o que que ele diz em Malaquias... e vereis a diferença entre o justo e o ímpio entre o que serve a Deus e o que não serve a Deus... quando Deus olha hoje... ele ver alguma diferença?... que necessidade é essa de ser igual ao mundo?... "*eu quero namorar igual ao mundo quero usar calça coladinha igual o mundo eu quero usar os mesmo verbos do mundo quero namorar igual mundo quero me vestir tudo com cores cortes modas que é feita por estilistas homossexuais ateus e satanistas... eu quero me vestir igualzinho... eu sou homem mas não quero me vestir como homem não quero me vestir como uma terceira classe nem mulher nem homem na terceira"*... olhe para você... você é a *noiva* de Cristo ataviada adornada sem ruga sem mancha sem *MÁCULA*? MEU IRMÃO DEIXA EU TE DIZER A GRANDE CARACTERÍSTICA DO POVO DE DEUS É QUE ELE NÃO SE PARECE COM O MUNDO ELE É *DISTINTO* DO MUNDO ELE É *INVULGAR*...

No recorte exposto, verificamos escolhas estilísticas, muito valorativas, que marcam a autoria do pregador, dentre elas, alguns termos mais informais e outros com o uso do sufixo "-inho", a saber: "petiqui", "frenesi", "foguinho", "viuvinhas" e "orfãozinhos", todos utilizados para caracterizar e ridicularizar a vontade que muitos jovens têm de "parecer com o mundo". Ao empregá-los, com uma tonalidade crítica, o autor-pregador reafirma sua reprovação a esses tipos de comportamentos entre os cristãos.

Além disso, durante o fragmento, o enunciador apresenta simulações de vozes de jovens fieis para exemplificar o desejo que muitos possuem de se parecer com mundo. Elas versam sobre temáticas do universo jovem como: malhação, moda, estilo, vocabulário etc. e aparecem como forma de crítica e de ridicularização. Ao enunciá-las, a instância autoral emprega uma tonalidade crítica e, simultaneamente, desdenhosa. É possível verificar ainda, entre as simulações, uma crítica contundente aos estilistas homossexuais, bem como ao discurso da moda sem gênero, tendência que defende o uso de roupas unissex. Nessa visão, não há formas, cores, nem tampouco modelagens para um determinado sexo, o que importa é a valorização do corpo. O autor-pregador ainda convoca um discurso bíblico presente em Malaquias 3: 18, que diz: "Então voltareis e vereis a diferença entre o justo e o ímpio; entre o que serve a Deus, e o que não o serve" (ALMEIDA, 1969, p.822). O versículo adentra ao seu enunciado como argumento de autoridade infalível a fim de confrontar os jovens sobre certos comportamentos.

Por último, enfatizamos o uso dos termos "noiva", "MÁCULA", "DISTINTO" e "INVULGAR" empregados na parte final do fragmento. As palavras "noiva" e "MÁCULA" evocam o discurso da Bíblia Sagrada que discorre sobre a volta do libertador messiânico. A noiva, que corresponde aos fieis cristãos protestantes, espera a volta do seu noivo, Jesus cristo, que a levará para a morada eterna, o céu. Nessa perspectiva, Jesus quer voltar e encontrar sua noiva "gloriosa, sem mácula, sem ruga, nem coisa semelhante, porém, santa e sem defeito" (ALMEIDA, 1969, p.1021), conforme Efésios 5: 27.

Ao recuperar esse discurso, o autor-pregador tem como intenção confrontar os jovens, para que ponderem se, realmente, têm se comportado e vivido como a noiva de Cristo na Terra e reflitam se, realmente, têm se purificado para que Jesus, em sua segunda vinda, os encontre sem mácula, sem defeito algum. Os termos "DISTINTO" E "INVULGAR" ressaltam o papel dos jovens cristãos na sociedade, já que estes se consideram separados do "mundo" pela divindade do cristianismo. Dessa forma, é dever de cada um se purificar, tornando-se distinto e invulgar, como afirma o autor. Convém destacar que todas as palavras que analisamos são enunciadas, pela instância autoral, com uma tonalidade de advertência, reclamação e correção.

Após essas considerações, a instância autoral recorre ao discurso de Martyn Lloyd Jones, um teólogo calvinista reformado que deu grande contribuição no movimento reformista britânico. Observemos:

Fragmento 7(L114 - L118/ L203 – L209).
eu vou dizer uma agora... alguém já ouviu falar do doutor Martyn Lloyd Jones... se você não ouviu compra todos os livros dele que você puder... ele diz assim o maior método de evangelismo que a igreja possui... sabe qual é? o seu testemunho... e essa conversa *maldita desgraçada endemoniada* que diz que temos que ser igual ao mundo para atrair o mundo... isso e *antibíblico* isso é *ateológico* isso não é *escriturístico* (...) "pastor tá havendo agora uma secularização gospel evangélica"... como assim? "ahh a gente pode ouvir uma música evangélica... mas também Pink Floyd... pode ouvir um Beatles... pode ouvir ai um sepultura metálico um Iron Maiden... pode ouvir Zezé de Camargo e Luciano Thon Carreiro... ouvir"... PRO INFERNO COM ISSO... UMA OVA... É O QUE TÁ DIZENDO *SAÍ DO MEIO DELES* E NÃO TOQUEIS NADA IMUNDO... NÃO TOQUE NESSAS COISAS FUJA DESSAS COISAS É PECADO... (Grifo nosso)

No fragmento em análise, verificamos a alusão ao discurso de Martyn Lloyd Jones, voz recuperada para criticar um exemplo referido, pelo autor, no decorrer do sermão, a saber: a evangelização de refugiados por padres da igreja católica que acabaram adotando os costumes dos povos pagãos. Embasado no teólogo reformado, o autor-pregador afirma que a

melhor maneira de converter pessoas ao cristianismo é testemunhar e não acolhê-las em seus costumes. O discurso de Martyn Lloyd Jones adentra ao enunciado como argumento de autoridade com uma tonalidade dialógica positiva, em certos momentos sua figura é enaltecida.

O autor-pregador do sermão caracteriza o método de evangelização utilizado pela igreja católica como uma ação "maldita", "desgraçada", "endemoniada", "antibíblica", "ateológica" e "não-escriturística". Conforme observamos, suas escolhas estilísticas apresentam uma tonalidade ofensiva, reprovativa e repreensiva. Elas revelam, nesse momento, um discurso agressivo, rude, perpassado por uma tonalidade violenta, de insulto.

Verificamos, mais adiante, a simulação de voz de um jovem fiel que discorre sobre a secularização gospel evangélica. Como resposta ao enunciado criado, o autor-pregador utiliza expressões sem polidez, como "PRO INFERNO COM ISSO" "UMA OVA", que muitas vezes lembram xingamentos, palavras vulgares. Convém destacar que os termos são pronunciados com grande ênfase e com uma tonalidade de advertência e reprovação contundente. É importante destacar que a instância autoral também emprega a expressão "SAI DO MEIO DELES", advertindo, com uma tonalidade rude, os jovens a não ficaram entre os que compõem o denominado "mundo", sob a justificativa de que fazer isso é pecado e desagrada a Deus.

Em seguida, o autor-pregador apresenta um discurso bíblico que mostra Israel, os seguidores do cristianismo, como o povo escolhido e separado por Deus. Verifiquemos:

Fragmento 8 (L143 – L144/ L151 – L157).
meu irmão quando Deus separa Israel o quê que ele faz?... eu elegi você Israel pra separado das nações pagãs... Israel *era* um povo eleito pra ser separado (...) quem eram esses deuses? deuses pagãos deuses ímpios... eles começaram *misturar-se* com as mulheres pagãs... eles começaram a casar com mulheres pagãs... *Deus derramou sua ira... toda vez que um crente se associa com um ímpio Deus se ira... não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis diz o SENHOR....* o desejo de Deus para o povo dele desde Israel é que fosse um povo santo separado... distinto dos costumes dos usos pagãos... agora por que que vocês está procurando *lá fora*?...

No recorte em análise, constatamos a referência à separação do povo de Israel que tem como base textos como os de Levítico 20: 24 e 26: "Em herança possuireis a sua terra, e eu a darei a vós, para a possuirdes, terra de que mana leite e mel. Eu sou o Senhor vosso Deus, que vos separei do mundo. E ser-me-eis santos, porque eu, o Senhor, sou santo, e vos separei dos povos, para serdes" (ALMEIDA, 1969, 116). Nele, observamos que Moisés, autor do livro,

apresenta a voz da divindade do cristianismo prometendo uma terra de que mana leite e mel, bem como separando o seu povo dos demais povos para ser santo.

Após mencionar o discurso bíblico, o autor-pregador afirma que, embora tenha sido separado, Israel pecou constantemente contra o seu Deus ao adorar outros deuses, os quais são denominados de "deuses pagãos". A partir desse contexto, ele começa a discorrer sobre a ira de Deus, ao castigar seu povo escolhido, por causa da rebeldia, conforme verificamos na expressão que utilizou: "Deus derramou sua ira". Nesse momento, a instância autoral passa a descrever, na história do cristianismo, um Deus punitivo, utilizando-se, para isso, de uma tonalidade ameaçadora, já que, em sua concepção, se o crente "misturar-se" com o "mundo", suscitará a ira da divindade. Assim, observamos que a tonalidade de ameaça é utilizada como um recurso discursivo para que os jovens acreditem que, assim como o povo de Israel foi castigado, também serão caso se moldem aos costumes do "mundo".

Observamos, ainda, no fragmento, a alusão ao discurso bíblico situado na 2ª Carta aos Coríntios 6: 14: "Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis; porque, que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas?" (ALMEIDA, 1969, p.1007). O texto, que adentra ao sermão como um discurso de autoridade infalível, já que se trata da palavra da divindade, é convocado para mostrar que há uma distinção entre o "crente" e o "mundo", que as pessoas que compõem cada um vivem de maneira distinta. O "crente", por assim dizer, embora viva no mundo, não pertence a ele, pois deve estar fora dele, como observamos na expressão "lá fora" empregada pelo autor do enunciado. É como se os adeptos do cristianismo tivessem que lutar para viver de uma maneira "santa" em um mundo que consideram corrompido em todos os aspectos.

Depois dessa citação, o autor começa a discorrer como o "crente" pode ser diferente do "mundo" no falar, na amizade, no uso de roupas etc. Para isso, ele se fundamenta em versículos bíblicos, mostrando que no livro sagrado do cristianismo há regras para todos os tipos de comportamento. Observemos uma dessas argumentações:

Fragmento 9 (L157 – L170).
"Pastor mas existem mandamentos para minha vestimenta?"... Primeira carta de Paulo aos Timóteo... que o vosso traje seja... com modéstia moderação... com pudor... a Bíblia descreve um *padrão* para a vestimenta da mulher e do homem ((eu tava ali vendo o monte de homem com a camisa desabotoada e peitão cabeludo de fora... eu falei isso aqui é uma igreja?...)) meu Deus do céu isso é a casa de Deus... temos que ser distintos... O SEU CORPO É TEMPLO DO ESPÍRITO SANTO... O TRAJE FEMININO E MASCULINO É DECÊNCIA É ORDEM É MODERAÇÃO É MODÉSTIA... lei?... "pra que que tem essa lei? para deixar eu feia?"... não confunda... beleza com sensualidade... mostrar teu

> corpo não significa que você é bela... que você é bonita... uma mulher bonita não necessita ser sensual... sensualidade é uma coisa beleza é outra... você pode linda bonita elegante bela fina sem ser SENSUAL...HÁ LEIS... existem leis para roupas (...) EXISTE UMA LEI PARA AS PALVRAS... SEJAM VOSSAS PALAVRAS SEMPRE AGRADÁVEIS TEMPERADAS COM SAL FALANDO UM ENTRE OS OUTROS COM HINOS E CÂNTICOS ESPIRITUAIS... da boca de crente só sai aquilo que edifica... tem regra...

No fragmento em análise, verificamos que o autor-pregador começa a fundamentar alguns comportamentos que, a seu ver, encontram embasamento na Bíblia Sagrada, dentre eles, o uso de vestimentas e de vocabulário. Sua argumentação é introduzida por simulações de jovens fieis, em forma de perguntas, para que, em seguida, exponha sua resposta responsiva ativa. Para a instância autoral, há uma forma correta de o "crente" se vestir, pois existe um modelo divino, conforme observamos no uso do termo "padrão" no recorte acima.

Para fundamentar seu posicionamento axiológico, o autor-pregador convoca um discurso bíblico situado em 1ª Timóteo 2:9, que diz: "Que do mesmo modo as mulheres se ataviem em traje honesto, com pudor e modéstia, não com tranças, ou com ouro, ou pérolas, ou vestidos preciosos" (ALMEIDA, 1969, p.1034). O texto evocado consiste em um conselho de Paulo ao líder da Igreja de Éfeso, em relação ao comportamento das mulheres. Outro texto que também é mobilizado pelo enunciador está em Colossenses 4:6: "A vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal, para que saibais como vos convém responder a cada um" (ALMEIDA, 1969, p.1028). Ao evocá-lo, a instância autoral afirma que o "crente" deve falar apenas o que for para o fortalecimento espiritual alheio.

Convém ressaltar que os enunciados bíblicos apresentados foram mobilizados como argumento de autoridade infalível para mostrar que existe um padrão considerado divino. Ao enquadrá-los, a instância autoral utiliza uma tonalidade de advertência a fim de alcançar seu querer-dizer. Ainda no fragmento, é possível verificar uma crítica realizada à vestimenta de um jovem congressista. Para fundamentá-la, o autor-pregador recorre ao texto bíblico situado em 1ª Coríntios 6: 19: "Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos?" (ALMEIDA, 1969, p.994). Dessa forma, no excedente de visão do pregador, o corpo do cristão apresenta um valor, por isso deve ser preservado, já que o Espírito do Deus de Israel habita nele. O enunciado bíblico, então, fundamenta uma crítica ao modo como o jovem se vestiu para ir ao COMEPE, já que esse corpo considerado santo não deve ser profanado, sensualizado.

Em sua argumentação, o autor-pregador continua apresentando a diferença entre o "crente" e o "mundo", apontando, desta vez, que os jovens devem ter como modelo de vida os

homens e mulheres de Deus, cujas histórias encontramos apresentadas no livro sagrado do cristianismo. Vejamos como isso ocorre no fragmento que exibiremos abaixo:

Fragmento 10 (L255 – L263).
"pastor você acha que eu quero ser igual a essas *piriguetes* da Rede Globo?... essas *paniquetes* da Rede TV?... o senhor acha que eu quero ser como essas *BISSEXUAIS LÉSBICAS ENDEMONIADAS*... eu tenho *NOJO* eu quero ser como as *SANTAS* mulheres de Deus *piedosas santas cheias do espírito santo*...eu quero ser como DÉBORA eu quero ser como ESTER quero ser como RUTH quero ser como ANA".... "pastor o senhor acha que eu quero ser como esses caras?... o senhor acha que eu quero ser como Neymar?... O senhor acha que eu quero ser como esses *BOIOLAS afeminados frouxos mariquinhas*... o senhor acha que eu quero ser popstar que anda até assim? misericórdia... "eu quero ser um homem de Deus eu quero ser como Moisés Elías Paulo João Batista Josué Elizeu Davi...

Na juventude, muitos jovens e adolescentes têm como modelo de vida pessoas que estão no auge da fama. No fragmento acima, observamos duas simulações de vozes utilizadas pelo autor-pregador para criticar esse comportamento, bem como para ressaltar que os protótipos da vida cristã estão na Bíblia Sagrada. Inicialmente, verificamos a simulação da voz de uma jovem fiel, afirmando não querer ser como as mulheres das redes de televisão da atualidade, mas como Débora, Ester, Ruth e Ana, personagens femininas do velho testamento bíblico.

Ao se referir às mulheres que, geralmente, vemos em canais de televisão, a instância autoral utiliza as seguintes escolhas estilísticas: "piriguete", "paniquete", "bissexuais", "lésbicas" e "endemoniadas". Os termos "piriguete" e "paniquete", em nossos dias, apresentam uma carga valorativa negativa e pejorativa, pois, na linguagem popular, se referem às mulheres extremamente sensuais, que usam roupas curtas e que trocam de parceiros sexuais constantemente, comportamento desaprovado pelo cristianismo.

Já as palavras "bissexuais", "lésbicas" e "endemoniadas" fazem alusão às mulheres que optam por uma sexualidade fora do padrão reconhecido pela Bíblia Sagrada. Chamamos a atenção para o termo "endemoniadas", uma vez que, nessa concepção, a homossexualidade também é considerada uma possessão demoníaca passível até de exorcização, ritual de expulsão de um espírito maligno. Convém ressaltar que essas palavras são enunciadas com uma tonalidade de reprovação, de censura, de rejeição. É importante destacar ainda que, ao empregar o termo "NOJO", a instância autoral deixa implícito que os cristãos devem ter aversão a esse tipo de pessoa, afastando-se delas e rejeitando-as.

A segunda simulação de voz pertence a um jovem fiel que também afirma não querer ser igual aos homens da atualidade; como exemplo, cita Neymar, um jogador de futebol considerado, por muitos jovens, um ídolo nacional. Na simulação, observamos o enaltecimento das figuras bíblicas de Moisés, Elias, Paulo, João Batista, Josué, Elizeu e Davi. Já os exemplos de ídolos da atualidade são caracterizados pelos termos "boiolas", "afeminados", "frouxos" e "mariquinhas", revelando o posicionamento da instância autoral em relação aos comportamentos desses homens. Esses elementos lexicais são enunciados com um forte tom de reprovação e censura.

Caminhando para sua conclusão, o autor-pregador recupera um enunciado bíblico localizado no livro de Atos dos Apóstolos no capítulo 2, texto que narra a descida do Espírito Santo no meio dos cristãos primitivos. Após esse evento, a igreja começa sua atividade de evangelização, universalizando-se. Além desse enunciado, vários outros, que enfatizam a missão de personagens bíblicos, foram enunciados pelo autor-pregador, dentre eles, os que relatam a primeira pregação de Pedro e conversão de Paulo ao cristianismo.

Os discursos bíblicos foram convocados para estimular os jovens a pregarem, ousadamente, o evangelho do cristianismo. Eles foram enunciados com uma tonalidade dialógica positiva e se caracterizam, dentro da comunidade religiosa, como um discurso de autoridade infalível. Para finalizar o seu sermão, a instância autoral faz uso de um texto profético situado no livro de Ezequiel, texto em que o Deus do cristianismo reivindica santidade do seu povo, aspecto discutido durante todo o sermão, já que o intuito do autor é mostrar que existem leis para o povo de Deus, considerado santo e imaculado.

A seguir, vejamos um quadro que sintetiza os aspectos analisado no sermão 2:

Quadro 6: Síntese da análise do enunciado 2

SÍNTEXE DO SERMÃO 2			
	Discurso de outrem	**Escolhas estilísticas**	**Tonalidade dialógica**
Mobilizados para crítica e oposição	Simulação dos discursos de fieis da faixa etária jovem e discursos sócio-históricos.	Petiqui, frenesi, foguinho, viuvinhas, orfãozinhos, homossexuais, depravados, libertinos, boiolas, mariquinhas, bissexuais, lésbicas, endemoniadas etc.	Crítica, advertência, repreensão, reprovação e ameaça.
Mobilizados para confirmação	Discurso bíblico, discurso científico e discurso de Martyn Lloyd Jones.	Não pode, lei, regras, limites, crente, mundo etc.	Enaltecimento.

Fonte: Elaboração própria.

Após essa explanação, em que pudemos observar as formas de enquadramento, as escolhas estilísticas e as tonalidades dialógicas do sermão 1 e 2, partimos para algumas conclusões a fim de darmos um acabamento relativo para esta dissertação que, provavelmente, ainda suscitará muitos diálogos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa objetivou investigar, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos de *Bakhtin e o Círculo*, a constituição da autoria em sermões religiosos de pregadores reformados. Para isso, descrevemos, analisamos e interpretamos os mecanismos linguísticos, enunciativos e discursivos que revelaram as marcas de autoria dos pregadores nos sermões religiosos. As investigações mostraram que, durante a enunciação, os pregadores reformados levaram em consideração os enunciados alheios, proveniente da relação que mantiveram com os seus interlocutores, bem como com os discursos que entraram em contato durante sua vivência. Nessa interação, a autoria se constituiu a partir de dois princípios básicos, a saber: o *Princípio do Discurso de Outrem – (OD)* constituído pela categoria - *As Formas de Enquadramento e valoração do O.D*; bem como o *Princípio do Endereçamento do Enunciado Concreto* representado pelas categorias - *As Escolhas Estilísticas* e a *Tonalidade Dialógica*.

O sermão 1 foi enunciado pelo pastor Ed. René Kivitz. Nele, o pregador buscou, a partir do texto sagrado de Hebreus 11, construir um conceito de fé, estabelecendo dialogo, em todo o enunciado, com duas vozes: o pentecostalismo e o neopentecostalismo. Sua intenção, ao convocar essas vozes, era "reconstruir" o conceito de fé a partir da visão dessas perspectivas do cristianismo. Durante a argumentação, o autor-pregador fez uso de simulações de vozes de fieis e de líderes do meio pentecostal e neopentecostal com uma tonalidade valorativa irônico-cômica, efeito de sentido bem-sucedido graças aos presumidos compartilhados durante a enunciação.

A ironia e o humor, então, fizeram parte das estratégias discursivas utilizadas pela instância autoral para atrair a atenção do auditório social, formado, naquele contexto, por líderes religiosos cristãos. O autor-pregador se utilizou desse recurso com a finalidade de enunciar para o auditório que assume uma função eclesiástica, no âmbito das igrejas do Brasil, igual a sua, ou seja, a missão de liderar e propagar a palavra sagrada do cristianismo. Esse fato fez com que, provavelmente, ele se sentisse mais próximo do auditório social e quebrasse um pouco da formalidade, aspecto comum a grande parte das pregações religiosas.

Ainda no sermão 1, o discurso bíblico apareceu como um argumento de autoridade infalível, como um discurso divinamente inspirado/revelado pelo Espírito Santo de Deus aos profetas bíblicos, aspecto que, naquele contexto, inibe sua contestação, já que o que vem de de Deus deve ser aceito e reconhecido em sua integridade, em sua totalidade. O autor-pregador utiliza o discurso bíblico, no enunciado, ora para criticar e repreender os que

veiculam a fé como uma alavanca que move o braço de Deus, ora para embasar os argumentos acerca do "verdadeiro" conceito de fé.

Também fundamentaram as reflexões da instância autoral, as vozes de Hudson Taylor e John Haggai, representantes da teologia reformada. Ambas foram referenciadas no sermão com uma tonalidade valorativa positiva, a fim de evidenciar as contribuições e os exemplos desses líderes religiosos para o cristianismo. Verificamos, portanto, que o autor-pregador fez uso de simulações de vozes de líderes pentecostais e neopentecostais, bem como de vozes de líderes reformados, e as enquadrou de formas distintas, pois, enquanto as simulações de vozes dos líderes religiosos pentecostais e neopentecostais foram negadas e criticadas, as vozes dos líderes religiosos reformados foram enaltecidas.

Convém ainda chamarmos a atenção para as escolhas estilístico-valorativas empregadas pela instância autoral no sermão, uma vez que contribuem para a construção da tonalidade dialógica do enunciado. Entre os principais termos utilizados para gerar um efeito de sentido irônico-cômico no enunciado, estão as palavras "submeto", "mistério" e "invisível", que se referem aos conceitos ideológicos dos cristãos pentecostais e neopentecostais. Constatamos também a presença do termo "feitiçaria", utilizado para criticar as ações promovidas pelos líderes religiosos pentecostais e neopentecostais, a exemplo, as orações de cura milagrosa e instantânea.

Enquanto no sermão 1, o autor-pregador está interessado em descontruir os pontos de vistas alheios acerca do seu objeto do discurso e construir um conceito de fé a partir da sua perspectiva, da sua apreciação valorativa sobre o texto de Hebreus 11, no sermão 2, de autoria de Paulo Junior, observamos que o pregador busca mostrar, para o auditório social, que existem leis que devem ser cumpridas pelo povo de Deus. Chamados de "crentes", os fieis que pertencem ao Deus do cristianismo não deve se "misturar" com o "mundo", isto é, com aqueles que não pertencem à comunidade religiosa evangélica cristã. Dessa forma, "limites" e "leis" são estabelecidos, para que o crente preserve sua integridade enquanto povo "escolhido" de Deus.

Verificamos, durante o processo de argumentação, a presença, de forma recorrente, de discursos bíblicos, revelando que o intuito do autor-pregador é ensinar, advertir e repreender através da Bíblia Sagrada, considerada, no contexto cristão, um discurso de autoridade, uma "verdade" inspirada por Deus, uma palavra soberanamente infalível. Convém ainda destacarmos que o enunciado é direcionado para jovens que participam de um congresso voltado para a juventude pentecostal. Com vistas nisso, pensamos que, ao recorrer constantemente à Bíblia Sagrada, o autor tenha como intenção discursiva mostrar aos jovens

que nela há um padrão de vida a ser seguido, para que consigam alcançar a santidade, a pureza, que almejam. Esse pensamento fundamenta-se na visão de que, no âmbito das igrejas evangélicas cristãs, reverbera o discurso de que o "mundo" é muito atrativo para os jovens, por isso é necessário "doutriná-los", de forma mais severa, para que não percam sua pureza.

No que se refere às escolhas estilísticas empregadas pela instância autoral, verificamos o uso, em grande parte do sermão, de termos ofensivos, como "desgraçada", "malditas", "boiolas" e "endemoniadas", os dois últimos utilizados para caracterizar as pessoas que não correspondem ao padrão de sexualidade determinado pelas escrituras sagradas do cristianismo, assunto bastante abordado pelo autor-pregador. Além disso, constatamos expressões como "pro inferno com isso" e "uma ova" que soam como palavras vulgares, agressivas e, em momentos, como palavrões.

Esses termos e expressões nos levam a conceber o autor-pregador, em algumas de suas colocações, como alguém que fomenta o ódio, especificamente, ao utilizar o termo "NOJO", para se referir ao comportamento que os jovens cristãos devem ter em relação às mulheres que apresentam uma sexualidade bissexual. Ao utilizar essa palavra, a instância autoral persuade os jovens cristãos a se afastarem de pessoas que vivenciam esse tipo de sexualidade, bem como a mostrarem, de forma explicita, sua reprovação por meio do "nojo".

Ressaltamos ainda que grande parte das vozes e das escolhas estilísticas realizadas pelo autor-pregador apresentavam uma tonalidade forte de advertência, repreensão, crítica e, em alguns momentos, de ameaça. O autor-pregador, portanto, mostra-se um doutrinador que utiliza um tom de voz, muitas vezes, agressivo, revelando que o cristão não pode ser maleável, tolerante a certos tipos de comportamentos do que denomina de "mundo".

Uma breve comparação mostra diferenças entre os dois autores-pregadores, especialmente no que se refere às escolhas estilísticas e às tonalidades valorativas impressas durante cada enunciação. Na primeira pregação, o autor-pregador não faz uso de uma grande quantidade termos ofensivos em detrimento ao segundo pregador. A única expressão, relativamente ofensiva, que utilizou foi o termo "feitiçaria", empregado ao nomear as orações feitas pelos líderes pentecostais e neopentecostais. Já o segundo pregador refere-se diversas vezes ao comportamento do que chama "mundo" com palavras ofensivas e agressivas.

No que se refere à tonalidade dialógica, observamos no primeiro pregador o uso da ironia e do riso como recursos didáticos para alcançar o seu auditório social, embora, em certos momentos, ele tenha feito uso de uma tonalidade mais crítica e repreensiva com o intuito de ensinar e doutrinar. O segundo pregador, por sua vez, mostrou-se mais altivo,

usando uma tonalidade contundente de repreensão, de reprovação e, muitas vezes, coercitiva e ameaçadora, a fim de mostrar aos fieis a importância de observar e cumprir as leis de Deus.

Concluímos ressaltando que a autoria é um fenômeno comum a todo enunciado concreto, unidade de comunicação discursiva, bem como que os sermões estudados nesta dissertação revelam marcas de autoria dos pregadores que, em um dado momento e a partir de certas circunstâncias enunciativas, deram sua apreciação axiológica sobre um objeto do discurso. Enfatizamos, ainda, a importância de desenvolvermos novas pesquisas com a temática da autoria e do discurso religioso, a fim de enriquecermos o escopo teórico da perspectiva dialógica da linguagem e conhecermos um pouco mais sobre a natureza do discurso religioso. Sugerimos também reflexões que contemplem os aspectos estilístico-valorativos, as tonalidades dialógicas e as relações dialógicas etc, no discurso religioso, tendo em vista que há muito o quê se discutir/descobrir quando a temática é o discurso religioso.

.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, Marconi Martins. *A salvação é aqui e agora*: o papel da cura entre os neopentecostais da Igreja Universal do Reino de Deus. www.publicaçõesacademicas.uniceub.br/face/article/download/471/459. Acesso em: Fevereiro de 2017.

BAKHTIN, M. M. [Volochinov]. *Marxismo e filosofia da linguagem:* problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira; com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 13ª ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

_____. *Questões de literatura e de estética*: a teoria do romance. 5ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.

_____. *Estética da criação verbal*. [Introdução e tradução de Paulo Bezzera]. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____.*Problemas da poética de Dostoievski*. Tradução direta do russo por Paulo Bezerra. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

BARTHES, Roland. A Morte do Autor. In: *Rumor da Língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 57-65.

BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin*: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. *Bakhtin*: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2012.

BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin:* conceitos-chave. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

BÍBLIA Sagrada. [Traduzida em português por João Ferreira de Almeida, revista e corrigida.] Ed. 1995. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

CAMPOS, Idauro de Oliveira Junior. *A onda calvinista no Brasil*. Disponível em: www.genizahvirtual.com)2015)07)a-onda-calvinista-no-brasil.html. Acesso em: Fevereiro de 2017.

CHAPLIN, R.N. *Enciclopédia de Bíblia e Filosofia*. Vol. 2. São Paulo: Hagnos, 2011.
CHARTIER, R. Figuras do autor. In: *A ordem dos livros*: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Trad. Bras. Brasília: Editora da UnB, 1999.

COSTA, Airton Evangelista da. *A guarda do sábado*. Disponível em: solascriptura-tt.org/Seitas/GuardaSabado-AECosta.htm. Acesso em: 10 de Fevereiro.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo:* as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, J. L.. Categorias de análise em Bakhtin. In: Luciane de Paulo; Grenissa Stafuzza. (Org.). *Círculo de Bakhtin*: diálogos in possíveis. 1ª ed. Campinas: Mercado de Letras, 2010, v. 1, p. 33-48.

_____. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008.

FONTANALS, María Lópes. Legalização da prostituição não atinge objetivos na Holanda. Disponível em: http://exame.abril.com.br/mundo/legalizacao-da-prostituicao-nao-atinge-objetivos-na-holanda/ Acesso em: março de 2017.

FOUCAULT, Michel. O que é um Autor? In: *Estética*: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 264-298.

FRANCELINO, Pedro Farias. *Autoria no gênero discursivo aula*: uma abordagem enunciativa. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Teses/pedro-francelino.pdf Acesso em: Dezembro 2016.

DIETER, Cristina Ternes. *As raízes históricas da homossexualidade, os avanços no campo jurídico e o prima constitucional.* Disponível em: www.ibdfam.org.br/_img/artigos/As%20raízes%20histórias%2012_04_2012.pdf. Acesso: Fevereiro de 2017.

HOUAIS, A. *Dicionário Houaiss:* sinônimos e antônimos. 2ªed. São Paulo: Publifolha, 2008.
LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003**.**

MARIANO, Ricardo. *Expansão Pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal.* Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a10v1852.pdf Acesso em: Janeiro de 2017.

MARIANO, Ricardo**.** *Os neopentecostais e a Teologia da Prosperidade*. Revista Novos Estudos, São Paulo, 1996.

MARTINS, Ailton. *Teologia do cuidado na perspectiva pentecostal*. Disponível em: file:///C:/Users/part/Downloads/5anptecre-15541.pdf . Acesso em: 19/01/2017.
MARTINEZ, Magdalena. *Legalização da maconha muda hábitos no Uruguai*. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/21/internacional/1445441950_042795.html. Acesso em: março de 2017.

NASCIMENTO, Ilderlândio Assis de Andrade. *Autoria em monografias de concluso de curso de Letras*: uma abordagem enunciativa. Disponível em: http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/7720/2/arquivototal.pdf Acesso em: Dezembro 2016.

ORLANDI, E. *Discurso e texto*: formulação e circulação de sentidos. São Paulo: Pontes, 2001.

_____. *Interpretação*: autoria, leituras e efeitos do trabalho simbólico. Rio de Janeiro: Vozes, 2001b.

_____. *Análise do Discurso*: princípios & procedimentos. São Paulo, Pontes, 2000.

_____. *Gestos de Leitura*: da história no Discurso. São Paulo, Editora UNICAMP, 1997.

POSSENTI, S. *Os limites do discurso:* ensaios sobre discurso e sujeito. Curitiba: Criar Edições, 2002.

_____. *Enunciação, Estilo e Autoria*. Revista FAEEBA, Bahia, Ano 1, Nº 1, 1992.

_____. *Indícios de autoria.* REVISTA PERSPECTIVA, Florianópolis, Vol 20, Nº01, 2002.

_____. *Notas sobre a questão da autoria.* Disponível em: www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga32/arqs/matraga32a13.pdf. Acesso em: Janeiro de 2017.

PROENÇA. Iara. *A Reforma Protestante no século XVI:* Processos, personagens e leituras. Disponível em: http://www.ftsa.edu.br/site/index.php/artigos/331-a-reforma-protestante-do-seculo-xvi Acesso: Outubro de 2015.

SILVA, Elias Coelha da. *Autoria na pregação religiosa neopentecostal.* Disponível em: http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/8556/2/arquivo%20total.pdf Acesso em: Dezembro de 2016.

SILVA, Erica Carvalho da; DIAS, Júlio Cesar Tavares. *Uma pregação pentecostal*. Revista Estudos de Religião – UNICAP, Pernambuco, v.1, nº 1, p. 81-95, jan/jun/2010.

SILVA, Severino Pedro da. *Homilética*: o pregador e o sermão. Rio do Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias, 1992.

STEELE, D. N.; THOMAS, C. *Os cinco pontos do Calvinismo*. Disponível em: http://www.baptistlink.com/creationists/5pontoscalvinismo.pdf. Acesso em: janeiro de 2017.

ROSAS, Nina Gabriela. *O desenvolvimento do neopentecostalismo Brasileiro*: esboço sobre a positividade da experiência religiosa nos dias de hoje. Disponível em: http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2013/01/art_ROSAS_neopentecostalismo.pdf Acesso em: 11/01/2017.

SOBRAL, Adail. *Do dialogismo ao gênero:* as bases do Pensamento do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Mercado das Letras, 2009.
_____. *A concepção de autoria do "Círculo de Bakhtin, Medvedev, Volochínov": Confronto e definições*. Revista Macabéa, Ceará, Vol. 1, Nº 2, 2012.

VOLOCHINOV, V. N. / BAKHTIN, M. M.. *Discurso na vida e discurso na arte*. Disponível em: http://pt.scribd.com/doc/96529004/M-Bakhtin-Discurso-Na-Vida-Discurso-Na-Arte. Acesso em: 10 de outubro de 2013.

VOLOCHÍNOV, M. N.. *Estrutura do enunciado*. [Tradução de Ana Vaz]. Disponível em: http://pt.scribd.com/doc/81664106/BAKHTIN-Estrutura-Do-Enunciado. Acesso em: 10 de outubro de 2013.

Referências dos sermões:

KIVITZ, Ed. René. *Sem fé é impossível agradar a Deus*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=by1ptczsM3E Acesso em: Julho de 2015**.**

JUNIOR, Paulo. *O crente e o mundo*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IVOLAD6gTjk Acesso em: Agosto de 2015.

ANEXO

NURC – PROJETO NORMA URBANA CULTA
Nas transcrições das entrevistas do PB (Português brasileiro):

Situação	Convenção
Qualquer pausa	...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )
Comentários do transcritor	((ruído))
Truncamento, interrupção discursiva	/ (ex.: a meni/ a menina vai fazer...; o menino/ a menina vai fazer...
Alongamento de vogal e consoante (como r, s)	: ou :: (se for muito longo)
Interrogação	?
Entonação enfática	Maiúsculas (Ex.: ela quer UMA solução, não qualquer solução)
Silabação	- - (Ex.: Eu estou pro-fun-da-men-te chateada)
Aspas	Discurso direto
Superposição, simultaneidade de vozes	[[(ligando as linhas) Obs.: Se o primeiro locutor continuar falando sem parar, apesar da superposição de vozes, colocar um sinal de = ao fim da linha e recomeçar, após a fala superposta, com um sinal de =, para indicar a continuação. Exemplo: L: eu gosto muito de histórias infantis... [sempre que eu = D: [sei L: = posso leio pros meus netos

Observações:
1. Iniciais maiúsculas só para nomes próprios (figuras públicas, locais etc.) ou para siglas.
2. Se houver nomes citados durante a entrevista (o nome do informante, por exemplo), usar os seguintes "códigos", para que seus nomes não sejam divulgados: LM, no caso de informante/ locutor masculino; LF, no caso de informante/ locutor feminino; D, no caso do documentador. Ex.:
D: bem... Maria... você trabalha? = D: bem... LF... você trabalha?
L: Silvia... trabalho demais da conta = L: D... trabalho demais da conta
Outras pessoas citadas serão identificadas por M. (no caso de masculino) ou por F. (no caso de feminino).
3. Fáticos: ah, eh, ih, oh, uh, ahn, ehn, uhn, tá, né, ó (=olha), pô. (Obs.: Diferenciar eh (marcador, interjeição) / é (verbo); né (marcador) / não é (verbo))
4. Números: por extenso.
5. Não se usa o ponto de exclamação.
6. Podem-se combinar sinais (::...).
7. Não se usam sinais da língua escrita (vírgula, ponto etc).
8. A transcrição não é fonética; deve-se seguir, em linhas gerais, a ortografia-padrão – qualquer pronúncia de você: "você, ocê, ce" = você; "dum, de um, duma, de uma" = de um, de uma; "pruma, pra uma" = pra uma; "prum, pra um" = pra um; "cantaru, cantarum" = cantaram; "cantum, cantaum" = cantam; etc. Registrar os grafemas finais de "falou", "tou"; "cantar", "saber"; "vamos" – independentemente da pronúncia.

Algumas concessões à pronúncia (usos muito cristalizados):
i) Registrar “da”, “do”, “na”, “no”, “num”, “numa”.
ii) Registrar “pra(s)/ pro(s)”, quando se fala “pra” e “pa” / “pro”; registrar “para” quando se fala “para”.
iii) Registrar as variantes de “estar” da forma como forem ditas, de fato, pelo informante: tá, tou, tava ou está, estou, estavam, etc.
iv) Registrar “vô” (= avô)
9. Antes da fala do documentador, colocar D: (se houver mais de um: D e D2)
Antes da fala do informante, colocar L: (se houver mais de um: L e L2)

Transcrição do sermão "Sem fé é impossível agradar a Deus", de Ed René Kivitz (Igreja Batista Água Branca), em evento do Instituto Raggai (organização cristã dedicada ao desenvolvimento de líderes, com o objetivo de mobilizá-los para serem melhores agentes do Reino de Deus na sociedade onde atuam).

Uma boa noite a todos... a graça e a paz de Jesus aos irmãos...
É sempre um honra... um privilégio... ocupar o púlpito... dos eventos do Instituto Haggai.... eu recebo todos os convites do Ebenezer Bitecour como uma convocação não como um convite.... então agradeço mais uma vez meu amigo... muito obrigado...
E também é constrangedor estar aqui depois de tudo quanto Deus já nos deu hoje à noite já conosco falou... mas pela fé... vejo o invisível (risos – preletor e plateia)... e imagino creio que o Senhor pode e ainda quer falar conosco... pela fé eu submeto os irmãos a esse sacrifício... pela fé tento compreender esse mistério (risos – preletor e plateia)...
Nós estamos em Hebreus capítulo onze... a porção da palavra que me cabe... é:: o trecho do capítulo onze, o verso quatro até o verso de número sete... eu tomo a liberdade de ler... a partir do verso primeiro... Hebreus capítulo onze... diz assim a palavra de Deus: "*Ora, a fé é a certeza daquilo que esperamos e a prova das coisas que não vemos. Pois foi por meio dela que os antigos receberam bom testemunho. Pela fé entendemos que o universo foi formado pela palavra de Deus, de modo que o que se vê não foi feito do que é visível. Pela fé Abel ofereceu a Deus um sacrifício superior ao de Caim. Pela fé ele foi reconhecido como justo, quando Deus aprovou as suas ofertas. Embora esteja morto, por meio da fé ainda fala. Pela fé Enoque foi arrebatado, de modo que não experimentou a morte; "ele já não foi encontrado porque Deus o havia arrebatado", pois antes de ser arrebatado recebeu testemunho de que tinha agradado a Deus. Sem fé é impossível agradar a Deus, pois quem dele se aproxima precisa crer que ele existe e que recompensa aqueles que o buscam. Pela fé Noé, quando avisado a respeito de coisas que ainda não se viam, movido por santo temor, construiu uma arca para salvar sua família. Por meio da fé ele condenou o mundo e tornou-se herdeiro da justiça que é segundo a fé".*
Vamos orar mais uma vez? Deus nosso pai... pedimos-te pelo teu espírito santo... dar-nos a tua palavra ainda mais e guiar-nos a toda tua verdade como o Senhor Jesus nos prometeu... Pedimos-te assim para glória do teu nome... em nome de Jesus amém...
O que é fé? é uma pergunta que... aparentemente é respondida pelo autor de Hebreus nesse versículo primeiro mas nos deixa ainda confusos com a resposta... fé é a prova das coisas que não vemos e a certeza daquilo que esperamos... esta linguagem da palavra de Deus nos coloca... diante de universo de possibilidades... e acredito... que o senso comum tem uma definição de fé que não é compatível com o que a palavra de Deus está nos orientando... o que se crer... ser a fé em geral? em geral se crer que a fé é uma profunda convicção de que algo vai acontecer ou... mais precisamente para nós... ter fé é acreditar muito que Deus vai fazer alguma coisa.... e este acreditar muito que Deus vai fazer alguma coisa está absolutamente relacionado às circunstâncias das nossas vidas... assim é que quando alguém nos pedem para orar por uma entrevista de emprego nós dizemos "vai na fé irmão".. "Vai na fé que a vaga é tua" (risos – preletor e plateia)... quando alguém pede que oremos por uma questão de saúde... e nos diz "amanhã vou ao médico buscar o resultado dos exames"... nós dizemos "vai em fé...

vai em fé o Senhor há de te curar”... quando alguém está... vivendo a sua crise conjugal... marido está fora de casa nos braços de uma amante ou... que infelizmente o que ocorre nos nossos dias... a esposa está fora de casa nos braços de um amante... nós dizemos “tenha fé, seu marido vai voltar sua esposa vai voltar” mas quando um de nós vive a trágica... experiência de ter um filho comprometido com as drogas,,, nos dizemos “tenha fé Deus há de resgatar o seu filho”... outro dia por exemplo eu assisti a um desse programas de televisão em que os nossos pastores estão... eu não sei direito o que eles estão... mas eles estão fazendo alguma coisa na televisão... e um desses pastores disse baseado... no texto profético que diz “VEDE o livramento que o Senhor fará”... ele disse: “Isso é fé”... “você tem que ver o livramento”... “ver que aquela vaga é sua”... “você tem que se enxergar sentada aquela mesa do escritório”... “você tem que ver... seu marido regressando”... “você tem que ver seu filho voltando”... “você tem que ver seu corpo curado”... “primeiro acontece aqui” disse o pregador, não confundam... estou citando... pelo amor de Deus eu estou citando... “primeiro acontece aqui... depois Deus faz acontecer”... “primeiro você tem que ver”... eu imaginei que poderia ser um seminário sobre neurolinguística... talvez isso... mentalização... projeção... mas era uma tentativa de explicação de fé... “Isso é fé”... fé é acreditar muito que Deus vai fazer alguma coisa... exemplo... “a fé é alavanca que move a mão de Deus”... já ouviu isso? “a fé é a alavanca que move a mão de Deus”... é citação da sabedoria popular não é minha definição... a fé é alavanca que move a mão de Deus... isto é Deus está parado... e então alguém usa a fé... e o braço de Deus então começa a se mexer para buscar o marido... levar a cura... trazer o jovem... (pastor representa corporalmente uma espécie de fantoche) você tá entendendo? veja eu não estou em absoluto... desdenhado desses conflitos da alma humana que fazem com que o ser humano caia de joelhos... não há oração mais legítima... do que um homem que deseja trabalhar... num país Como o Brasil e não tem oportunidade de trabalho... pedir a Deus oportunidade... alguém pode questionar a oração da mãe que clama pelo seu filho? jamais! aliás não se pode questionar oração de mãe qualquer que seja ela... alguém pode questionar a intenção de oração... de alguém que luta pela integridade de sua relação conjugal? alguém pode questionar a intenção de oração de alguém que luta pela própria vida? a questão não é essa... não é legitimidade de quem ora que está em discussão é o conceito de fé... a fé é acreditar muito que algo vai acontecer... a fé é acreditar muito que Deus vai fazer alguma coisa... a fé é alavanca que move a mão de Deus... e eu já ouvi coisas do tipo na mesma igreja... um morreu e o outro foi curado... “interseção faltou interseção”... eu como batista estou... em situação delicadíssima conseguirei arregimentar poucos intercessores os irmão da assembleia de Deus conseguirão arregimentar sempre mais... então o sujeito está concorrendo a vaga de emprego é batista tem um outro concorrente que é da assembleia de Deus (risos plateia)... conseguiu mais intercessores... ora tá certo conseguiu mais intercessores... agora/ ((você tá rindo porque é presbiteriano você fica na sua)) (risos – preletor e plateia) então veja bem... essa ideia de fé... é mais ou menos... eu fico pensando assim... o sujeito ora pra pra fazer Deus virar o jogo, né? um a zero dois a um três a dois quatro a três... e é aquela guerra de oração... isso para nós parece cômico aqui... mas são conceitos de fé e é assim que as pessoas estão orando... acreditando que a oração é um recur::so que convence a Deus a fazer o que a gente quer... e quanto mais fé a gente tem mais rápido a gente convence Deus fazer o que a gente quer... e ainda vem um pastor na televisão... e diz que a fé é a prova do que não vemos... e o firme fundamento do que esperamos e não vemos o marido no portão... só pela fé

o marido está no portão pela fé... e o que nós esperamos que ele volte para casa... ainda não voltou mas pela fé já voltou... bom... eu entendo que isso é de um equívoco e que precisa URGENTEMENTE ser corrigido na nossa realidade de caminhada com Deus e de experiência com Deus... porque isso é um equívoco? Primeiro porque é de uma prepotência DE arrogância sem precedentes... você imaginar que VOCÊ coloca Deus em movimento... e que VOCÊ sabe o que Deus tem que fazer...e que VOCÊ vai dizer a Deus qual a melhor saída qual a melhor alternativa para que o nome dele seja glorificado nas suas circunstâncias... "Deus... minha filha está doente... o Senhor tem que ir lá na minha casa... impor as mãos para que ela seja curada"... eu acho de uma sabedoria para não dizer de uma ironia... porque eu não consigo atrelar essa característica ao Senhor Jesus... mas é quase... que ele cura de costas a caminho da casa de Jairo... ora eu não preciso ir na sua casa eu não preciso impor aos mãos... você deu o jeito você deu a receita pra Deus você tá pensando que você é quem?

Segundo é um equívoco.... porque isso julga... ou pressupõe a passividade de Deus... Deus está parado... Deus não está fazendo nada ATÉ que seja incomodado pela oração da fé... não me parece ser essa a compreensão do Senhor Jesus quando diz o meu pai trabalha até hoje e eu também... todas as coisas são sustentadas pelas mãos do meu pai... tudo que existe foi criado por ele tudo que existe subsiste foi por ele... sem ele nada aconteceria e se ele tirar a mão tudo desmorona tudo se dissolve... então meu pai trabalha meu pai está trabalhando... terceiro é um equivoco porque pressupõe que o seu coração é mais comprometido com a realidade do que o próprio coração de Deus... pressupõe que você ama mais o seu filho do que Deus o ama que você ama mais a integridade do seu casamento do que Deus a ama... Deus está trabalhando na sua vida o tempo todo... Deus está cuidando do seu filho o tempo todo Deus está com mão sobre a sua cabeça o seu corpo o seu coração o seu pensar o seu agir o seu sentir o seu falar Deus conhece você inteiramente Deus está sobre você sustentando a sua vida o tempo todo... Deus cuida de passarinhos Deus cuida de flores quanto mais o quanto mais ele não estaria cuidando de você... então ele está cuidando... porque é que você ora não é para que Deus comece a cuidar... é para que você seja livre da ansiedade de que achar que ele não está cuidado... é só para isso... como se o meu filho fosse... ao meu quarto às 3h da manhã "papai teremos almoço amanhã papai?" eu levanto abro a porta e digo "sim filho teremos almoço amanhã... pode dormir" "ahhh bom papai eu pensei que se eu não estivesse vindo aqui Às 3h da manhã que o senhor não ia dar almoço para a gente amanhã"... "papai o senhor vai pagar o colégio amanhã papai?... papai o senhor vai pagar a faculdade amanhã papai?"... a responsabilidade de cuidar do filho é prorrogativa do pai... o problema não é que no dia seguinte o pai... não colocará o pão para repartir com seu filho... o problema é que o filho está ansioso e não consegue dormir... então não é que a oração coloca Deus em movimento... Deus está em movimento... não é que a oração traz o coração de Deus para as nossas causas... o coração de Deus está derramado sobre nós... são os nossos corações que não estão muito... alinhados com o coração de Deus... por isso que o apóstolo Paulo diz assim não andeis ansiosos por coisa alguma antes sejam em tudo conhecidas diante de Deus com petições súplicas e ações de graças e:: a paz que excede todo entendimento guardará os vossos corações e as vossas mente em Jesus... alguém poderia dizer "Paulo você naufragou porque você não orou... faltou intercessores para essa viagem missionária Paulo"... "DE NOVO preso Paulo? Impressionante você precisa de mais mantenedores de oração mais gente... de novo?" você sabe que o Paulo não gastava dinheiro com hotel (risos)... chegava na cidade pregava era

apedrejado e dormia na cadeia era viagem missionária barata... faltava interseção... faltava interseção... Deus não está parado... Deus não está menos interessado no mundo que você para que você mostre a preocupação do seu coração pra Deus pra ele faça alguma coisa... é um equívoco não apenas porque é arrogante porque pressupões a passividade de Deus porque julga que o seu coração e o meu coração são mais responsáveis que o coração de Deus... mas é um equívoco também porque isso é um projeto egocêntrico... é instrumentalizar Deus para que Deus faça acontecer aquilo que eu gostaria que acontecesse... e Deus poderia se debruçar sobre você e falar "eu imaginava... que ao andar comigo você tivesse preocupado em fazer acontecer as coisas que eu gostaria que acontecesse... e não que você estaria ajoelhado me perturbando a madrugada INTEIRA para que eu faça as coisas que você quer que eu faça... para que eu faça acontecer as coisas que você gostaria que acontecesse"... Isso é um projeto egocêntrico que está na contramão da nossa própria caminhada com Jesus... nisto conhecemos o amor de Deus em que Jesus amou primeiro e esse amor nos constrange a vivermos não mais para nós mesmos mas para ele que por todos nós morreu e ressuscitou.

Então não é mais a minha vontade não é mais o que eu gostaria que acontecesse... é a Tua vontade... o problema é que agente tem uma dificuldade danada com essa vontade de Deus... o sujeito que quer casar com a loirinha... e diz assim "Senhor, seja feita a tua vontade... pronto vou casar com a moreninha"... nós pensamos que Deus é um estraga prazeres... que o colocar seja feita a Tua vontade... é uma forma de dizer "pronto já sei que não vai"... nós temos que pedir com fé irmãos sem nada desse negócio de... tua vontade tem que ser com fé pra Deus fazer o que a gente quer e ver primeiro imagina? ... Isso é um equívoco... é um equívoco que a bíblia sagrada chama de feitiçaria... isso é manipulação de poder espiritual... isso é coisa de feiticeiro... quem manipula poder espiritual é feiticeiro... então isso é uma oração de feitiço... eu vou orar eu vou fazer uma oração forte para você e você vai ver... estava naquela igreja lá você ficou desempregado quanto tempo? Oito meses?" "vem pra mim aqui minha oração é forte... a gente fala e Deus obedece (risos plateia e do pregador)... isso é mais ou menos dizer assim: "aqui a gente sabe manipular poder espiritual INCLUSIVE o divino"... E nessa fala nós acabamos de transformar Deus num ídolo... porque Deus não é um poder manipulável... Deus não é um poder instumentalizável pela nossa vontade para o nosso prazer e a nossa satisfação por mais legítima que seja... a motivação da nossa oração por mais legítimo que seja o pedido que apresentamos a Deus... ele não é um poder manipulável... e quando pensamos que Deus é um poder manipulável nós o transformamos num ÍDOLO comparado a todos os outros ídolos... eu ouvi um outro pastor na televisão dizer o seguinte "Deus... seu eu tivesse pedido ao diabo ele já teria me dado"... isto é de uma... blasfêmia... e de uma insensibilidade... eu não como adjetivar isso mas de comparar Deus ao outro... e usar isso como argumento para que Deus se mobilize... tentar instrumentalizar Deus e chamar isso de oração de fé... palavra de ousadia... me lembro meu amigo me contou que foi a igreja... e... essas coisas que a gente faz nas férias... a gente vai senta lá para ouvir... aí o pregador diz "vou lhes ensinar a orar... vamos ler a palavra do filho pródigo."... meu amigo pensou "bom... pai pequei pequei diante dos céus contra ti... oração de confissão... o pessoal tá precisando mesmo de oração de contrição"... leu a parábola do filho pródigo o pregador disse "é assim que você tem que orar... chegue diante de Deus coloque o dedo na cara dele e diga pai dá-me o que é meu." (risos da plateia e do pregador)... "pai"... palavra de fé com autoridade... gente onde que nós vamos parar?... onde nós vamos parar?... se nós continuarmos ensinando ao

nosso povo... que buscamos a Deus com fé para que as nossas circunstancias sejam equacionadas... buscamos a Deus com fé para que Ele resolva os problemas da nossa vida... estamos dizendo... que Deus é passivo/ que é um ídolo que Deus e manipulável pela nossa oração e pela nossa fé... eu fico... eu fico a considerar o quanto é preciso... a mãe ajoelhada orando pelo seu filho enfermo... Deus olhando dizendo "Tá tá subindo um pouco essa fé... tá pouco não vou dar ainda não"... ora paciência irmãos... aí nos vemos aqui em Hebreus... as coisas que não vemos e as coisas que se esperam... quais são essas coisas?... o que foi que esses homens e mulheres de Hebreus 11 viram e esperaram?... eu não vou discorrer sobre isso vou ficar com Abel Enoque e Noé... mas... o que todos esses homem viram e esperaram em comum?... tem algo em comum... o quê?... nada se relacionava ao seu projeto de vida particular... tudo se relacionava ao reino de Deus ao processo histórico da redenção e a glória do nome do nosso Deus... não eram homens e mulheres ajoelhado em razão dos seu conflitos pessoais particulares e de suas circunstâncias de vida... eram homens e mulheres... ajoelhados em fé rendidos a Deus... esses três exemplos iniciais de Abel Enoque e Noé... me trouxeram um discernimento... no meu entendimento... Abel se relaciona a palavra "entrega"... "oferta" Abel ofereceu algo a Deus... ofereceu um sacrifício aceitável... ao Senhor... Enoque... no meu discernimento está relacionado a palavra "conhecer"... "intimidade"... Abel entrega Enoque... se dedica a conhecer... entregar conhecer e Noé?... "servir"... eu me pergunto se isso já na abertura do capítulo 11 não define a agenda da caminhada da fé?... entregar... conhecer e servir... eu entrego a Deus... a minha vida meu sonhos... os meus projetos de futuro... eu entrego a Deus... eu entrego a Deus e descanso... descanso mergulhado em Deus para andar com ele conhecê-lo...conhecendo a Deus conhecer-me... Andar com Deus é um fim em si mesmo... que extraordinário isso que/ esse tal de Enoque não fez nada... não fez nada... o cara não fez nada... fez o quê? nada... porque ele está aqui? porque andar com Deus é um fim em si mesmo... porque Deus não é meio para fins meios para fins são os ídolos... Deus é o fim em si mesmo... então eu ando com Deus até porque a vida eterna é essa que te conheçam a ti como único Deus e ao teu filho que enviaste... até porque a nossa grandeza de vida está em crescer na graça e no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo... é conhecer a Deus... e servi-lo... Faz uma arca... faço... é isso que o Senhor quer? é isso vou fazer... servir os propósitos de Deus... pois eu penso que é razoável que para servimos os propósitos de Deus eles precisam ser segregados ao nosso coração... para que os propósitos de Deus sejam segregados ao nosso coração então nós temos que abrir mãos dos nossos próprios propósitos... e uma vez que... temos essa experiência com o Senhor nós não temos alternativas senão levantarmos e agirmos a luz daquilo que o Senhor semeou em nossos corações... eu não sei quantos de fato acreditamos que a vontade do Senhor é boa perfeita e agradável... e que sempre será melhor do que a minha vontade... quantos de nós realmente discernimos que andar com Jesus é... morrer para si mesmo... quantos de nós discernimos que... de joelhos pela fé... nós dizemos Senhor estou aqui para te entregar... te ofertar... o meu filho o meu casamento a minha vida profissional... o meu ministério a minha voz a minha mente... a minha saúde... eu de minha parte não gostaria de perder nada disso... mas é uma grande tolice acreditar que tudo isso estar em nossas mãos... é essa rendição a Deus que diz assim eu sei... estou entregando... eu venho como Abel te ofertar... o que você quer? "nada Senhor... só o privilégio de andar contigo e responder a tua graça... porque nada do que me deres será mais... do que andar contigo e te conhecer... aliás todas as outras coisas eu considero como esterco... comparadas a excelência

do conhecimento do Senhor”... e lá ficamos... e ai então o Senhor se derrama sobre nós... e nós vencemos ou o Senhor derrota em nossas vidas o maior de todos os nossos adversários que não é nem o mundo... nem o diabo... é a carne... é esse espírito egocêntrico... porque essa é a essência da nossa conversão... deixarmos de viver para nós mesmos e vivermos para aquele que por nós morreu e ressuscitou... Assim o Senhor Jesus nos ensinou a orar seja feita a Tua vontade na terra como no céu... não apenas nos ensinou a orar mas assim viveu a minha comida e a minha bebida é fazer a vontade daquele que me enviou... e foi assim que no momento da sua maior agonia... o senhor Jesus orou se possível passa de mim esse cálice... todavia seja feita não a minha vontade mas a tua vontade... porquê? porque cremos que a vontade do Senhor é sempre boa perfeita e agradável... eu fico impressionado com essa história de John Haggai eu não conhecia esses detalhes... mas não é um homem orando por suas circunstâncias... é um homem dizendo “eis o meu filho eis a minha vida eis a minha casa eis os meus melhores anos é teu” e quebrado de joelhos está dizendo “Senhor me perdoa por não ter discernido a tua vontade... ter pretendido saber mais do que tu... ter planejado na tua frente... me perdoa”... por isso penso que... aquela fala de Hudson Taylor é absolutamente verdadeira... quando... aquele homem trás além ai a comida e aquele empresário... pede dinheiro emprestado para investir numa visão que nasce no coração de Deus... quando eu ouço essas histórias... é como se houvesse uma confirmação no meu coração das palavras de Hudson Taylor... a obra de Deus feita segundo a vontade de Deus jamais terá falta dos recursos de Deus... a obra de Deus feita segundo a vontade de Deus jamais terá falta dos recursos de Deus”... se a sua vida e a minha... forem obra de Deus... feitas segundo a vontade de Deus nós temos o privilégio de dormimos o sono dos justos porque enquanto dormimos o Senhor alimento seus filhos a quem ama a quem quer bem... nós chegamos diante de Deus como Abel para entregar tudo... nós ficamos na presença de Deus como Enoque... sem nada a desejar senão o Senhor nosso Deus e somos despedidos da presença de Deus com o privilégio de servir como Noé... nos seus dias pela fé... por isso que sem fé é impossível agradar a Deus... porque entregamos tudo a ele... e porque entregamos tudo a ele? porque sabemos que ele existe... e não temos medo de entregar tudo a ele porquê? porque sabemos que ele é galardoador abençoador cuidador libertador redentor restaurador... ele é recompensador daqueles que o buscam... Isso é fé... nós chegamos com Abel... nos prostramos como Enoque... e nos levantamos como Noé... nos entregamos a nós é dado o privilégio do conhecimento do Senhor o nosso Deus em Cristo Jesus pela mediação e ação do Espírito Santo... e nos levantamos para servir... pela fé... que assim o senhor nos abençoe amém.

Transcrição do Sermão "O crente o Mundo", de Paulo Junior, na festa de 50 anos do COMEPE, um dos primeiros e grandes movimentos para jovens Cristãos que surgiu na década de 60, cujo objetivo é ampliar a visão Cristã dos fiéis e formar líderes. A ministração foi realizada no congresso da COMEPE em fevereiro de 2015.

Boa noite a todos... Quero agradecer mais vez pelo... principalmente nesta festa de cinquenta anos do COMEPE pra mim para um privilégio... ter sido escolhido pra tá aqui novamente... é um sinal de que as pessoas aqui apreciam a palavra de Deus e o santo evangelho... eu gostaria de pedir a sua paciência eu vou procurar não demorar e... porque você já teve aqui apresentação musical já vai alta tarde... mas por favor quarenta ou cinquenta minutos no máximo eu vou incomodar você um pouco... tenha um pouco de paciência respeita o orador não levanta não vai embora antes de terminar porque Deus tem uma palavra pra você... Eu num vim aqui para jogar balde de água fria em ninguém... mas eu vim falar o que vocês precisa ouvir... o que você quer que eu pregue?... você quer que eu pregue o que você quer ouvir ou o que você precisa ouvir... (plateia – "precisa")... agora você não reclama você já falou o que quer... o pastor perguntou se vocês me amavam todo mundo disse que sim eu quero ver se até no final da mensagem vocês continua me amando... lembrando que crente não pode mentir viu... já falou que ama tem que me amar do jeito que eu sou... amém? (plateia "Amém")

Presta muita atenção você que tá aqui você que tá no telão... a mensagem que eu tenho... pra dizer a você... a sua concentração é importantíssima nesse momento.... por favor... a igreja cresce é com ensinamento quando ela assimila entende... se eu falar grego aqui ou em língua e bater na trave e gritar GOL... isso não te edifica edifica? O que edifica é a ciência o conhecimento... quando você assimila mastiga... digere compreende a palavra... é isso que salva liberta e transforma... presta atenção... na década de noventa... ocorreu uma conferência se eu não me engano na Inglaterra... de psicanálise e psicologia... essa conferência durou dias e dias e eles chegaram numa conclusão... preste atenção... que se tirar os limites do homem que se tirar do homem a LEI que se tirar da humanidades as regras o homem se torna uma animal o homem se torna um ser INSACIÁVEL... se tirarem as leis... as regras se tirar do homem os limites ele se torna insaciável e ele de autodestrói... entendeu? Se tirar leis contra drogas por exemplo é/ contra o pudor... todo tipo de lei deixar o homem a solta pra fazer o que ele quer ele sempre vai querer ir mais longe... sempre vai querer vencer seus limites se tornando INSACIÁVEL até a autodestruição... Vai ver por exemplo... o império romano... o império romano durou cinco séculos... sabe o que foi que destruiu o império romano um dos impérios mais poderosos... a imoralidade... a maioria dos imperadores eram homossexuais e

depravados sexualmente... foi um governo libertino sem regra sem lei... a devassidão a cultura greco-romana permeou o império romano o que que aconteceu? Roma caiu pela imoralidade foi destruída... na época da união soviética... os bolcheviques você sabe que o viés da união soviética é o ateísmo é ateu... teve uma época que eles proibiram o casamento dizendo "o casamento é coisa cristã" ... na nossa na nossa constituição não existe casamento sabe o que começou a acontecer? os homens se relacionavam com as mulheres engravidavam não tinha compromisso do matrimônio... foi tendo mulheres e mais mulheres grávidas mãe sem pai sem família... foi destruindo a família quase que a nação veio a baixo... tiveram que restituir o casamento novamente... porque senão toda União Soviética iria se arruinar... você tá vendo na Holanda liberação das drogas da prostituição? você tá vendo no Uruguai liberação da maconha?... olha o que aconteceu esses países estão se perdendo se destruindo... tá havendo tá havendo índice de suicídio estupro depravação homicídio assassinato depressão sabe porquê? Porque estão tirando a lei do homem REGRAS e ele quer mais ELE QUER MAIS porque que você acha que tem overdose? Porque ele tenta uma dose outra dose outra dose ele se satisfaz com a cocaína com a maconha com o craque e tenta uma porção duas três quatro e tem umaover.. uma super uma dose acima do normal e ele morre... tem uma convunção uma parada cardíaca uma parada respiratória... é assim... então pra que que servem as leis quando beber não dirija... não é proibido beber por maior de dezoito anos é proibido dirigir em alta velocidade numa via é::: pública... Que que essa lei tá fazendo hãn? É proibido isso é proibido aquilo "as leis tiram a minha liberdade eu quero ser livre... eu quero pegar o meu carro dar cento e oitenta duzentos e vinte eu quero dirigir sem sinto... eu quero beber uma latinha uma garrafa uma caixa de cerveja e dirigir... eu quero me casar ((eu com trinta e cinco anos)) com uma menina de doze... eu quero fazer sexo com crianças... eu quero" mas não pode é proibido... tá tirando a sua liberdade? pra quê que a lei foi posta? Para Pro-te-ger o homem... quando a lei diz para dirigir com o sinto ela não tá tirando tua liberdade é que num eventual acidente o sinto vai impedir você de ser arremessado pra fora do carro e bater com sua cabeça no para-brisa e quebrar o pescoço e ter uma morte instantânea... a placa de limite de velocidade tá dizendo 60 por horas porque se houver um atropelamento ou colisão num velocidade de sessenta o risco da fatalidade é menor... tá dizendo para não dirigir bêbado porque o reflexo de uma pessoa que está sobre o efeito de álcool diminui mais de cinquenta por cento ele não tem condição de guiar um automóvel... colocando em risco a vida de pedestre e dele mesmo... é isso que a lei faz... você tá me entendendo olha pra mim principalmente os jovens "onde o Senhor quer chegar, pastor?" Na lei de Deus... A lei de Deus tem NÃO a lei de Deus tem NÃO PODE a lei de Deus tem LIMITES a porta que o

crente anda é estreita o caminho que o crente anda é estreito... LEIS MADAMENTOS ESTATUTOS PRECEITOS que dizem para você: “você NÃO PODE se vestir do jeito que você quer... você NÃO PODE frequentar qualquer lugar... você NÃO PODE se relacionar com qualquer pessoa... você NÃO PODE usar a boca para pronunciar qualquer palavra... você NÃO PODE ter qualquer tipo de atitudes” a Bíblia tem leis para igreja... mandamentos para serem obedecidos e eles não são para tirar sua liberdade... quando vem um pregador quer ensinar doutrina e quer ensinar santidade a igreja ninguém quer saber todo mundo quer tirar o pé do chão todo mundo quer festa ai vem alguém ensinar lei... esse cara é chato retrogrado... não... Qual é o propósito dos mandamentos? colocar limite na igreja para que ela não se autodestrua... proteger o povo de Deus do mundo de satanás e do pecado... é isso que a lei de Deus veio fazer... Você tá entendendo? quando ele diz coloque o sinto não é para que você fique sem liberdade no automóvel... é pra proteger você da morte... quando Jesus diz se o teu olho te faz pecar arranca-o não é porque ele que lhe ver sem um olho caolho... é porque ele diz que é melhor entrar sem um olho no céus do que ir com o corpo todo para o inferno... é isso que ele tá dizendo... deixa esse olho pecar então... você quer liberdade deixa esse olho pecar... vai entrar com ele no inferno... quando Jesus disse: em verdade em verdade vos digo... não adulterarás... eu porém vos digo quando olhardes para uma irmãzinha sensual que veio indevidamente vestida no COMEPE e desejar ela em teu coração já adulterou com ela... Jesus tá dizendo para não olhar não é porque ele não ama vocês é porque é pecado... é porque ele quer por limites em você... é isso.... Romanos doze diz o que? vamos ver se igreja sabe “rogo-vos pela compaixão de Deus que apresentei vosso corpo como sacrifício vivo santo e agradável a Deus que é o vosso culto racional e não vos conformeis com esse século mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento”... presta atenção no que Paulo está ensinando para mim pra você pros crentes... presta atenção... não vos conformeis a esse MUNDO... esse “conformeis” não está falando de conformidade algo na TV do mundo “ah me conformei”... não nos amoldeis é que Paulo está dizendo não se conforme não se amolde EM HIPÓTESE ALGUMA SEJA COMO O MUNDO É... rogo-vos ele tá dizendo ali uma palavra de rogo... conjuro imploro suplico choro me quebranto me consterno pedindo a igreja NÃO SE CONFORMEM COM O MUNDO NÃO SEJAM IGUAIS AOS ÍMPIOS NÃO COPIEM O SEU MODO DE VIVER PALAVRA DO SENHOR...

Agora o que é que tá acontecendo? vem cá...que petiqui é esse que frenesi que é esse... que foguinho que é esse... que desejo que a igreja tem de se parecer com mundo... meu Deus do céu parecemos viuvinhas... parecemos orfãozinhos e::: pobres rejei/ “ai não temos identidade temos que seguir a malhação... temos que seguir o ritmo da moda dos estilistas ímpios... não

podemos ser feinhos... desprezados então temos que usar calças com o cofrinho de fora temos que ter carro importado temos que pintar o cabelo de quinze cores temos que ser igual o mundo" que que isso?... que necessidade que essa de ser igual ao mundo? é isso que a igreja tá fazendo... quando Deus olha dos altos céus pra terra... o que que ele diz em Malaquias e vereis a diferença entre o justo... e o ímpio entre o que serve a Deus e o que não serve a Deus... quando Deus olha hoje....ele ver alguma diferença?... que necessidade é essa de ser igual ao mundo?..."eu quero namorar igual ao mundo quero usar calça coladinha igual o mundo... eu quero usar os mesmo verbos do mundo quero namorar igual mundo quero me vestir tudo com cores cortes modas que é feita por estilistas homossexuais ateus e satanistas... eu quero me vestir igualzinho"... eu sou homem mas não quero me vestir como homem não quero me vestir como uma terceira classe nem mulher nem homem na terceira... olhe pra você... você é a noiva de Cristo ataviada adornada sem ruga sem mancha nem MÁCULA? MEU IRMÃO DEIXA EU TE DIZER A GRANDE CARACTERÍSTICA DO POVO DE DEUS É QUE ELE NÃO SE PARECE COM O MUNDO ELE É DISTINTO DO MUNDO ELE É INVULGAR...

Eu vou dizer uma agora... alguém já ouviu falar do doutor Martyn Lloyd Jones... se ocê não ouviu compra todos os livros dele que você puder... ele diz assim o maior método de evangelismo que a igreja possui... sabe qual é? o seu testemunho... e essa conversa maldita desgraçada endemoniada que diz que temos que ser igual ao mundo para atrair o mundo... isso e antibíblico isso é ateológico isso não é escriturístico... ele escreve no livro dele assim... o maior método de evangelismo é o testemunho.... e sabe o que atrai o ímpio?... é ver na igreja algo que ele não ver em lugar nenhum... um povo santo um povo puro um povo feliz um povo cheio do espírito santo um povo diferente... e quando eles veem/ o ímpio ver que na igreja tem pessoas que não são como eles.... aquilo atrai ímpio... "eu quero essa paz que você tem eu quero esse padrão de moralidade que você tem eu quero essa pureza que você tem eu quero ser como você é"... agora quando a igreja adota ser igual ao mundo para trazer o mundo a igreja fica mundana e nenhum pecador se converte... no fim da segunda guerra a igreja católica tentou fazer isso... pegar os refugiados da guerra e os padres começaram a andar no meio dos refugiados da segunda guerra dos soldados começaram fumar beber ir pra festa... os padres... pra atrair aquele povo... sabe o que aconteceu?... ninguém se converteu... quando a igreja é sal da terra luz do mundo quando a igreja é distinta o pecador olha aquela luz olha aquele caráter e diz eu preciso daquilo aquilo é um exemplo... NÃO SEJAMOS COMO O MUNDO... você que trouxe bíblia abra em Thiago quatro quatro... Thiago capítuloquatro ... Thiago quatro verso quatro "Infiéis... ((em outras traduções adúlteros)) não compreendeis que

a amizade do mundo é inimiga de Deus? aquele pois que quiser ser amigo do mundo constitui-se em inimigo de Deus”... aquele que tem uma ligação emocional forte com o mundo... aquele que ama as coisas do mundo é inimigo de Deus... meu irmão você não está vendo a clareza do versículo? Infiéis vocês não sabem que a amizade do mundo é inimiga de Deus portanto todo aquele eu for amigo do mundo tiver relacionamento com mundo exalando o perfumo do mundo se vestindo como o mundo tendo formato e características do mundo vai se tornar o inimigo de Deus... Isso é sério... porque que queremos tanto adorar o mundo?... porque queremos servir exalar o seu perfume suas cores suas facetas sua moda... porque nós veneramos tanto esses sistema falido esse sistema adúltero esse sistema pedófilo esse sistema caído... por que estamos tendo essa necessidade de sermos como eles... nós somos o povo de Deus... meu irmão quando Deus separa Israel o quê que ele faz? eu elegi você Israel pra separado das nações pagãs... Israel era um povo eleito pra ser separado quando Deus entrega a torá a Moisés a lei aquela lei estava dando distinção a Israel... pra não se misturar com os povos pagãos... quando Deus derrama sua ira em Israel qual foi a causa?... vós estais fazendo como os outros povos pagãos... Israel começou a idolatria o que é idolatria?... é a mesma forma de adoração dos Cananeus... Israel estava copiando a forma de adorar ímpia pagã mundana e Deus não tolera isso e puniu Israel derramando a ira... o povo de Deus não pode imitar a forma ímpia... não pode servir os deuses ímpios... senão vocês vão suscitar a ira de Deus... Eles serviam Baal Rinfá Astarote eles serviam meu irmão os balins... quem eram esses deuses? deuses pagãos deuses ímpios... eles começaram misturar-se com as mulheres pagãs... eles começaram a casar com mulheres pagãs... Deus derramou sua ira... toda vez que um crente se associa com um ímpio Deus se ira... não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis diz o SENHOR.... o desejo de Deus para o povo dele desde Israel é que fosse um povo santo... separado... distinto dos costumes dos usos pagãos... agora por que que vocês está procurando lá fora?... por que é que você está procurando?... “Pastor mas existem mandamentos para minha vestimenta?” Primeira carta de Paulo a Timóteo... que o vosso traje seja com modéstia moderação com pudor... a Bíblia descreve um padrão para a vestimenta da mulher e do homem ((eu tava alí vendo o monte de homem com a camisa desabotoada e peitão cabeludo de fora... eu falei isso aqui é uma igreja?))... meu Deus do céu isso é a casa de Deus... temos que ser distintos... O SEU CORPO É TEMPLO DO ESPÍRITO SANTO... O traje feminino e masculino é DECÊNCIA É ORDEM É MODERAÇÃO É MODESTIA... lei?... “pra que é que tem essa lei? pra deixar eu feia?”... não confunda beleza com sensualidade... mostrar teu corpo não significa que você é bela que você é bonita... mas a mulher bonita não necessita ser sensual... sensualidade é uma coisa... beleza é outra... você

pode linda bonita elegante bela fina sem ser SENSUAL...HÁ LEIS... existem leis pra roupas... existe uma lei pra palavra... o quê?... "Eu não posso falar qualquer coisa?" NÃO... Efésios quatro vinte nove... não saia da vossa boca nenhum palavra torpe mas somente aquela que for boa promova e-di-fi-ca-ção para aqueles que a ouvem... TEM uma lei pra as palavras... SEJA vossas palavras sempre agradáveis temperadas com sal falando uns entre os outros com hinos salmo e cânticos espirituais... da boca de crente só sai aquilo que edifica... tem regra... agora o que que o crente tá falando?... primeiro ele tá mentindo... portanto deixai a mentira e falai a verdade cada um para o outro porque somos membros uns dos outros... a Bíblia diz que o diabo é mentiroso e pai da mentira... apocalipse vinte e um oito diz que não herdarão o reinos dos céus os sodomitas os cães os feiticeiros e todos os men-ti-ro-sos... a nossa boca só proclama a verdade do evangelho... não usamos a boca para mentir... segundo... a boca do crente é pra falar coisa que edifica... ele tá mentido... lembrando que aumentar e diminuir é mentira de todo o jeito... Já viu aquele irmão? "quanto que é aquilo?... e::: sei...hãn? por ai..." seja o vosso falar sim sim e não não o que passar disso é de procedência MALIGNA... use a sua boca para promover edificação... use sua boca para proclamar o evangelho da graça... quantas vezes você abriu a boca esse ano para testemunhar do evangelho no seu colégio? Me diz?... tem leis pra a nossa palavra pra a nossa verbalização... tem leis para o lugar e as pessoas que a gente anda... abra comigo em segunda Coríntios seis... vamo ver... segunda Coríntios seis... segunda carta ao Coríntios capítulo seis verso quatorze... segunda carta ao Coríntios seis verso quatorze... "não vos ponhais em jugo desigual com os incré::dulos porquanto que sociedade pode haver entre a justiça e a iniquidade ou que comunhão das luzes e das trevas... que harmonia entre Cristo e o maligno ou Belial ou que união do crente com o incrédulo... que ligação há entre o santuário de Deus e os ídolos... porque nós somos santuário do Deus vivente como ele próprio disse habitarei e andarei entre ele serei o seu Deus e eles serão o meu povo... por isso retirai-vos do meio dele... separai-vos diz o Senhor não TOQUEIS em nada imundo e eu vos receberei serei vosso pai e vós serei meus filhos e filhas diz o Senhor TODO PODEROSO"... SAÍ DO MEIO DELES NÃO TOQUEIS NADA IMUNDO, diz o Senhor... eu não posso nutrir uma amizade com ímpios... eu não posso ter um relacionamento amoroso com ímpio... eu não posso frequentar uma casa de show ímpia... tá aqui... eu não posso... a relação do crente com o mundo... ela não é de acolher o mundo ela é de brilhar sobre o mundo... Filipenses dois quinze... para que brilheis como astros e estrelas no meio de uma geração corrupta e perversa... você nessa terra só tem um propósito brilhar sobre a escuridão do diabo... brilhar sobre a escuridão do pecado... brilhar sobre as trevas que jaz nesse mundo... eu não posso... "pastor então eu não posso ter nenhuma espécie de amizade

só da igreja?”... eu não disse isso... você não pode ter intimidade... a pessoa que você abre sua vida expõe sua intimidade é ímpia? tá errado... você conta seus segredos... o melhor amigo do peito é ímpio? tá errado... você não pode... “pastor tá havendo agora uma... uma secularização gospel evangélica”... como assim? “ahh a gente pode ouvir uma música evangélica, mas também Pink Floyd... pode ouvir um beathes... pode ouvir ai um sepultura metálico um Iron Mayden... pode ouvir Zezé de Camargo e Luciano Thon Carreiro... pode ouvir”... PRO INFERNO COM ISSO... UMA OVA... É O QUE TÁ DIZENDO SAÍ DO MEIO DELES E NÃO TOQUEIS NADA IMUNDO... NÃO TOQUE NESSAS COISAS FUJA DESSAS COISAS É PECADO...“Pastor e na televisão... a gente pode assistir tudo?”... você ainda tem televisão? porque até o que era bom não presta mais... a notícia os jornais é tudo manipulado...você vai lá é porque agora descobriram que a cenoura é bom para o câncer... ai você vai ver que não é nada... é que eles contrataram.... eles fizeram uma acordo com o produtor rural... faz assim óh “fala sobre a cenoura que me a venda vai subir trezentos por cento e eu dou tanto milhões”... ai o Willian Bonner vai lá... a Globo arrecada dez milhões de reais e o Willian Bonner fala da cenoura... no outro dia... ela vendeu cem toneladas de cenouras só porque falou que ela é boa para isso... mentira... tudo manipulado... tudo mentiroso... programas imorais... novelas minisséries filmes sanguinários profanos e adúlteros pornografia... você tá consumindo isso?... isso é padrão do mundo... o mundo bebe iniquidade Jó capítulo quinze como se fosse água... nós abominamos as telenovelas abominamos esses programas indecentes esses programas de auditório abominamos a pornografia a sensualidade a prosmiquidade... se tem uma maquina que é a maior máquina de conformar o homem ao mundo é a televisão... tudo que não presta todo lixo meu irmão é evacuado na sua sala no momento em que você liga e o crente não tem pacto com essa programação ímpia... SAI do meio deles... “por que é que pecado pastor?”... primeira carta de João abre lá antes da carta de apocalipse... primeiro João... pega apocalipse e volta... primeira carta de João... capítulo dois... primeira João dois verso quinze... “não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo... ok? Você leu a primeira frase... isso aqui é lei, ordem para você... não ameis o mundo nem as coisas que nela há... ah, mas pastor se por ventura eu amar?...vamos lá... se alguém amar o mundo o amor do pai não está nele porque tudo o que há no mundo é concupiscência da carne dos olhos e soberba da vida não procede do pai mas do mundo... ora o mundo passa bem como a sua concupiscência aquele porém que faz a vontade de Deus permanece eternamente”... vamos ler de novo o 15 “não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo se alguém amar o mundo é uma evidência de que não é salvo”...vem cá deixa eu te contar um segredo... sabe qual a palavra grega para amar o mundo?... não ameis o mundo... você tem que

entender que a Bíblia foi traduzida... pra gente a tradução do hebraico para o grego... o novo testamento foi traduzido escrito originalmente no grego... o grego dá a ideia mais profunda... a tradução nossa por um padre João Ferreira de Almeida foi feita no século dezoito... e nem sempre a tradução é fiel ao original... não ameia o mundo a palavra ameis amor sabe o que significa?... vem cá... agora eu vou pegar você... não acolheis com alegria... amar aqui acolher com alegria... "ai você viu a calça da Paola Oliveira eu quero igualzinha"... você ver a calcinha apertada do Cristiano Ronaldo? "eu acolho com alegria"... "ele separou da terceira eu também vou largar"... "você viu esse negócio de virgindade? Tá por fora" "Dezoito anos virgem... huhuhuhu... cuidado em? dezenove é virgem ainda? Hummmmmmmm" acolher com alegria... se alguém acolhe com alegria as tendências do mundo o modo de viver o modo operante do mundo... acolhe com alegria recebe a última novidade do mercado... e se veste daquilo o amor do pai não está nele há grande evidência de não haver conversão... isso é muito sério... não ameis o mundo nem o que há no mundo... irmão que paixão doentia é essa que nós estamos tendo pelo mundo?... a questão não é você poder fazer ou não... "eu quero pintar meu cabelo de lilás eu quero... eu quero fazer lipoaspiração botox cirurgia plástica eu quero virar a Hebe Camargo"... você pode virar a Hebe Camargo... você vai rir até não querer hehe... você riu agora você vai chorar a questão não é você querer... filho, eu vou te dizer uma coisa... você quer fazer faz mas fazer mesmo o que tiver vontade...o cristianismo não é isso presta atenção... o cristianismo não é eu mandar você "Para de fazer isso"... tá bom... cristianismo sabe o que que é?... o Senhor não precisa mandar eu parar de fazer eu não gosto de fazer... "pastor você acha que eu quero ser igual a essas piriguetes da Rede Globo? Essas paniquetes da rede tv?... o senhor acha que eu quero ser como essas bissexuais lésbicas endemoniadas... eu tenho nojo eu quero ser como as santas mulheres de Deus piedosas santas cheias do espírito santo...eu quero ser como DÉBORA eu quero ser como ESTER quero ser como RUTH quero ser como ANA".... "pastor o senhor acha que eu quero ser como esses caras... o senhor acha que eu quero ser como Neymar...o senhor acha que eu quero ser como esses BOIOLAS afeminados frouxos mariquinhas o senhor acha que eu quero ser popstar que anda até assim? misericórdia... "eu quero ser um homem de Deus eu quero ser como Moisés Elias Paulo João Batista Josué Elizeu Davi... pode aplaudir bem forte... meu irmão olha aqui... silêncio só porque eu vou falar agora depois você pode explodir... quem tá no telão lá também... presta atenção... eu num sei se o que eu vou falar vai mexer com todo mundo mas tem uma meia dúzia aqui que vai mexer... eu sei que tem... uma meia dúzia que tá aqui por causa disso Deus trouxe aqui para isso... Joel capítulo dois... verso vinte e oito... Deus faz uma promessa... e a há de ser que nos últimos dias derramei do meu espírito sobre toda

carne... vossas filhas vossos filhos profetizarão vossos jovens terão visão e vossos velhos sonharão... Atos capítulo dois cumpriu a profecia... e cumprindo-se o dia de pentecostes estavam todos assentados reunidos no mesmo lugar... de repente veio do céu um vento veemente impetuoso e encheu toda a casa e eles começaram a orar em línguas conforme os espírito concedia que orasse e todos foram cheios do espírito santo ((calma segura))... sabe quantas pessoas tinham lá pastor André? cento e vinte pessoas... qual que é o título do evento olha lá pentecostes... depois daquele dia o planeta terra nunca mais foi o mesmo... aquelas cento e vinte pessoas alvoraçaram o mundo inteiro... Pedro passava e a sobra de Pedro curava... os lenços e aventais de Paulo curava... o primeiro sermão de um pescador analfabeto que não sabia escrever o nome ((Pedro assinava assim o::: quando pedia maiúsculo fazia assim)) o primeiro sermão dele ele ganhou TRÊS MIL ALMAS... o segundo sermão ele ganhou CINCO MIL ALMAS... em dois sermões ele ganhou o COMEPE quase inteiro... Estevão um jovem a Bíblia dia que onde passava fazia sinais e maravilhas... João Thiago e vai... tinha uma cara da Silícia chamado um tal de Saulo Judeu e Fariseu da tribo de Beijamim... ele vê Jesus na estrada de Damasco... Ele fala assim "Dá um continente pra mim" "Tá bom vai para Ásia" Ele revira a Ásia de cabeça para baixo... esses caras chaqualharam o MU:::NDO... esses deixaram Cesar louco Herodes doido Ponciofesto o rei Agripa... eles mexeram com o império romano foi uma loucura... sabem quantos tinha lá? cento e vinte... quantos nós devemos ter aqui mais ou menos? oito dez mil aqui... lá tinha quantos? cento e:::? cês podem mudar a história do Estado de Goiás... cês podem tomar essa cidade toda pra vocês... vocês podem impedir o que ninguém pode impedir o povo quer pular quer namorar quer fornicar quer pecar... mas se tiver jovens aqui que querem o FOGO O PODER DO ESPÍRITO SANTO ELES VÃO MUDAR O MUNDO... eles vão mudar o mundo... oito mil dez mil pessoas... cheias do espírito santo ((ah se Deus trouxesse o pentecostes novamente... ah se o pentecostes ocorresse novamente... ah se Deus inflamasse Anápolis esses quatro cinco dias e visitassem pessoas que caíssem de joelhos pedindo MAIS MAIS DE DEUS SANTIDADE PUREZA PENDINDO PODER PEDINDO DONS PEDINDO ALMAS... ESSE LUGAR SERIA ESTREMECI::DO:::))... pra encerrar abra comigo em Ezequiel... Ezequiel... trinta e seis.... Ezequiel trinta e seis... verso vinte e dois... "disse portanto a casa de Israel assim diz o senhor não é por amor de vós que eu faço isso casa de Israel mas pelo meu santo nome que profanastes as nações para onde fostes.... reivindicarei a santidade do meu nome que foi profanado entre as nações o qual profanastes no meio delas... saberão que eu sou Senhor diz o Senhor Deus... quando eu reivindicar a minha santidade perante elas ((verso vinte e quatro)) tomar-vos-ei dentre as nações e vós congregareis de todo os países e vos

trareis para a vossa terra”... então o primeiro vinte e quatro... “tomar-vos-ei dentre as nações”... ele vai tirar do meio dos ímpios ele vai tirar do meio do mundo/ a conversão quando ocorre a primeira coisa é se desligar do mundo... verso vinte cinco “então aspergirei água pura entre vós e ficarei purificados de todas as vossas imundícies e de todos os vossos ídolos vos purificareis... dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós o meu espírito... tirarei de vós o coração de pedra e vós darei um coração de carne porei dentro de vós o meu espírito e farei com que andes nos meus estatutos e guardeis os meus juízos e os observareis” até ai...eu vou terminar com isso... é uma profecia a respeito do novo pacto... a nova aliança... não é para Israel essa aliança... e diz aqui o::: “Farei” é pro futuro... pra quem que é essa profecia? é para a igreja... pra mim pra você... no que consiste a profecia? tirar-nos do meio das nações... dos ímpios... tirar-nos do mundo... do sistema... da aparência ... depois que ele tira ocorre um fenômeno engraçado aqui... “pegarei água e borrifarei sobre vós e vos purificareis de vossas imundícies pecados abtos sujos perversos e purificarei dos vossos ídolos”... futebol é um ídolo os atores são ídolos a vaidade é um ídolo... namoro é um ídolo dinheiro é ídolo carros são ídolos profissões são ídolos diplomas... tudo que parece com o mundo...o novo pacto consiste em tirar de nós os ídolos... a avidez pelo mundo... a paixão pelo mundo... o desejo doentio por esse sistema caído e perverso...a maior evidência de que você é um salvo é que você odeia o mundo foi separado do mundo não anda como o mundo você é distinto do mundo... e o mundo vai se converter quando olhar para você e não achar ele... mas achar a beleza e o perfume de Cristo... achar o amor de Deus e PODER DO SANTO EVANGELHO... ALELUIA... é isso que Deus vai fazer... existe alguém santo aqui? só dez pessoas? existe alguém santo aqui? existe alguém aqui que odeia o mundo? existe alguém aqui que quer um pentecostes na sua vida? então coloque-se de pé... alguém aqui pode tocar alguma coisa? teclado... seja o que for... cê vai fechar seus olhos agora... cê vai dizer para Deus me faz diferente do mundo... eu não quero ser como mundo e não quero ser como o ímpio eu não quero amar o mundo... feche seus olhos... toda igreja de olhos fechados em reverência ore agora é o desfecho da mensagem... esse momento é importante ore feche seus olhos... vou pedir que o pastor André ore agora e encerre esse momento... Ele vai orar por vocês agora...